



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Prática de Ensino Supervisionada
Educação Visual (9ºAno)
Indisciplina - estratégias de (re)solução.

Vera Lúcia Francisco Silva

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino das Artes Visuais no 3ºciclo do Ensino Básico e Ensino
Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutora Fátima Maria Oliveira Caiado
Coorientador: Prof. João Paulo Forjaz Trigueiros

Covilhã, junho de 2013

Agradecimentos

Um agradecimento especial aos meus pais que me apoiaram incondicionalmente e tornaram possível a concretização desta meta académica.

Pela amizade, paciência, apoio e transmissão de competências pedagógicas o meu franco agradecimento ao professor João Paulo Trigueiros.

Pelo apoio, disponibilidade e acompanhamento durante todo o processo, o meu agradecimento à professora Fátima Caiado.

Por último, à Escola Secundária Quinta das Palmeiras e a toda a comunidade escolar, o meu agradecimento pelo acolhimento e cooperação.

Resumo

O presente relatório de estágio é o resultado de uma investigação denominada “Indisciplina - estratégias de (re)solução” e a respetiva aplicação, dos métodos recolhidos, numa turma com estas características.

O relatório divide-se em duas partes distintas: a primeira dedica-se à investigação, com recurso a fontes bibliográficas variadas e a segunda contém a descrição da prática pedagógica supervisionada na Escola Secundária Quinta das Palmeiras, na Covilhã.

O tema de investigação está diretamente relacionado com a prática desenvolvida em estágio. Este surgiu com a atribuição de uma turma de 9ºano que detém comportamentos indisciplinados e para a qual não existiam respostas efetivas de resolução. O ponto central da pesquisa é exatamente a procura de soluções e correção de comportamentos com recurso a um vasto conjunto de estratégias.

Em relação à prática pedagógica foram realizadas variadíssimas atividades dentro da comunidade escolar que serão retratadas individualmente, tal como, a evolução e resultados da turma durante o ano letivo.

Ambas as componentes, prática e teórica, deste relatório são acompanhadas de um enquadramento prévio, dividido em duas partes: a primeira possui informações relevantes diretamente relacionadas com a investigação e a segunda engloba aspetos relacionados com a prática pedagógica.

O presente relatório descreverá toda a prática letiva desenvolvida durante o ano letivo 2012/2013 supervisionada pelo professor João Paulo Trigueiros, tal como todas as reflexões e aprendizagens obtidas neste percurso.

Palavras-chave

Prática de ensino supervisionada, Educação Visual, Indisciplina, Estratégias

Abstract

This internship report is the result of an investigation called "Indiscipline - strategies (re) solution" and their application methods collected in a class with these characteristics.

The report is divided into two distinct parts: the first deals is a research using only various literature sources and the second contains the description of supervised teaching practice at School Quinta das Palmeiras, in Covilhã.

The research topic is directly related to the practice developed stage. This came with the award of a class of 9th grade who holds unruly behavior and for which there were no responses effective resolution. The focus of research is precisely the search for solutions and correcting behaviors using a wide range of strategies.

In relation to teaching practice were conducted extensive range of activities within the school community to be portrayed individually, such as the progress and results of the class during the school year.

Both components, theoretical and practical, this report is accompanied by a prior framework, divided into two parts: the first has relevant information directly related to the investigation and the second encompasses aspects related to teaching practice.

This report will describe the whole teaching practice developed during the school year 2012/2013 supervised by Professor João Paulo Trigueiros as all reflections and learnings obtained in this way.

Keywords

Supervised teaching practice, Visual Education, Indiscipline, Strategies

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Palavras-chave.....	v
Abstract	vii
Keywords	vii
Índice	ix
Lista de Figuras.....	xi
Lista de Tabelas	xiii
Lista de Acrónimos	xv
Introdução	1
Capítulo I - Investigação Bibliográfica	3
1.1. Pertinência da investigação	3
1.2. Conceito geral de indisciplina	4
1.3. O adolescente e a escola	5
1.4. Indisciplina de adolescentes na sala de aula.....	7
1.4.1. O professor face à indisciplina	10
1.4.2. O aluno indisciplinado	13
1.4.3. Principais causas e fatores.....	15
1.5. Resposta à indisciplina	24
1.5.1. Os cinco grandes erros, que contribuem para a indisciplina	24
1.5.2. Estratégias de correção e eliminação de comportamentos indisciplinados	26
1.6. Considerações finais da investigação.....	37
Capítulo II - Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada	39
2.1. A educação artística no currículo do Ensino Básico.....	39
2.2. Análise do programa de Educação Visual do 3ºciclo do Ensino Básico.....	40
2.2.1. Finalidades, objetivos e observações do programa de Educação Visual	40
2.2.2. Conteúdos.....	43
2.2.3. Metodologia geral	43
2.2.4. Avaliação.....	44
2.2.5. Recursos.....	44
2.3. Análise das metas curriculares de Educação Visual do 9ºano	45
2.4. Caracterização do contexto escolar	50
2.4.1. A escola Secundária Quinta das Palmeiras	50
2.4.2. O grupo de Artes Visuais	52
2.4.3. O núcleo de estágio	53
2.4.4. Caracterização da turma	54
Capítulo III - Prática de Ensino Supervisionada	57
3.1. Prática pedagógica	57
3.1.1. Apresentação.....	57

3.1.2. Diagnóstico	57
3.1.3. Construção da capa	58
3.1.4. Atividade: Planos (UT: Espaço, Luz)	58
3.1.5. Atividade: Stop motion (UT: Espaço. Luz)	61
3.1.6. Atividade: Representação do espaço (UT: Espaço).....	67
3.1.7. Autoavaliação do 1ºperíodo	69
3.1.8. Atividade: Projeção de um espaço (UT: Espaço, Estrutura)	69
3.2. Aulas assistidas das colegas de estágio	75
3.3. Reuniões assistidas	76
3.3.1. Reunião geral da turma de estágio.....	76
3.3.2. Reuniões do núcleo de estágio.....	77
3.3.3. Reuniões do grupo das artes.....	77
3.3.4. Reuniões do grupo das expressões	77
3.4. Atividades extracurriculares desenvolvidas	78
3.4.1. Atividades de Tempos Livres	78
3.4.2. Evento <i>Street Art</i>	82
3.4.3. Visita de estudo a Gouveia	89
3.4.4. Visita de estudo ao Departamento de Ciências e Tecnologias Têxteis da UBI.....	92
3.4.5. Visita de estudo a Lisboa.....	96
3.4.6. Clube das artes	98
3.4.7. Exposição no centro comercial	99
3.4.8. Exposição no centro tecnológico	100
3.4.9. Entrega de prémios Lions	101
3.4.10. Aulas de apoio de Educação Visual	102
3.4.11. Festa da Primavera - Palmeiras Fashion	103
3.5. Considerações finais da PES.....	105
Conclusão	107
Bibliografia	109
Índice de anexos	113
Índice de apêndices	115

Lista de Figuras

<i>Ilustração 1:</i> Representações dos alunos sobre a escola (Souza, Freitas, & Castro, 2011)	6
<i>Ilustração 2:</i> A indisciplina - professor (Gomes, Silva, & Silva, 2010)	10
<i>Ilustração 3:</i> O conceito de indisciplina visto pelos alunos (%) (Gonçalves, 2009)	14
<i>Ilustração 4:</i> Pais e filhos	16
<i>Ilustração 5:</i> A escola de ontem e de hoje (Filho, 2009)	16
<i>Ilustração 6:</i> Metas curriculares do 9ºano - Técnica (Rodrigues, Cunha, & Félix, 2012)	45
<i>Ilustração 7:</i> Metas curriculares do 9ºano - Representação (Rodrigues, Cunha, & Félix, 2012)	46
<i>Ilustração 8:</i> Metas curriculares do 9ºano - Discurso (Rodrigues, Cunha, & Félix, 2012)	47
<i>Ilustração 9:</i> Metas curriculares do 9ºano - Projeto (Rodrigues, Cunha, & Félix, 2012)	48
<i>Ilustração 10:</i> Planta da escola Secundária Quinta das Palmeiras (Mendes, 2011)	51
<i>Ilustração 11:</i> Resultados obtidos no teste de diagnóstico	58
<i>Ilustração 12:</i> Trabalhos dos alunos na atividade - planos	60
<i>Ilustração 13:</i> Correção de comportamentos indisciplinados - aula teórica	63
<i>Ilustração 14:</i> Correção de comportamentos, colocação do braço no ar para falar	64
<i>Ilustração 15:</i> Atividade stop motion	66
<i>Ilustração 16:</i> Início da aula	70
<i>Ilustração 17:</i> Primeira fase da atividade	71
<i>Ilustração 18:</i> Estratégias utilizadas	72
<i>Ilustração 19:</i> Resultados dos alunos na atividade: projeção de um espaço	74
<i>Ilustração 20:</i> Exercício criativo com rolhas e palitos	78
<i>Ilustração 21:</i> Construção de marcadores de livros	79
<i>Ilustração 22:</i> Instruções para fazer um porta-moedas	79
<i>Ilustração 23:</i> Atividade de Halloween	80
<i>Ilustração 24:</i> Realização do presépio	81
<i>Ilustração 25:</i> Recorte criativo	81
<i>Ilustração 26:</i> 1ª fase do mural	84
<i>Ilustração 27:</i> Trabalhos efetuados na área da arte urbana	85
<i>Ilustração 28:</i> Noções básicas	85
<i>Ilustração 29:</i> Experiências a desenhar	86
<i>Ilustração 30:</i> Observação da realização do grafiti pelos alunos	86
<i>Ilustração 31:</i> Evolução da obra	87
<i>Ilustração 32:</i> Notícia sobre o evento num jornal local	88
<i>Ilustração 33:</i> Resultado final do mural	88
<i>Ilustração 34:</i> Visita ao museu Abel Manta	90
<i>Ilustração 35:</i> Auto-retrato de alguns alunos daqui a 25anos	90
<i>Ilustração 36:</i> Retrato criativo de Abel Manta feito por alguns alunos	91
<i>Ilustração 37:</i> Visita ao Parque Ecológico	91
<i>Ilustração 38:</i> Visita à área de produção de tecidos	94

<i>Ilustração 39: Visita ao atelier de prototipagem</i>	95
<i>Ilustração 40: Apresentação de noções básicas de moda</i>	95
<i>Ilustração 41: Apresentações dos trabalhos dos alunos de moda</i>	96
<i>Ilustração 42: Visita a Lisboa</i>	98
<i>Ilustração 43: Faixa e bandeira feitas no clube das artes</i>	99
<i>Ilustração 44: Montagem da exposição</i>	100
<i>Ilustração 45: Exposição no CTE</i>	101
<i>Ilustração 46: Entrega dos prémios Lions</i>	102

Lista de Tabelas

<i>Tabela 1:</i> Causas da indisciplina (género) (Gomes, Silva, & Silva, 2010)	22
<i>Tabela 2:</i> Causas da indisciplina (grupo etário) (Gomes, Silva, & Silva, 2010)	23
<i>Tabela 3:</i> métodos contra a indisciplina (Gomes, Silva, & Silva, 2010)	27

Lista de Acrónimos

PES	Prática de Ensino Supervisionada
ATL	Atividades de Tempos Livres
NEE	Necessidades Educativas Especiais
DCTT	Departamento de Ciências e Tecnologias Têxteis
UBI	Universidade da Beira Interior
PAE	Projeto Educativo Escola
PAA	Plano Anual de Atividades
MUDE	Museu do Design e da Moda
UT	Unidade Temática

Introdução

O presente relatório surge no âmbito do mestrado de Ensino das Artes Visuais da Universidade da Beira Interior, nomeadamente da experiência pedagógica na disciplina de Educação Visual, numa turma do 9ºano, na Escola Secundária Quinta das Palmeiras na Covilhã. Este contém também uma investigação de cariz bibliográfico relativo à (re)solução de problemas de indisciplina na escola, com o objetivo de melhorar a atividade docente da autora deste relatório. A pesquisa em causa é desenvolvida a partir de diversas perspetivas teóricas e constatações práticas de diversos docentes e especialistas na área da educação, tendo como principal foco a faixa etária da adolescência.

As componentes, teórica e prática, deste relatório, estão diretamente relacionadas por se procurar nos diversos tipos de bibliografia, as respostas às perguntas e incertezas, que surgem durante a prática pedagógica.

Este relatório procura, portanto, localizar formas de superação dos desafios que surgem diariamente, nomeadamente no que diz respeito ao comportamento e atitudes dos alunos. Para o efeito foram recolhidas todas as informações relevantes, de modo a serem definidas estratégias objetivas e planos de ação. Genericamente é efetuada uma sequência lógica iniciada com a definição da faixa etária sobre a qual recai todo o desenvolvimento do relatório. Para que exista alguma coesão é feita uma pequena apresentação da problemática da indisciplina, num âmbito geral, e em particular é focada a sua incidência no meio escolar. Para que a autora deste relatório obtivesse respostas práticas de combate à indisciplina, fortemente registada na turma atribuída no processo de ensino supervisionado, foi necessário analisar uma série de assuntos: o professor, como elemento constituinte do processo ensino aprendizagem, é uma das figuras mais afetada pelo comportamento dos alunos e torna-se crucial refletir o seu papel face à indisciplina; para responder aos problemas que surgem com a prática é necessário conhecer e refletir sobre a postura e as características do aluno indisciplinado; como qualquer problemática é essencial uma ponderação das causas e fatores que provocam os desvios às regras, sendo que a pesquisa recai sobre a família, os alunos, a turma, o Estado, a escola, os professores e a sociedade; com o conhecimento de todos os intervenientes é necessário procurar respostas, analisando os principais erros cometidos pelos professores; e, finalmente, é imprescindível encontrar uma série de estratégias práticas, capazes de solucionar diversas manifestações de indisciplina.

Em relação à prática pedagógica, esta foi acompanhada pelo professor cooperante, Dr. João Paulo Trigueiros, que aceitou e comprovou o sucesso de algumas estratégias recolhidas durante o processo de investigação bibliográfica. No decorrer do ano letivo, a autora deste relatório, procedeu à aplicação da maioria das estratégias recolhidas durante a pesquisa, corrigindo os comportamentos dos alunos e adaptando a sua prática. Este relatório contém, assim, a descrição de todos os ajustes feitos e os resultados obtidos com a informação recolhida.

Ao longo do ano letivo a professora estagiária lecionou a maioria das aulas de modo a criar uma ligação mais próxima com os alunos e facilitar a introdução de estratégias. A disciplina lecionada apresenta uma carga horária de cento e trinta e cinco minutos semanais, dividida em dois blocos de noventa e quarenta e cinco minutos, respetivamente.

Este relatório contém também a descrição das diferentes atividades desenvolvidas tanto para os alunos das turmas lecionadas por professoras estagiárias, como para toda a comunidade escolar.

Para que haja um entendimento global da área disciplinar lecionada e do meio onde foi desenvolvido todo o processo de estágio, este relatório, apresenta também a análise do programa da disciplina lecionada e uma interpretação de alguns elementos relacionados com a educação artística. Em relação à prática, é feita uma caracterização dos intervenientes no processo de estágio e uma reflexão sobre alguns documentos essenciais que regulam o funcionamento do mesmo.

O presente relatório procura ser um contributo no combate a uma problemática muito comum, a indisciplina, demonstrando o que pode ser feito, efetivamente, na prática pedagógica. Toda a componente teórica foi utilizada durante o percurso de estágio, comprovando que é possível encontrar soluções.

Capítulo I - Investigação Bibliográfica

1.1. Pertinência da investigação

Nos últimos anos temos assistido a uma crescente incidência da indisciplina na sala de aula e os professores confrontados com esta problemática procuram formas de a corrigir/eliminar. A prova mais evidente deste acréscimo é o aumento das vendas dos livros que se referem a este tema e é fácil comprovar a elevada procura consultando as livrarias, que não conseguem acompanhar o ritmo dos pedidos. Os professores procuram respostas e muitas vezes as edições que adquirem explicam o fenómeno mas não lhes dão o que realmente procuram: como proceder na prática.

As principais questões que desencadearam a investigação foram: Em caso de turmas problemáticas como é que o professor pode controlar a indisciplina dos alunos? Quais as estratégias a utilizar? Será que as estratégias existentes produzem resultados na prática? Todas as estratégias podem ser utilizadas com qualquer aluno indisciplinado?

O caminho a seguir terá que se dividir em duas fases: a primeira dará resposta às duas primeiras questões que poderão ser respondidas com recurso a meios bibliográficos muito variados, e a segunda consiste na comprovação dos métodos e estratégias identificados na primeira fase, que serão descritos com base na prática em estágio, no capítulo III.

Para reduzir o foco procurar-se-ão respostas para a faixa etária correspondente à adolescência, o que implica a caracterização da mesma, por coincidir com as idades dos alunos da turma e por, inevitavelmente, se tratar da fase mais crítica do desenvolvimento humano.

O trabalho está organizado com o intuito de levar estratégias concretas que possam ser utilizadas por todos os docentes. Mas, para que estas se tornem um recurso válido, é necessário que exista: um conhecimento realista da problemática, dos seus intervenientes e as suas causas.

Com esta investigação pretende-se criar uma visão muito prática da intervenção que pode ser feita através de diferentes estratégias contribuindo para que, professores que sintam as mesmas dificuldades, consigam dar resposta a estas situações.

1.2. Conceito geral de indisciplina

Proveniente do latim a palavra indisciplina é apresentada no dicionário como: “*Falta de disciplina; desobediência; rebelião*” (Priberam Informática, S.A, 2012). Este vocábulo está associado ao incumprimento das regras previamente estabelecidas por um grupo, com indicação dos valores e normas a seguir. Mas, o desrespeito pelas regras, nem sempre pode ser considerado como um comportamento indisciplinado, pois este pressupõe o prejuízo de outrem. (Maia, 2011)

Torna-se extremamente difícil definir quais os comportamentos indisciplinados devido à grande versatilidade do ser humano. A disciplina, que está diretamente relacionada com a indisciplina, representa um conjunto de regras comuns a um determinado grupo numa determinada época, e por esse motivo não podem ser comparados comportamentos indisciplinados sem ter em consideração o contexto onde se inserem. (Estrela, 2002)

A disciplina pressupõe a interiorização de valores que ao serem quebrados dão origem à indisciplina. Este processo prevê que o sujeito possui, na sua constituição mental, um mecanismo de alerta ao qual o educador recorre para reestabelecer as regras.

Recorrendo a literatura específica podem ser encontrados termos como: «comportamentos por oposição», «comportamentos disruptivos» ou «comportamentos desviantes», todos estes vocábulos são utilizados como referência a comportamentos indisciplinados e surgem devido à pluralidade dos acontecimentos. É importante frisar, também, que os comportamentos incorretos não são apenas acontecimentos de teor negativo, são responsáveis pela preparação do indivíduo face a variadíssimos problemas (Silbereisen, Noack, & Reitzle, 1987).

O ser humano encontra na disciplina, uma forma de integração em grupos e na indisciplina uma sobreposição aos seus semelhantes.

1.3. O adolescente e a escola

A fase da adolescência é geralmente definida como o ponto intermédio entre a infância e a idade adulta. Esta etapa da vida de cada individuo situa-se na faixa etária dos doze aos vinte anos e é marcada por uma série de alterações a vários níveis (Coll, Marchesi, & Palacios, 2004).

Do ponto de vista educacional os adolescentes são os que mais procuram o desafio da autoridade e das regras. Pretendem geralmente a aceitação dos outros e desejam ser tratados como adultos sem que tenham ainda maturidade cognitiva para tal, o que gera muitas vezes comportamentos indisciplinados e revolta. Nestas idades, tão controversas, os professores e pais têm um papel fundamental na sua formação, tal como a escola, enquanto instituição (Vieira K. L., 2004).

A evolução dos adolescentes é facilmente percecionada pelas suas alterações físicas e estas são responsáveis, por vezes, por falsas interpretações por parte de quem interage com eles no dia-a-dia.

Os adolescentes vivem num turbilhão de sentimentos que nunca para. Carr Gregg (2003) compara esta fase com um passeio na montanha russa, onde se verificam diferentes reações. Alguns passam por todas as fases em constante depressão, outros vão sentindo algumas dificuldades apenas em determinados momentos e o professor, como elemento constante na vida do adolescente, deve estar preparado para responder aos picos de humor e às incertezas constantes dos seus alunos. Para tal é importante conhecer as principais características das três fases da adolescência:

➤ A primeira fase denomina-se pré-adolescência e demarca o fim da infância. Nesta o adolescente procura encontrar uma identidade muito própria e encontra alguns problemas de socialização devido à dependência que tem dos adultos. As alterações hormonais são mais evidentes nesta fase, facto que o professor deve ter em conta. As raparigas tendem a procurar mais entretenimento, distraíndo-se mais e provocando momentos de confusão, e os rapazes desenvolvem-se a nível físico, considerando que têm força para enfrentar os adultos. É nesta variação corporal que surgem habitualmente as primeiras manifestações de violência e indisciplina na escola, pois estes consideram-se capazes de impor a sua vontade recorrendo à nova fisionomia. Também o relacionamento entre alunos sofre grandes alterações, são criados diversos grupos com padrões diferentes e os jovens que não possuem todos os “requisitos” são imediatamente excluídos. Os critérios de exclusão passam pela forma como falam, como se vestem, do tipo de música que ouvem, etc. (Vieira K. L., 2004);

➤ A fase intermediária é a mais marcada pela experimentação de coisas novas. Na procura da sua identidade passam por várias práticas, tentam inserir-se em diversos grupos e encontram, nos amigos, a sua verdade absoluta. Nesta fase a família não tem qualquer poder de persuasão sobre o jovem e este limita-se a fazer o que acha correto, seguindo o seu grupo de amigos. O adolescente sente-se capaz de fazer tudo e confronta

professores e família com as suas vontades, não corrigindo os seus comportamentos e agindo sempre sob a proteção e apoio do seu grupo (Salvador, 2003);

➤ A última fase, conhecida como pós-adolescência, é marcada pela definição concreta da sua personalidade e das suas ambições. Os jovens procuram o seu próprio espaço e delimitam o seu trajeto, procedendo a escolhas profissionais e pessoais. Após todo o percurso anterior, voltam a dar maior importância à família e professores, procurando o seu apoio nos diversos momentos. É nesta fase que buscam relacionamentos mais sérios e que deixam os pensamentos incoerentes, passando a analisar a vida de uma forma mais construída (Vieira K. L., 2004).

Apesar da adolescência, no geral, se tratar de uma fase de revolta com a escola e família, alguns estudos comprovam que os estudantes não têm essa percepção. Souza, Freitas, & Castro (2011) procuraram saber a opinião dos alunos em relação à escola, atribuindo a classificação de positiva ou negativa e os dados foram bastante claros como se pode observar na ilustração 1.

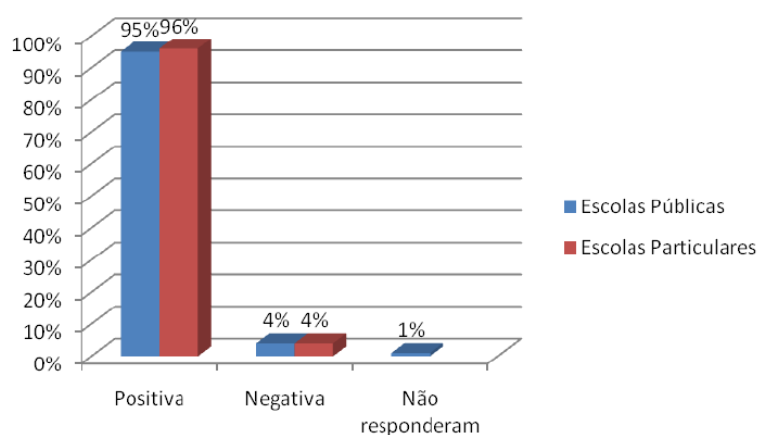


Ilustração 1: Representações dos alunos sobre a escola (Souza, Freitas, & Castro, 2011)

Tanto nas escolas públicas como privadas, a resposta dos alunos foi bem clara, estes têm uma perspectiva positiva da escola, apesar de, dentro da sala de aula, criarem grandes dificuldades aos professores. Estes resultados podem estar relacionados com a definição que cada aluno tem de «escola». Para a maioria dos adolescentes esta instituição representa momentos de socialização e de bem-estar com os amigos.

A escola é a representação de um modelo social onde os jovens aprendem regras e costumes que tentam quebrar, experienciando as diversas consequências.

1.4. Indisciplina de adolescentes na sala de aula

O ensino no início do século XX apresentava-se, ao nível comportamental, muito semelhante ao ensino militar. A escola era apenas destinada às classes sociais mais altas, o professor era encarado como a autoridade dentro da sala de aula e como detentor de todo o conhecimento. Este era responsável pelo cumprimento rígido de todas as regras impostas pelo sistema escolar e os alunos respeitavam-no sentindo-se absorvidos por toda a sua sabedoria. Qualquer aluno que apresentasse um comportamento indisciplinado era severamente castigado e servia de exemplo para todos os outros. Nessa época só os mais audazes se atreviam a fugir às regras e eram vistos pelos restantes como heróis (Pina, 2011).

Com o decorrer das décadas o professor passou a ter um estatuto menos relevante na sociedade e os alunos deixaram de se sentir motivados, o que gerou a primeira grande vaga de indisciplina. Esta queda de autoridade deveu-se sobretudo a todo o contexto tecnológico que se desenvolveu e que tornou o exterior mais atrativo do que a escola (Pina, 2011).

Nas últimas décadas do século XX a indisciplina tornou-se um fenómeno bastante frequente nas salas de aula e as manifestações começaram a ser cada vez mais criativas, difíceis de controlar e, infelizmente, violentas. A partir dos anos 90 os alunos começaram a desenvolver comportamentos indisciplinados, em grupo, colocando por vezes uma turma completa sobre o desrespeito das regras (Garcia, 1999). Os alunos chegam mesmo a combinar estratégias de humilhação do professor e perturbação da aula.

A indisciplina, no contexto escolar, apresenta-se como um fenómeno muito subjetivo, que se centra, geralmente, na falta de limites por parte dos alunos, conduzindo muitas vezes ao insucesso escolar. A grande dificuldade surge na identificação, o que para um professor pode ser considerado como um comportamento disruptivo para outro, pode não ser (Gonçalves, 2009).

Segundo Andrade, Miranda, Borges, Lucena, & Mendes (2010) a indisciplina na sala de aula surge com a violação de dois tipos distintos de regras: as regras morais e as regras convencionais. O primeiro tipo está diretamente ligado à ética, e o segundo diz respeito às regras previamente estabelecidas por um determinado grupo.

A indisciplina é vista por vários autores (Lopes & Rutherford, 2001) como acontecimentos que se verificam com grande frequência, perturbando todo o processo de aprendizagem. Esta não é necessariamente um ato violento e ocorre durante a interação dos diferentes sujeitos no âmbito de sala de aula. Getzels e Thelen referenciado por Arends (2001) apontam dois aspetos presentes no grupo-turma que influenciam diretamente a ocorrência de comportamentos disruptivos: todos os elementos são reunidos com o mesmo objetivo, a aprendizagem; e o grupo é criado a nível administrativo, sendo-lhe pedido que formem um só elemento. Neste conjunto de interações existem ainda características influentes no decorrer da aula, tal como assinala Doyle (1986): durante o processo de aprendizagem existe uma multiplicidade de situações, a acontecer ao mesmo tempo, às quais o professor precisa dar resposta; o docente tem que desempenhar, diversas funções, ao mesmo tempo; devido ao elevado número de sujeitos confinados a um espaço, os acontecimentos subvertem-

se uns aos outros e torna-se necessária uma resposta rápida; os acontecimentos, de sala de aula, não são previsíveis o que coloca, no professor, alguma tensão; o docente está, constantemente, sobre o olhar dos alunos sendo construídos comportamentos indisciplinados na tentativa de desafio da autoridade; e o grupo está com o professor durante tempo suficiente para criar normas e rotinas, sendo o primeiro impacto o mais importante. Amado (2001) considera, ainda, influentes na sala de aula: o facto de os alunos estarem integrados num sistema de ensino obrigatório que impõe a frequência às aulas mesmo que esta não seja a sua vontade, e a integração num currículo padrão criado para um todo sem considerar a individualidade de cada sujeito.

Muitos investigadores, como Klotz (2010) acreditam que a indisciplina é um fenómeno que surge essencialmente na fase da adolescência e que perturba toda a sociedade e não apenas os professores. Estrela (2002) entra em concordância com este autor afirmando que o período mais incidente deste tipo de comportamentos se situa entre os treze e dezassete anos de idade, sendo que a idade pior se localiza aos catorze e quinze anos, por se tratar da fase mais crítica da adolescência. Lopes (2001) admite também que o problema da indisciplina é mais evidente ao nível do 3º ciclo tal como constata alguns estudos nesta área, nomeadamente o de Santo (1994) que diz respeito à frequência com que acontecem os comportamentos indisciplinados, focando-se em turmas do 7º e 9º anos. Amado e Freire (2002) também procuraram prever o ano escolar em que ocorrem mais comportamentos disruptivos e, nas suas conclusões, admitem que do 7º para o 8º ano existe um acréscimo, sofrendo uma ligeira melhoria na passagem para o 9º ano.

Nas escolas, atualmente, os comportamentos por oposição são considerados como procedimentos de caráter individual. O aluno é responsabilizado pelo seu próprio comportamento sem que sejam considerados os diferentes fatores causadores de tais atitudes (Maia, 2011). A conduta indisciplinada de cada aluno é formada com influência de tudo o que o rodeia, se o sujeito cresce numa sociedade, como a atual, cujos valores se vão degradando a cada dia, este adquire comportamentos inadequados. O adolescente serve-se de toda a sua experiência e de todos os exemplos que lhe são transmitidos, por pais e professores, para desenvolver a sua própria personalidade.

Na reflexão sobre a problemática, da indisciplina na sala de aula, Amado (2001) identifica três tipos distintos: desvio às regras; conflitos aluno-aluno e conflitos professor-aluno. No primeiro caso é considerada a transgressão de regras que perturbam o bom funcionamento da aula, o segundo tipo diz respeito aos problemas que surgem da relação entre alunos, e o terceiro remete para comportamentos incorretos que colocam em causa a autoridade do professor.

No meio escolar, muitas vezes, os professores procuram atribuir aos comportamentos indisciplinados razões médicas ou psicológicas encaminhando-os para fora da escola (Amado J. S., 2001). Com esta atitude é suprimido o problema, na sala de aula, mas a indisciplina do aluno não é eliminada e, considerando que todos os alunos são obrigados a frequentar a escolaridade obrigatória, os problemas identificados anteriormente por um professor numa

determinada escola serão replicados em todos os estabelecimentos de ensino que o adolescente frequentar.

Os principais organismos responsáveis pela regulamentação das escolas colocaram nestas a responsabilidade de dar resposta a todos os problemas que surgem, facto que contribui para o agravamento destes. O professor, como elemento constituinte da escola, ficou responsável por todos os acontecimentos dentro da sala de aula incluindo os problemas disciplinares, sendo-lhe retirados ao mesmo tempo poder de ação e autoridade pelos organismos superiores.

A escola e o professor não devem ser responsabilizados pela totalidade dos problemas comportamentais ocorridos. Esta tendência extrema de atribuir responsabilidades a um determinado grupo faz com que se verifique, com grande frequência, a desculpabilização dos comportamentos indisciplinados verificados na sala de aula (Oliveira, 2009). Outro dos acontecimentos comuns é a culpabilização do professor, por parte dos pais, que consideram que este é responsável pelo cumprimento total das regras previamente estabelecidas. O professor pode conseguir manter a turma em silêncio e em ordem durante determinado tempo, até se pode verificar esse comportamento durante toda a aula, mas basta um pequeno movimento ou uma pequena palavra para que imediatamente seja alterada a atitude dos alunos. Depois de instalada a confusão é possível voltar a restabelecer a ordem mas a turma não se apresentará tão passiva como da primeira vez (Silveira, 2007).

De facto, o docente deve estabelecer as regras para os grupos com quem trabalha mas num sistema que, coloca trinta indivíduos numa sala de aula torna-se difícil gerir a diversidade de personalidades que se encontram, ainda, em definição. Estes jovens apresentam-se na escola como recetores de informação e esta visão compromete a criação de opinião própria e de espírito crítico. O professor deve procurar motivar o aluno e encaminhá-lo para a formação de raciocínio independente, tornando a participação na aula uma realidade constante. Com construções mentais próprias os alunos acabam por mostrar mais interesse durante todo o processo de aprendizagem mas, se a escola adotar o sistema não participativo por parte do aluno, como modelo disciplinar, então todas atitudes e comportamentos participativos serão tomados como fuga às regras e, portanto, como comportamentos indisciplinados. Oliveira (2009) defende que os jovens devem ser parte integrante da sociedade não apenas cumprindo os seus deveres mas também reivindicando os seus direitos, conhecendo as barreiras do que é justo e injusto. É essencial que a escola defina os limites do que considera aceitável dentro da sala de aula, para que estes comportamentos sejam punidos e corrigidos, enunciar apenas que os alunos devem respeitar as regras não resolve nem clarifica o que pode ser considerado um comportamento indisciplinado (Sampaio, n.d.). É importante também frisar que a indisciplina nem sempre se verifica em todas as aulas, esta ocorrência varia consoante o professor e a matéria lecionada (Salvador, 2003).

Amado (2000) defende que a indisciplina evolui com a redução dos elementos implicados mas que a intensidade das ações tomadas pelo aluno vai aumentando com o passar

do tempo. Para que este nível de incumprimento não evolua para um estado insustentável é necessário que se localizem as razões que originam estes comportamentos (Silva, 1999).

1.4.1.O professor face à indisciplina

Os professores atualmente vêm-se desmotivados quando têm que encarar uma turma indisciplinada, à qual terão que dar resposta não apenas a nível de comportamento mas também de aprendizagem e não são apenas os professores inexperientes que sentem estas dificuldades, os mais experientes também não sabem como fazer face à situação (Amado & Freire, 2002).

Gomes, Silva, & Silva (2010) realizaram um estudo com o intuito de analisar a indisciplina como um problema escolar. Este teve como base um inquérito e um questionário destinado a professores, alunos do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e representantes dos encarregados de educação da escola Básica Egas Moniz em Guimarães. Os resultados obtidos relativamente à opinião docente são bastante significativos como se pode observar no gráfico 1. Cerca de 66% dos professores revelam que a indisciplina é um problema no meio escolar, 21% não concordam e 13% não têm uma opinião formada sobre esta problemática.

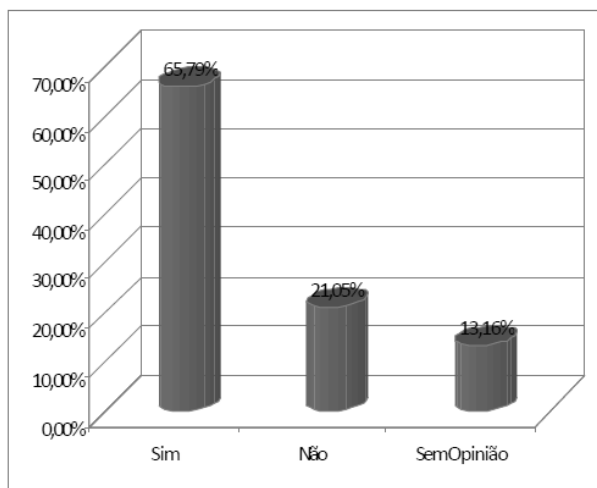


Ilustração 2: A indisciplina - professor (Gomes, Silva, & Silva, 2010)

Muitos professores justificam os níveis de indisciplina atuais considerando que os alunos de hoje são mais desrespeitadores dos que de há umas décadas atrás e que escola é responsável, em parte, por esses comportamentos por permitir demasiado. A grande maioria defende ainda que os pais não impõem limites durante o crescimento o que compromete toda a sua formação enquanto cidadãos (Silveira, 2007).

No contexto escolar surgem alguns problemas associados à indisciplina: os professores não conseguem aproveitar todo tempo útil pois, parte da aula é destinada às tentativas constantes de travar a indisciplina e é comum assistir à conversa paralela. Os jovens agrupam-se geralmente com quem se identificam mais e, segundo Antunes (2002) o professor

deve aproveitar o diálogo dos alunos para introduzir os conteúdos, pois o silêncio absoluto na sala de aula pode ser um sintoma claro de inadaptação social e emocional.

Os fatores de desconcentração dos alunos são inúmeros mas cabe ao professor procurar respostas para as suas dúvidas. É de extrema importância que o docente consiga chegar a cada aluno não apenas no sentido de transmissão de conteúdos mas também das suas próprias inseguranças e problemas (Salvador, 2003). Muitos professores sentem grandes dificuldades em lidar com os problemas relacionais que surgem dentro da sala de aula e a incompreensão dos alunos deve-se ao facto dos docentes, na sua formação, obterem essencialmente uma preparação para transmitir conhecimento e não para lidar com sentimentos. Esta incapacidade de gerir relações provoca geralmente comportamentos indisciplinados e todo o processo de constante regulação desencadeia também, no docente, um grande desgaste. Com esta disputa constante, a autoestima do professor começa a revelar-se insuficiente, colocando em questão a continuidade da carreira, por não encontrar formas de eliminar ou atenuar esta problemática (Palma, 2011).

Na relação professor-aluno existe uma procura constante da atenção do outro, enquanto o professor procura o respeito, o aluno procura individualidade e atenção, este último julga o professor pelos seus atos e observa-o atentamente para recorrer às suas falhas quando pretende algo (Estrela, 2002). Os docentes para se salvaguardarem destas estratégias, que os alunos criam, optam por atividades didáticas que estes gostam e que lhes dão alguma segurança. No geral tem-se verificado uma preocupação com a adaptação dos conteúdos ao passar dos anos, mas existe ainda um grupo que leciona sobre bases mais tradicionais. Estes últimos utilizam a sua autoridade para tentar resolver os problemas comportamentais o que deixa o aluno sem a possibilidade de se defender, provocando alguma repressão na aula (Pina, 2011). Existe também o conceito contrário, professores demasiado liberais que deixam os alunos tomarem as suas próprias atitudes sem que haja um controle. Este sistema liberal é extremamente disfuncional devido ao facto de os adolescentes não terem uma noção clara do que devem ou não fazer (Vasconcellos, 2000). Nem o primeiro método nem o segundo parecem surtir bons resultados e por esse motivo existe um grupo de docentes que prefere o equilíbrio dos dois. Os alunos passam a ser elementos participativos na aula, obedecendo a regras previamente estabelecidas. Uma das dificuldades que surge com este método de trabalho prende-se com o facto de os alunos terem professores muito diferentes com exigências e regras também muito diferentes. Os jovens, a determinada altura, acabam por confundir as normas e proceder de forma indisciplinada (Pina, 2011).

Renca (2008) acredita que a disciplina ou indisciplinada na sala de aula também estão diretamente ligadas à organização por parte do professor. Os professores organizados são capazes de estabelecer as regras e criar diretrizes que os alunos possam seguir, planeando toda a aula e prevendo alguns dos acontecimentos que podem surgir. O professor desordenado é extremamente ambíguo em relação a todo o envolvimento de sala de aula e incapaz de dar resposta aos comportamentos indisciplinados por falta de planeamento prévio.

Outra das questões ligada à ocorrência da indisciplina prende-se como facto de o professor ter a tendência para atribuir positivismo a alguns alunos e negativismo a outros, isto traduz-se na prática na valorização de tudo o que os primeiros fazem e na desvalorização das metas alcançadas pelos segundos. O meio social, onde o aluno se insere, contribui também para a formulação de opinião prévia por parte do professor. A indisciplina é geralmente associada a meios mais desfavorecidos, o que não corresponde à realidade. O adolescente ao sentir que está a ser rotulado tem tendência para baixar os seus níveis de autoestima e proceder de forma indisciplinada como recurso para chamar a atenção. Acontece também, frequentemente, os laços familiares influenciarem a opinião dos professores, no caso de irmãos, por exemplo, se o mais velho tiver um comportamento exemplar o mais novo será repreendido por qualquer ação que saia dos padrões do que o docente já conhecia do seu semelhante. (Silva, 1999)

Na opinião de Antunes (2002) o aluno deve transparecer para a aula a sua própria personalidade e deve ser orientado de modo a procurar as respostas às suas perguntas, estimular e manter a curiosidade é fundamental quando o aluno não demonstra interesse pelo ensino.

A professora Brito (2012) considera que todos os professores podem fazer face à indisciplina e que é perfeitamente normal o sentimento de impotência quando surgem comportamentos indisciplinados. Na sua opinião os docentes não são incapazes ou pouco profissionais, apenas não conhecem ferramentas úteis e eficazes contra esta problemática. A maioria dos professores responde à indisciplina intuitivamente e com a sua própria experiência não procurando soluções ou sistemas de ensino diferentes (Estrela, 2002).

Amado (2001) considera que tudo o que é apresentado pelo professor é absorvido pelos adolescentes que procuram um sentido constante nas suas palavras e esta é uma excelente forma de chegar ao aluno. É possível, mesmo em meios mais controversos, encontrar um equilíbrio na sala de aula que não é obtido no imediato e que requer do professor muito trabalho e paciência.

A relação que os alunos estabelecem com o professor está intrinsecamente ligada à ocorrência de comportamentos indisciplinados, os alunos tendem a desenvolvê-los com maior frequência quando as atividades não despontam a sua motivação e quando a disciplina em questão está integrada no grupo das “menos preferidas” (Salvador, 2003).

Geralmente o professor, contra quem os adolescentes manifestam desagrado, detém uma atitude demasiado permissiva ou demasiado controladora, apresenta preferências dentro do grupo-turma e castiga severamente todos os comportamentos que fogem às regras. Em sentido contrário o professor que agrada aos alunos tem a capacidade de utilizar vocabulário que todos entendam, mostra-se compreensivo, amigo, bem-humorado e com espírito jovem (Amado J. S., 2001).

1.4.2. O aluno indisciplinado

A definição de “aluno indisciplinado” é extremamente ambígua e cada sujeito tem a sua própria concepção. Existem algumas definições que apontam para alunos com excessos comportamentais, que perturbam todo o decorrer das aulas. São geralmente persistentes e vão contra todo o tipo de regras, violando os direitos estabelecidos pela sociedade (Alves, 2010). Estes alunos necessitam sempre de mais atenção do que os jovens disciplinados e fazem com que o professor gaste toda a sua energia.

Alguns investigadores acreditam que a manifestação da indisciplina na adolescência sem qualquer tipo de intervenção se traduz mais tarde em adultos com registo criminal (Borges, 2012). Mais grave do que dirigir a frustração para objetos é fazê-lo com pessoas. Segundo um estudo de Mallik (1966) os adolescentes e crianças quando são desviados do que pretendem, podem reagir violentamente contra as pessoas que os impedem. Isto verifica-se, infelizmente, com mais regularidade do que seria esperado.

O cenário socioeconómico atual contribui muito para o aumento da desmotivação dos alunos e consequentemente para a indisciplina na escola. O emprego é escasso e os amigos ou familiares mais velhos que estudam ao nível do ensino superior, acabam por estar desempregados ou emigrar para outro país, trabalhando em empregos que requerem poucas habilitações. Com todo este cenário é perfeitamente normal que os alunos se questionem diariamente se vale a pena estudar. A constante insistência da sociedade para que o façam provoca uma série de frustrações nos jovens. O essencial é transmitir aos alunos que o saber não ocupa lugar, que terão mais oportunidades com maior conhecimento e que podem criar o seu próprio emprego. Esta mensagem pode ser transmitida através de atividades que coloquem os alunos na resolução de problemas reais.

Para encontrar uma definição para “aluno indisciplinado” é importante focar a opinião dos jovens em relação a esta problemática, pois cada um deles pode desenvolver comportamentos disruptivos durante o seu percurso escolar. Rosado e Januário (1999) procuraram saber, através de um estudo, o nível de gravidade atribuído pelos alunos aos comportamentos indisciplinados. Os resultados indicam que os que são direcionados para os professores e para o desafio da sua autoridade são considerados como muito graves e os que envolvem as atividades são graves. Os jovens consideram também muito graves as agressões físicas a colegas desvalorizando ao mesmo tempo as agressões verbais. O estudo indica ainda que as raparigas têm uma ideia mais realista em relação ao impacto da indisciplina e do que deve ou não ser considerado grave.

Também um estudo realizado por Gonçalves (2009) numa escola com ensino secundário e 3ºciclo, procurou avaliar o conceito de indisciplina do ponto de vista dos alunos através de um questionário. A população estudada encontrava-se no 8º e 9º ano de escolaridade (cerca de 235 alunos) no ano letivo 2008/2009 e através da ilustração 3, que apresenta os resultados obtidos, é possível adquirir uma noção do que os alunos consideram como comportamentos indisciplinados.

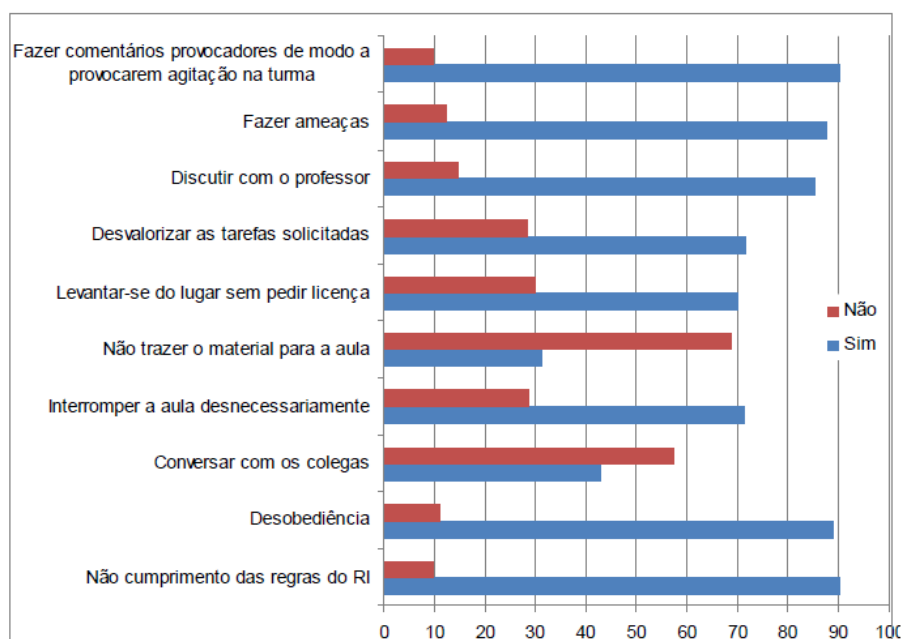


Ilustração 3: O conceito de indisciplina visto pelos alunos (%) (Gonçalves, 2009)

A opinião dos alunos é bastante interessante: 90% dos inquiridos consideram que fazer comentários provocadores que agitem toda a turma e não cumprir o regulamento interno são comportamentos indisciplinados e 69% dos alunos julgam que não levar o material necessário para a aula não é desenvolver um comportamento por oposição. O item relativo à conversa paralela entre alunos obteve também resultados curiosos, 57% consideram que não se trata de um comportamento indisciplinado. Estes resultados só reforçam a incapacidade que os alunos têm em definir todos os comportamentos disruptivos. Os professores observam todos os dias, nas suas salas de aula, que uma das grandes causas de desconcentração da turma é a conversa entre alunos e estes não têm esta perceção. Ao mesmo tempo que reconhecem que provocar a agitação da turma não é um comportamento correto, admitem que conversar não trás malefícios. Relativamente ao item “fazer ameaças” 88% dos alunos parecem concordar que se trata de um comportamento indisciplinado tal como discutir com o professor (85%), o que revela que estes têm presente a barreira de respeito que deve existir na relação professor-aluno.

O aluno indisciplinado procura muitas vezes manipular o professor e este não se apercebe que acaba por lhe dar aquilo que ele deseja. Um aluno que não gosta de frequentar as aulas, por exemplo, faz o máximo de barulho possível interrompe o professor sempre que pode, não cumpre as tarefas, atira papeis, etc., até ser convidado a sair. O professor manda o aluno para a rua e não se apercebe que acaba por lhe dar motivos para continuar com comportamentos indisciplinados pois, através deles, acaba por ter o que quer, sair da sala.

Muitos alunos consideram que são indisciplinados como resposta a injustiças cometidas pelos professores. No geral conseguem identificar um conjunto de comportamentos que não devem acontecer na sala de aula mas, segundo Silveira (2007) alguns admitem que por vezes

não entendem os limites impostos pelo professor que permite alguns comportamentos em determinados contextos e noutros não.

1.4.3. Principais causas e fatores

Existem diferentes opiniões sobre os fatores e causas que despontam a indisciplina e é extremamente difícil indicá-los com precisão. Todos os dias são verificadas novas causas dentro e fora das salas de aula, que são devidamente justificadas a nível científico (Fontes, 2010). A distribuição causal da indisciplina não é estanque e está diretamente ligada ao desenvolvimento do sistema educativo.

Para organizar formalmente a origem da indisciplina Gonçalves (2009) procurou um modo simplificado de agrupar as diferentes causas delimitando dois tipos distintos: as causas externas e internas. As primeiras dizem respeito a tudo o que ocorre fora do espaço escolar envolvendo: a localização da escola, o espaço social onde se insere, a família, a sociedade e os Média. A segunda está intrinsecamente ligada a todo o processo de ensino, aos professores, aos funcionários, ao ambiente escolar e ao aluno.

1.4.3.1. Família

A família está muitas vezes catalogada como a principal causa da indisciplina, pois é através dela que os jovens recebem os valores muito antes de iniciarem o seu percurso escolar. O conceito de família não pode ser entendido como o tradicional núcleo constituído por pai mãe e filhos pois atualmente essa estrutura tem sentido diferentes alterações e não serve, portanto, de referência para os jovens (Oliveira, 2009).

Fontes (2010) acredita que os alunos que desenvolvem comportamentos disruptivos assistem a estas manifestações dentro do seio familiar, replicando-as por não conhecerem as barreiras do que é considerado correto ou incorreto. Os próprios pais chegam a situações de desespero e colocam a culpa das atitudes dos filhos nos professores, chegando a recorrer por vezes à violência, porque não conseguem admitir que podem ser responsáveis por estes comportamentos. Muitos não têm a capacidade de resolver os problemas e não procuram respostas, apenas soluções rápidas.

A carência afetiva é outra das causas da indisciplina, intrinsecamente ligada à família, os pais procuram manter os jovens o máximo de tempo possível na escola (Ilustração 4). Muitos sentem a falta do carinho no seio familiar e procuram na escola o que não encontram em casa. Como as instituições são responsáveis pelo ensino de muitos adolescentes, os professores não podem dar esse tipo de atenção aos jovens e estes demonstram o seu malogro através da indisciplina (Oliveira, 2009).



Ilustração 4: Pais e filhos

As escolas procuraram estudar o agregado familiar destes jovens de modo a ligar diretamente as suas ações às representações que têm em casa. Há alguns anos atrás, os jovens indisciplinados estavam geralmente integrados em famílias carentes, onde pelo menos um dos elementos contraía um vício, como o álcool ou as drogas, e onde existiam manifestações de violência. Atualmente o cenário mudou e as causas multiplicaram-se. As escolas apontam agora como causas principais: a falta de formação dos jovens, a inexistência de valores, a falta de tempo dos pais para os filhos, a crise social, o facilitismo excessivo, os divórcios, etc. Refletindo sobre a evolução escolar é visível uma grande diferença de atitudes com o decorrer dos anos e a ilustração 5 retrata muito bem esta evolução.



Ilustração 5: A escola de ontem e de hoje (Filho, 2009)

Mas não são apenas as questões comportamentais dos elementos familiares que contribuem para a ocorrência da indisciplina, as condições socioeconômicas do agregado são também um importante fator a considerar. Todos os dias os jovens têm a obrigação de se deslocarem à escola independentemente da distância da sua residência ou do método de transporte utilizado. Muitos acabam por desenvolver comportamentos por oposição por não

aceitarem, por exemplo, a deslocação a pé todos os dias para a escola devido a carências, da família, que não tem condições de financiar outro tipo de transporte. O aluno acaba por não sentir qualquer motivação para frequentar a escola porque todos os dias se vê obrigado a um grande esforço, que desenvolve contra a sua vontade (Gonçalves, 2009).

Mesmo quando o jovem apresenta interesse pela escola, as condições económicas da família podem tornar-se um obstáculo para a aprendizagem. A falta de material didático não deveria representar uma barreira no ensino, mas efetivamente, os alunos que não dispõem de todo o material acabam por se sentir excluídos e tentam chamar a atenção através da indisciplina.

O poder económico da família pode também traduzir o nível de escolaridade dos jovens, apesar de os pais motivarem os filhos para a aprendizagem muitas vezes não têm capacidade para financiar cursos superiores, provocando no aluno o desinteresse pela escola. O jovem ao saber que não pode prosseguir estudos passa a desenvolver comportamentos indisciplinados como forma de exteriorização do seu sentimento de frustração. Mas existem também os casos positivos, Gonçalves (2009) acredita que a formação dos pais pode ser bastante influente na contenção de comportamentos disruptivos. Os pais com maiores habilitações procuram incutir nos filhos o gosto pela escola desde tenra idade e este método faz com que a criança aceite melhor o ambiente escolar. A constante partilha de experiências ao longo do seu percurso faz com que se torne um jovem que aceita as regras impostas pela escola, sentindo o apoio constante dos seus semelhantes.

Os pais, como parte fundamental da vida dos jovens, assumem diferentes métodos educativos. Veiga (2007) aponta quatro tipos de pais: os que assumem uma postura autoritária, servindo-se do castigo e punição para resolver todo o tipo de problemas; os que permitem todo o tipo de comportamentos; os que agem de forma incoerente castigando determinadas ações e permitindo outras; e os que constroem uma relação de compreensão e apoio com os filhos educando-os para a responsabilidade. O autor apurou ainda, através de um estudo, que os filhos dos pais incoerentes são os mais indisciplinados, seguindo-se os autoritários e os permissivos. Os pais mais compreensivos são os que menos têm problemas de indisciplina e insucesso escolar com os filhos.

Existem práticas desenvolvidas diariamente pelos pais que contribuem para a indisciplina: a grande generalidade não abdica do seu tempo para os ouvir, não desenvolvem diálogo com regularidade, não conhecem as preferências dos seus descendentes, não demonstram interesse em conhecer os seus amigos, nem sempre estão disponíveis para dar apoio em situações difíceis e afastam-se da vida escolar do filho. Todos estes erros são cometidos, por vezes involuntariamente, mas têm consequências diretas no comportamento disciplinar dos jovens.

A família procura na escola toda a formação para as crianças e os professores vêm-se obrigados a ensinar tudo o que deveria ser adquirido em casa, principalmente as regras e valores. As crianças não desenvolvem hábitos corretos por não estarem devidamente

acompanhadas e transformam-se mais tarde, em adolescentes com grandes problemas disciplinares.

1.4.3.2. Alunos

Muitos alunos com este tipo de comportamento precisam de ajuda de um psicólogo, de apoio social ou jurídico e muitas escolas não os sabem encaminhar corretamente.

Tendo em conta a obrigatoriedade escolar, já mencionada anteriormente, numa perspectiva Weberiana existem três tipos diferentes de alunos: os obrigados-satisfeitos, que cumprem com todas as exigências escolares sem discussão e que representam uma minoria; os obrigados-resignados, que cumprem todo o seu percurso escolar com o objetivo de passar sempre de ano e ao mesmo tempo viverem as emoções próprias da idade; e os obrigados-revoltados, que não respeitam qualquer tipo de regra (Fontes, 2010). Os dois últimos tipos são os que comumente geram comportamentos indisciplinados na sala de aula e Amado (2001) procurou os diferentes fatores que os podem desencadear: o desinteresse assume-se como o principal e mais comum; a inadaptação surge como uma das mais difíceis causas de eliminar; e a má formação surge pontualmente e está diretamente ligada a hábitos e ideologias criadas sem a influência da escola.

Os alunos não têm qualquer alternativa, a sociedade onde vivemos efetivou este percurso através do ensino sem criar escapatória para aqueles que desejam escolhas diferentes. E o constante aumento dos anos de escolaridade obrigatória colocam nos jovens demasiada pressão que se traduz em atos de revolta e frustração. Ao crescerem dentro de um sistema com o qual não concordam não desenvolvem perspetivas de futuro. Esta motivação para o ensino está diretamente ligada ao meio social onde se inserem, ao sexo, à idade, ao seu desenvolvimento cognitivo, ao seu percurso escolar e aos seus hábitos de trabalho (Gonçalves, 2009).

O autoconceito do aluno é também influente no seu comportamento dentro da sala de aula, pois a indisciplina pode surgir quando o jovem perceciona negativamente a sua imagem. Com comportamentos mutáveis o sucesso escolar fica, à partida, comprometido (Estrela, 2002).

1.4.3.3. Turma

Todas as pessoas procuram a integração num grupo e este é um comportamento humano que ninguém pode contrariar. Os adolescentes não são exceção à regra, pelo contrário, é nessa fase que tentam pertencer a todo o custo a um determinado grupo e esta vontade de integração pode traduzir-se muitas vezes em comportamentos disruptivos que são desenvolvidos para chamar a atenção dos colegas. Outra situação frequente é a imitação, os jovens recorrem a este método para sentirem a segurança, confiança e força da turma. Todas as suas ações são explanadas de acordo com o grupo onde estão inseridos (Fontes, 2010) sendo que, dentro de uma turma existem subgrupos com comportamentos e princípios muito diferentes que podem se aliar durante a aula para perturbar o professor.

1.4.3.4. Estado

As constantes alterações das políticas a aplicar em casos de indisciplina são um dos fatores mais influentes na ocorrência destes problemas na escola. Todas as medidas tomadas pelo ministério, na grande maioria, estão desajustadas da realidade e apresentam grande demora de implementação. O próprio ministério acredita que os regulamentos criados contra a indisciplina são escrupulosamente cumpridos porque os alunos ajudaram na sua conceção. Esta visão da problemática é fictícia e contribui para o seu agravamento.

A constante renovação dos elementos que constituem o sistema contribui igualmente para que as medidas de contenção desta problemática nunca sejam tomadas. Os alunos deixam de ser punidos, repetindo estes comportamentos inúmeras vezes por terem consciência que a escola, nada pode fazer para os deter (Fontes, 2010).

Também os programas criados pelo ministério e os recursos em sala de aula, podem contribuir para a ocorrência de comportamentos por oposição por não acompanharem a evolução tecnológica que tanto fascina os jovens.

1.4.3.5. Escola

A dependência que a escola tem do ministério da educação compromete à partida a sua intervenção. Os elementos que poderiam, na escola, conter este tipo de comportamentos não podem infringir o código criado pelas entidades superiores mas deve existir uma reflexão sobre os seus métodos e a sua organização para que o ambiente criado não acentue os problemas disciplinares.

A escola é considerada por Gonçalves (2009) como o terceiro espaço de socialização responsável pela formação de indivíduos, dotando os alunos de ferramentas para a vida em família e em sociedade. Tornou-se, com o decorrer dos anos, uma instituição de privados, pais, professores, alunos, órgãos de comunicação social, etc. onde todos têm opiniões divergentes e onde todos querem ser ouvidos. Neste confronto de ideias a atenção que deveria ser direccionada para o aluno e para o seu correto desenvolvimento é desviada para conflitos de interesses que desencadeiam comportamentos disruptivos (Fontes, 2010).

A escola acolhe uma grande variedade de personalidades e os alunos quando ingressam pela primeira vez nesta, já trazem bagagem emocional que deve ser considerada individualmente. Na atualidade a escola assumiu um papel fundamental, a sociedade acredita mesmo que se trata de um bem essencial sem o qual não se obtém qualquer nível de vida.

Uma das grandes falhas desta instituição é a padronização dos alunos, estes são encarados como um todo ao qual será transmitido conhecimento e valores semelhantes, com divisão preferencial por classes sociais. Este tipo de seleção provoca grandes desigualdades e um enorme impacto a nível emocional no aluno, que exterioriza a sua revolta através de comportamentos por oposição.

A distribuição dos alunos pelos estabelecimentos escolares compromete também a função educativa da escola, tal como a incapacidade financeira. O número de alunos é extremamente desigual, enquanto algumas escolas apresentam níveis de ocupação baixos,

outras excedem claramente o valor aceitável. A escola que recebe mais alunos apresenta, à partida, menor eficácia e mais gastos financeiros que são necessários para obter recursos. A falta de equipamento para aulas práticas, por exemplo, gera nos alunos alguma revolta por se tratarem, geralmente, das suas disciplinas preferidas (Vieira, Camacho, & Camacho, 2010). Mas existem, também, casos extremos em edifícios escolares onde os alunos são confrontados com infiltrações, paredes destruídas, falta de luminosidade, inexistência de aquecimento etc. que contribuem para a aversão à escola.

Outro dos fatores influente na ocorrência da indisciplina é a divisão desigual do tempo de recreio e trabalho (Lopes E. L., 2006). A escola parece preocupar-se essencialmente com a ocupação total do tempo dos jovens com atividades muito diversificadas, sem deixar tempo para a interação social, que se apresenta como uma componente fundamental do desenvolvimento humano e que contribuiu para a adaptação de todos os alunos.

Com a democratização do ensino a escola passou a acolher cada vez mais jovens provenientes de meios sociais problemáticos, facto que não agrada à instituição mas que consta nos direitos criados para toda a sociedade. A escola viu-se obrigada a garantir igualdade de acesso a todos os alunos e a oferta formativa aumentou cada vez mais para integrar os jovens em cursos que lhes permitam entrar no mercado de trabalho rapidamente (Gonçalves, 2009).

A escola não pode ficar indiferente à ocorrência de comportamentos indisciplinados e torna-se necessário reinventar-se a cada dia de modo a modificar atitudes e comportamentos.

1.4.3.6. Professores

Os professores, como parte integrante da escola, podem também contribuir para a ocorrência da indisciplina e Amado (2001), através de um estudo, procurou encontrar alguns dos métodos de ensino que provocam a indisciplina na sala de aula. Segundo o autor a excessiva utilização do método expositivo, a planificação de aulas muito repetitivas e desinteressantes, e a má gestão da sala de aula são alguns dos impulsionadores de comportamentos disruptivos. O professor, muitas vezes, não consegue gerir o elevado número de alunos, não limita o tempo para a concretização das tarefas, nem consegue impor um ritmo que todos os alunos consigam acompanhar e todos estes fatores refletem diretamente, para os jovens, a falta de controlo do professor sobre turma. Nesta linha de raciocínio, o estudo em questão focou a opinião dos alunos em relação ao desempenho do professor e a consequente provocação de indisciplina, dando origem a resultados que ilustram algumas causas. Os jovens apontaram essencialmente quatro comportamentos dos docentes que podem contribuir para a indisciplina: a falta de firmeza, permitindo aos alunos mais do que é acordado inicialmente; a ausência de experiência, que deixa alguns docentes sem respostas imediatas para os acontecimentos; o excesso de autoridade, recusando uma ligação próxima com os alunos; e a constante falta de noção de justiça.

Os alunos procuram habitualmente os limites que o docente permite, se a regra é permanecer sentado durante a aula, então o aluno a determinada altura experimenta violar

esta regra analisando as consequências ou, a oportunidade de o repetir. Nesta situação o professor pode estar a colaborar com a indisciplina quando permite determinados comportamentos. A forma como o docente comunica está diretamente relacionada com as ações dos alunos na sala de aula e tudo deve ser escrupulosamente pensado antes de ser transmitido aos jovens.

A formação dos professores é também um aspeto influente na problemática da indisciplina. Os docentes, ao longo do seu percurso, obtêm bases sobre diversas áreas da psicologia educativa mas não são assimiladas formas de combate a problemáticas que surgem na relação professor-aluno (Gonçalves, 2009).

A forma como o professor transmite os conteúdos pode identicamente ter interferência direta no comportamento. Se o jovem não compreende a matéria não apresenta motivação para desenvolver as atividades e tem tendência para perturbar o bom funcionamento da aula (Maia, 2011). Os alunos procuram frequentemente a utilidade para o que estão a aprender e caso a matéria não seja reconhecida como útil, este demonstra total indiferença ao que é exposto pelo professor.

As condições em que os docentes lecionam é outra das causas apontada frequentemente por vários especialistas. Os professores com excesso de horas e alunos acabam por não conseguir lidar corretamente com as situações de sala de aula. A esta sobrecarga é acrescida ainda a falta de vínculo com a escola. Um professor que todos os anos fica colocado num estabelecimento diferente, pode estabelecer ligações efetivas com os seus alunos, mas não apresenta motivação para resolver problemas disciplinares. Este comportamento faz com que os alunos nunca sejam punidos e nunca alterem a sua postura em sala de aula.

A falta de interesse pela problemática é também uma causa indiscutível dos comportamentos disruptivos (Gonçalves, 2009). Os docentes quando são confrontados, na sala de aula, com dificuldades às quais não conseguem dar resposta devem procurar informação de suporte, em vez de se limitarem apenas ao que obtiveram da sua experiência.

Durante a relação professor-aluno, o docente deve evitar igualmente atribuir alcunhas aos alunos pois, estes nomes que involuntariamente são criados podem levar a comportamentos por oposição. A turma ou um pequeno grupo pode utilizar a forma como o docente trata determinado jovem para o agredirem verbalmente ou fisicamente (Oliveira, 2009).

Gomes, Silva, & Silva (2010) realizaram um estudo relativo à opinião dos professores em relação às causas da indisciplina que advém da ação docente. O investigador dividiu a sua amostra de modo a perceber as diferenças de opinião entre sexos (tabela 1) e idades diferentes. Numa visão geral a maioria dos professores apontaram como principais fatores: o elevado número de alunos por turma, as dificuldades dos alunos na aprendizagem, a sua desmotivação e a proveniência social. Em relação às diferenças verificadas entre géneros, foi observado que os docentes do sexo feminino consideram como fator significativa a rejeição da escola ao contrário dos do sexo masculino. No item relativo aos tipos de pedagogia foram

também verificadas grandes diferenças de opinião, enquanto as professoras apresentam grande indecisão os professores desvalorizam mais este fator. Na diferença entre géneros é possível também observar que o item relativo à falta de autoridade é mais apontado como causa da indisciplina pelos docentes do sexo masculino. A falta de experiência para os professores não representa uma causa para este tipo de comportamentos, contrariamente ao que consideram as professoras. O consenso entre géneros é alcançado nos itens que consideram como causa a inexistência de regras uniformes e a existência de culturas de oposição à escola.

Tabela 1: Causas da indisciplina (género) (Gomes, Silva, & Silva, 2010)

	Género					
	Feminino			Masculino		
	Sim	Não	SO	Sim	Não	SO
Origem sociocultural	85,0%	0%	15,0%	83,3%	16,7%	0%
Desmotivação	91,3%	8,7%	0%	100%	0%	0%
Culturas de oposição à escola	62,5%	25%	12,5%	60%	20%	20%
Rejeição da escola	92,3%	7,7%	0%	66,7%	0%	33,3%
Tipos de pedagogia	46,2%	46,2%	7,7%	33,3%	66,7%	0%
Falta de autoridade dos professores	56,3%	37,5%	6,3%	80%	20%	0%
Falta de experiência dos professores	50%	42,9%	7,1%	0%	100%	0%
Inexistência de regras uniformes	75%	25,0%	0%	60%	20%	20%
Idade dos alunos	50%	35,7%	14,3%	50%	0%	50%
Turmas grandes	100%	0%	0%	100%	0%	0%
Dificuldades de aprendizagem	100%	0%	0%	100%	0%	0%

Considerando as diferentes faixas etárias (Tabela 2), nos itens referente aos tipos de pedagogia aplicada, à falta de experiência e à falta de autoridade são visíveis diferenças de opinião. Os docentes com mais de 50 anos consideram que estas são causas da indisciplina, contrariamente à opinião dos mais novos; a idade dos alunos é a causa que mais divide os professores, os mais novos não a consideram relevante, os dos 36 aos 50 anos dividem-se e os mais velhos acreditam que é bastante influente.

No geral o que se pode retirar deste estudo é a inexistência de consenso entre géneros e faixas etárias quanto às causas da indisciplina.

Tabela 2: Causas da indisciplina (grupo etário) (Gomes, Silva, & Silva, 2010)

	Grupos etários								
	Até aos 35 anos			36 a 50 anos			51 ou mais anos		
	Sim	Não	SO	Sim	Não	SO	Sim	Não	SO
Origem sociocultural	75,0%	12,5%	12,5%	70,0%	10,0%	20,0%	100%	0%	0%
Desmotivação	80,0%	20,0%	0%	83,3%	8,3%	8,3%	100%	0%	0%
Culturas de oposição à escola	0%	50,0%	50,0%	81,8%	9,1%	9,1%	71,4%	28,6%	0%
Rejeição da escola	77,8%	11,1%	11,1%	90,9%	9,1%	0%	100%	0%	0%
Tipos de pedagogia	20,0%	80,0%	0%	28,6%	57,1%	14,3%	75,0%	25,0%	0%
Falta de autoridade dos professores	40,0%	60,0%	0%	60,0%	30,0%	10,0%	80,0%	20,0%	0%
Falta de experiência dos professores	20,0%	80,0%	0%	28,6%	57,1%	14,3%	80,0%	20,0%	0%
Inexistência de regras uniformes	50,0%	33,3%	16,7%	75,0%	25,0%	0%	66,7%	33,3%	0%
Idade dos alunos	25,0%	25,0%	50,0%	42,9%	42,9%	14,3%	75,0%	25,0%	0%
Turmas grandes	100%	0%	0%	100%	0%	0%	100%	0%	0%
Dificuldades de aprendizagem	100%	0%	0%	100%	0%	0%	100%	0%	0%

1.4.3.7. Os média

A sociedade de hoje está construída numa grande rede tecnológica que nos permite receber uma grande quantidade de informação e os meios de comunicação social são os principais responsáveis pela rápida propagação desta. Muitos pais procuram educar os filhos corretamente dentro dos padrões éticos e morais mas sentem grandes dificuldades, porque todos os dias travam uma batalha contra tudo o que é apresentado aos jovens. A televisão é uma das grandes barreiras que estes têm que enfrentar pois, os programas exibidos contêm teor lesivo a nível comportamental. O objetivo principal deste meio de comunicação é obter um elevado nível de audiências e, para que isso aconteça, exibem programas com cenas de violência e comportamentos disruptivos que retêm geralmente a atenção dos jovens. Alguns desenhos animados, que deveriam ser concebidos para crianças e jovens, são um exemplo claro do que não deve ser transmitido. Qualquer adulto que assista a este tipo de programa percebe imediatamente o elevado nível de violência implícita. Na escola acontecem frequentemente brigas que são meras réplicas do que os alunos visionam na televisão, em filmes ou nos jogos de computador e os professores não percebem à partida a razão desses comportamentos por partilharem, com eles, apenas o espaço escolar (Oliveira, 2009).

1.5. Resposta à indisciplina

1.5.1. Os cinco grandes erros, que contribuem para a indisciplina

Brito (2012), professora responsável por várias obras na área da educação, considera que existem cinco erros que os docentes cometem frequentemente que contribuem para a indisciplina: o primeiro prende-se com o facto de o professor, a nível disciplinar, procurar atingir toda a turma de uma só vez; o segundo diz respeito à utilização de diálogo que não leva o aluno diretamente ao que se pretende; o terceiro está associado à ameaça constante de punição e ao não cumprimento da mesma; o quarto remete para a utilização desajustada de gestos; e o quinto está ligado à insistência dos professores em darem aulas aborrecidas.

Os professores, independentemente, da turma ou do ano de escolaridade procuram incessantemente o respeito e silêncio, mas pedir aos alunos que o façam não é tão simples como habitualmente é apresentado a nível teórico. Um só indivíduo dificilmente conseguirá submeter trinta alunos, à sua vontade e é neste ponto que muitos docentes cometem o erro nº1. Diferentes personalidades requerem diferentes tipos de intervenção. O professor ao direcionar a sua atenção para cada aluno conseguirá obter o silêncio e o respeito que tanto procura. No caso de uma turma indisciplinada este pode começar por repreender os alunos que apresentam comportamentos mais perturbadores, pois são os que geralmente são considerados pelos colegas como exemplos. Os restantes alunos ao verem a correção acabam por desistir do constante confronto com o professor. Esta reação acontece quando os alunos assimilam as consequências das suas ações, visualizam um exemplo e compreendem imediatamente o que pode suceder se replicarem. Para testar a forma como os professores atuam, a pedagoga (2012) coloca um pequeno exercício que consiste na escolha da opção correta. Este pretende colocar à prova os professores relativamente à intervenção individual pois, a maioria não sabe qual dos alunos indisciplinados deverá ser corrigido em primeiro lugar:

“a) Escolher a aluna quieta que está estudando lá no fundo da sala, pois será mais fácil lidar com ela.

b) Escolher o aluno mais falante da turma.

c) Escolher aleatoriamente qualquer aluno.

d) Escolher o aluno que sempre provoca e lidera a confusão.” (Brito, 2012, p. 1)

A posição a tomar deverá coincidir com a opção D. O professor ao controlar o elemento mais dominante da turma acaba por transferir para si esse papel. Após esta conquista é importante manter-se focado porque outros alunos vão tentar assumir a seu lugar de guia da turma.

O erro nº2 vem no seguimento do primeiro e está diretamente ligado às ações de contenção da indisciplina. Quando o professor procura estabelecer diálogos de discussão com o aluno acaba muitas vezes por gastar toda a sua energia inutilmente. O “bate-boca” como diz Brito (2012) é um confronto de palavras que ocorre com grande frequência na sala de aula, sempre que se confrontam os alunos indisciplinados, e que geralmente só contribui para o agravamento da situação. Para evitar este tipo de diálogo o professor não deve fazer

perguntas pleonásticas como: «Porque razão não estás a trabalhar?». O aluno indisciplinado aproveitará a questão para colocar em causa a autoridade do professor respondendo da forma mais ofensiva possível. Nestas situações é comum os restantes jovens assumirem uma postura semelhante à do aluno perturbador, levando o docente a uma conjuntura bastante complexa. É também importante manter uma posição firme em relação às diretrizes que são dadas, se o professor manda o aluno para o lugar não pode deixar margem para discussão. Os jovens quando começam a argumentar, existe uma troca de palavras que leva, nalguns casos, à violência. O professor deve limitar-se a dar orientações aos alunos de forma afirmativa e consistente.

O erro nº3 relativo às constantes ameaças acontece com grande frequência, alguns alunos são repreendidos inúmeras vezes e não alteram o seu comportamento. O professor ao proferir diversos avisos está a dizer ao aluno que pode continuar, que não existe uma consequência imediata para os seus atos. Existem diferentes tipos de avisos que os docentes utilizam frequentemente no decorrer das suas aulas: ameaçam escrever recados na caderneta do aluno, escrevem o seu nome no quadro, anunciam que será atribuído um trabalho extra, afirmam que o aluno irá para rua se continuar, etc. Todos estes recursos podem de facto ser utilizados mas devem ser executados instantaneamente. As regras da sala de aula deverão ser indicadas no início do ano letivo e o aluno não necessita ser lembrado, assim que quebrar alguma delas deverá ser castigado. Brito (2012) chama a atenção para o erro das constantes ameaças recorrendo a uma conta simples: numa turma de 30 alunos se o professor dá três hipóteses de aviso a cada um, então durante uma aula poderão ocorrer noventa momentos de indisciplina. Estes números reforçam a teoria de que o professor não deve, em momento algum, limitar-se ao aviso, se existir uma consequência direta os alunos serão mais contidos nos seus comportamentos.

O erro nº4 está diretamente ligado à linguagem não-verbal. Durante todo o período letivo os professores preocupam-se essencialmente com a forma como dão os seus conteúdos (linguagem verbal) mas não se apercebem que o modo como se movimentam, o tom de voz, as expressões faciais, etc. contribuem para a relação professor-aluno. Um exemplo claro que pode ilustrar a importância da linguagem corporal é a atribuição de um castigo com um sorriso. O aluno está a ouvir o professor dizer que está a proceder de forma errada e que por esse motivo terá uma consequência, mas a expressão facial do docente indica que se trata de uma brincadeira que não deve ser levada a sério. Este confronto de linguagens gera muitas vezes mais situações de indisciplina na sala de aula porque o aluno interpreta tudo da forma que lhe é mais favorável. Este aproveita também a sua própria expressão corporal para quebrar as regras. O professor não deve limitar-se a castigar os alunos que usam apenas a voz como meio de provocação, mas também aqueles que se servem de gestos, expressões e ações para deterem comportamentos disruptivos.

O erro nº5 é um dos mais influentes na ocorrência da indisciplina e requer maior esforço por parte do professor. Enquanto os outros quatro erros podem ser eliminados durante a prática, sem trabalho exterior à sala de aula, o quinto obriga a alguma dedicação.

Os planos de aula geralmente não contemplam a evolução motivacional dos alunos e ao fim de meia hora já existem grandes movimentações da turma com as quais o professor não contava. Se refletirmos sobre a nossa própria experiência, enquanto alunos, encontramos algumas das razões que levam a aulas aborrecidas e, esse exercício, deve ser feito sempre que são preparadas. O docente deve colocar-se no lugar do aluno e avaliar até que ponto os conteúdos e exercícios podem manter o interesse, para isso é essencial que exista um conhecimento prévio dos jovens e das suas preferências.

Os cinco erros apontados não são um modelo padrão a seguir mas todos os professores conseguem encontrar pelo menos um que cometem todos os dias com os seus alunos e que podem eliminar.

Todos os erros aqui indicados devem ser suprimidos e acompanhados por uma série de estratégias de correção da indisciplina.

1.5.2. Estratégias de correção e eliminação de comportamentos indisciplinados

As salas de aula atuais são verdadeiros campos de batalha, onde o professor entra todos os dias na esperança de eliminar os comportamentos disruptivos que comprometem a sua função. Muitos docentes já sobrevivem diariamente com recurso a substâncias químicas que ajudam a manter a calma e a lucidez. Estes defrontam-se com diversas situações de indisciplina que requerem uma acção individualizada, para a qual o docente não está preparado.

É muito comum encontrar respostas para a prevenção da indisciplina mas quando esta já está instalada não existem soluções práticas às quais recorrer. Gomes, Silva, & Silva (2010) realizaram um estudo para apurar quais as estratégias que os professores consideram essenciais para a melhoria da aprendizagem e como se pode constatar na tabela 3 é dada preferência às medidas diretamente relacionadas com a punição e castigo.

Tabela 3: métodos contra a indisciplina (Gomes, Silva, & Silva, 2010)

Medidas Disciplinares	Sim	Não	Sem opinião
Reforço da Educação Cívica	100%	0%	0%
Apelo a uma maior colaboração dos pais	100%	0%	0%
Promoção do debate sobre valores e atitudes	100%	0%	0%
Responsabilização dos docentes e dos alunos	100%	0%	0%
Participação dos alunos na definição de regras na sala de aula	100%	0%	0%
Agravamento das sanções disciplinares	95,7%	0%	4,3%
Mais controlo e vigilância	94,1%	5,9%	0%
Penalização na avaliação sumativa	91,7%	8,3%	0%
Clarificação das regras	91,7%	8,3%	0%
Endurecimento das regras	90,5%	9,5%	0%
Estabelecimento de contratos pedagógicos com os alunos	85,7%	0%	14,3%
Ação educativa humanista	83,3%	0%	16,7%
Realização de cerimónias formais de integração e partilha	50%	33,3%	16,7%

Todos os métodos preferidos pelos professores reforçam o facto destes não procurarem alternativas. Nas escolas de hoje continuam a ser utilizados da mesma forma como eram há uns anos atrás e isto justifica a ineficácia verificada a longo prazo. Os comportamentos indisciplinados, com este tipo de estratégias, são atenuados e não eliminados como é desejável.

É essencial encontrar um conjunto de estratégias que auxiliem o professor nesta sua luta. O primeiro passo, que deve ser tomado, é a observação dos alunos e seus comportamentos, analisando os antecedentes e consequências dentro do contexto de sala de aula. Após esta recolha de informação devem ser encontradas formas de eliminação.

Numa tentativa de facilitar a tarefa do professor procurou-se compilar uma série de estratégias que podem ser muito úteis na eliminação da indisciplina:

1.5.2.1. Estratégias que devem ser utilizadas durante todo o ano letivo:

➤ Na sala de aula existe uma pluralidade de acontecimentos e o professor deve manter-se sempre calmo, mesmo quando a situação comportamental dos alunos parece fora de controlo. Deve existir grande segurança na tomada de decisões face à indisciplina (Antunes, 2002). O professor não deve esquecer em momento algum que foi aluno e que também gostava de brincar (Jesus, 2008);

➤ A tolerância é outro dos aspetos que deve estar sempre presente. Na sala aula são muitas as oportunidades de desvio às regras e os alunos aproveitam-nas para desafiar

o professor. Face a estas situações de indisciplina o professor deve evitar todo o tipo de confrontos com alguma condescendência (Melo, 2008);

- A ligação com os alunos é também fundamental na ocorrência da indisciplina. O professor deve manter uma ligação bastante próxima com todos os alunos de forma a conhecer as suas particularidades e a utilizá-las para fazer face a comportamentos disruptivos (Melo, 2008);

- Os alunos muitas vezes não aceitam as repreensões do professor e este comportamento acontece devido à forma como este se expressa. Em momento algum devem ser atribuídos rótulos aos alunos pois, estes alimentam ainda mais a revolta e frustração (Jesus, 2008);

- Outra das estratégias que pode ser aplicada é o debate em grupo e este pode e deve ser utilizado em todas as aulas. Esta estratégia valoriza a participação do aluno em todo o processo ensino-aprendizagem e devem ser discutidos todos os tipos de assuntos e matérias, incluindo a prestação do professor (Picado, 2009). Os debates são ótimas formas para encontrar soluções e dar a conhecer a problemática da indisciplina (Melo, 2008);

- A inconsciência que os alunos têm da importância da escola para o seu futuro causa igualmente comportamentos indisciplinados e o professor como estratégia deve frisar as vantagens da formação e obtenção do conhecimento (Jesus, 2008). O aluno deve compreender que uma simples escolha cotidiana é feita a partir do seu conhecimento e que a inexistência deste pode comprometer o seu futuro.

- Os alunos muitas vezes procuram uma resposta aos seus comportamentos e o reforço social é uma estratégia que consiste na constante estimulação do trabalho do jovem, a postura positiva, o sorriso e a felicitação pelo seu trabalho fazem parte de um conjunto de ações que tornam o aluno mais confiante e que melhoram a relação professor-aluno. As manifestações de indisciplina podem ser eliminadas se o aluno sentir o reconhecimento do professor. A utilização do reforço positivo deve ser utilizada com todos os jovens, principalmente aqueles que desenvolvem comportamentos indisciplinados e que necessitam de um incentivo permanente (Picado, 2009). O professor deve atribuir as suas notas e conduzir as suas aulas sempre reforçando os aspetos positivos de cada aluno, de modo a desenvolver o autoconceito dos jovens (Melo, 2008). O reforço positivo deve ser utilizado imediatamente após a ocorrência da conduta positiva, de modo a levar o jovem a compreender o que é considerado correto (Alves, 2010)

- As reuniões-professor aluno são estratégias que também podem ser utilizadas mas raramente são aplicadas pelos docentes. Quando surge um conflito na sala de aula o professor deve ter a capacidade para falar com o aluno individualmente, discutindo a ação e resolvendo, no imediato, o sucedido. Existem algumas situações mal resolvidas que dão origem a revolta por parte do aluno e a preferências por parte do professor que podem ser evitadas com uma simples conversa no final da aula para clarificar as coisas (Picado, 2009);

- Quando ocorrem situações de indisciplina o professor deve repreender o aluno que desenvolve este comportamento em particular. Com esta estratégia os alunos aceitam melhor a correção que é feita por parte do docente e não se sentem expostos aos comentários e críticas dos colegas de turma (Melo, 2008). A exposição aos restantes colegas, principalmente na adolescência pode provocar maior frustração no aluno e, portanto, maior agravamento de comportamentos disruptivos;
- O professor deve criar uma ligação próxima com os alunos de modo a facilitar o diálogo e a intervenção. Quando a relação é mais próxima os alunos tendem a aceitar melhor as regras (Melo, 2008);
- Os professores têm tendência para se afastarem dos alunos indisciplinados para evitar que estes tenham motivos para desenvolverem este tipo de comportamentos, mas a melhor estratégia a utilizar é precisamente o contrário. O aluno deve ser acompanhado de perto pois não apresenta a mesma postura durante todas as aulas em todos os minutos (Jesus, 2008);
- Deve existir uma noção clara das diferenças de todos os alunos. O docente deve corrigir comportamentos indisciplinados de forma diferencial, considerando as características individuais. A forma como o aluno é abordado é determinante na resolução dos problemas (Melo, 2008);
- A revolta dos alunos surge por vezes com o incumprimento do que foi acordado durante o período letivo. O professor deve ponderar muito bem tudo o que promete aos alunos e levar à risca tudo o que foi acordado para que o aluno sinta confiança no docente e não desenvolva comportamentos por oposição (Antunes, 2002);
- O respeito mútuo é outra das estratégias que pode alterar a postura dos alunos. Se estes sentirem que são respeitados pelo professor acabam por mostrar apreço nos momentos em que são repreendidos (Melo, 2008);
- Os alunos que se encontram na sala de aula nem sempre têm o perfil que os professores desejam e os jovens indisciplinados enquadram-se dentro deste grupo. A melhor estratégia a utilizar é a aceitação da diferença e a constante motivação para conduzir os alunos a bons resultados. O professor não deve, em momento algum, desenvolver um ideal de aluno que não corresponde à realidade (Barboza, 2011);
- O professor não deve assumir uma postura demasiado autoritária. Se este se apresentar na sala de aula como alguém que está lá para ajudar e não para condenar, os alunos acabam por reduzir a frequência dos comportamentos indisciplinados (Melo, 2008);
- A ligação permanente com os alunos pode também solucionar alguns problemas. A maioria dos professores limita-se à relação sala de aula e acabam por não desenvolver o vínculo necessário. Uma das formas de melhorar a relação com alunos indisciplinados é cumprimentar e dialogar com estes nos corredores da escola, no portão, na cantina ou no supermercado quando se encontram, por acaso. No fundo, o objetivo é alargar a interação, conhecer melhor o aluno e não restringir o contato à sala de aula (Barboza, 2011);

➤ Algumas situações de indisciplina surgem com a desorientação dos alunos. Para eliminar estes comportamentos o docente deve informar sempre sobre as atividades que deverão ser desenvolvidas e devem ser dadas indicações concretas. Escrever orientações no quadro ou mostrar imagens de referência são exemplos simples que podem manter o aluno mais calmo (Pinto, 2007)

➤ O professor deve mostrar-se amigo dos alunos e procurar mostrar interesse pelo seu sucesso noutras disciplinas ou atividades. Se o docente assumir uma postura demasiado agressiva, os comportamentos indisciplinados vão ser replicados inúmeras vezes e o aluno vai sentir que é apenas mais um como todos os outros (Melo, 2008);

1.5.2.2. Estratégias que devem ser utilizadas como último recurso:

➤ A punição é precisamente o contrário do reforço social, enquanto o segundo motiva para a repetição de bons padrões comportamentais o primeiro pretende evitar que os alunos repliquem comportamentos por oposição. Os castigos aplicados pelos professores podem surtir diferentes efeitos consoante o momento e a forma como são aplicados mas estes, em momento algum, ensinam a disciplina. O docente deve recorrer ao castigo com um tom de voz seguro e evitar todo o tipo de diálogo desnecessário como foi apontado anteriormente no erro nº 2 de Brito (2012). É de extrema importância demonstrar ao aluno que aquilo que está a ser reprovado é o seu comportamento e não a sua pessoa. Este método não deve ser utilizado, como preferido, na resolução dos problemas da sala de aula pois causa algumas tensões na turma que podem ser evitadas com o uso de outras estratégias (Picado, 2009);

1.5.2.3. Estratégias a implementar no início do ano letivo:

➤ O acordo comportamental é outra forma de lidar com a indisciplina. O professor delimita desde o início um conjunto de deveres e direitos que os alunos deverão seguir e as consequências e benefícios do cumprimento deste trato. Desta forma sempre que quebrarem as regras saberão imediatamente o seu castigo. Este contrato deve ser construído com a participação ativa dos alunos e as recompensas deverão ser bastante atrativas de modo a motivá-los para o seu cumprimento (Picado, 2009). A realização de um acordo requer do professor uma troca de experiências com colegas para que haja um consenso em relação às regras e às consequências da quebra destas. Devem ser discutidos os comportamentos que podem ou não ser considerados indisciplinados, para que haja coerência na intervenção (Jesus, 2008);

➤ Em situações de indisciplina a aula fica muitas vezes comprometida em questão de tempo, porque o professor passa metade desta a tentar que o aluno corrija o seu comportamento. Uma das estratégias que deve ser utilizada para melhorar o decorrer da aula é a definição de sinais que sejam entendidos pelos alunos (Alves, 2010). Levantar a mão para falar é um dos sinais mais comuns que evita o descontrolo da turma, mas

existem muitos outros. Se o professor para imediatamente a aula e cruza os braços, está a emitir um sinal direto aos alunos indicando-lhes, sem utilizar palavras, que pretende o silêncio e ordem. Existindo um código simbólico criado desde o início do ano a comunicação entre professor-aluno torna-se mais eficaz.

1.5.2.4. Estratégias para a eliminação de comportamentos indisciplinados mais comuns:

- A extinção é uma estratégia que deve ser utilizada com comportamentos indisciplinados mais leves. Muitos jovens desenvolvem este tipo de comportamentos para chamar a atenção mas se o docente ignorar as suas investidas, estes compreendem que tal atitude não lhes dá a atenção que tanto ambicionam, acabando por desistir. A aplicação desta estratégia requer grande auto-controlo por parte do docente (Picado, 2009);

- Os alunos indisciplinados muitas vezes desenvolvem este tipo de comportamento por se considerarem incapazes de obterem bons resultados escolares. Uma das estratégias que deve ser utilizada para melhorar os resultados dos jovens é o constante incentivo, levando cada aluno a acreditar nas suas capacidades. O essencial é transmitir que todos conseguem bons resultados com a prática. Ocorrem muitas vezes situações de alunos que, por exemplo, afirmam que não sabem desenhar porque é preciso nascer com apetência para tal. Este tipo de mentalidade deve ser alterado pelo professor com a explicação prévia de que todos os alunos podem obter sucesso com trabalho (Melo, 2008);

- Quando os alunos desenvolvem comportamentos disruptivos existe uma tendência do docente para resolver a situação com um grito, mas este tipo de ação perturba toda a turma e na maioria das vezes não surte efeito sobre o indivíduo indisciplinado. Nesta situação, o professor deverá deslocar-se para a mesa onde se encontra o jovem perturbador e permanecer imóvel, com uma expressão séria, aguardando a reação. Com esta movimentação o aluno tende a parar o que está a fazer e a corrigir a sua postura focando a sua atenção no professor (Barboza, 2011);

- Parte dos casos de indisciplina verificados na sala de aula têm origem familiar e nestes casos a melhor estratégia a utilizar é a procura de resolução ou atenuação destes problemas (Melo, 2008). O docente deve acionar todos os meios possíveis para melhorar a situação familiar do aluno. Todas as escolas possuem meios para dar resposta às mais variadas situações mas estes, necessitam ser ativados. O diretor de turma, a psicóloga da escola, a proteção de menores ou as associações podem ser meios muito uteis para resolver a indisciplina de alguns jovens;

- Os alunos indisciplinados não são necessariamente os que apresentam mais dificuldades e a falta de tarefas deixa margem para a ocorrência deste tipo de comportamentos (Alves, 2010). A aula deve ser preparada tendo em conta que alguns alunos são mais rápidos do que outros. A estratégia que deve ser utilizada com estes

jovens é a preparação de atividades extra que os mantenham ocupados enquanto os colegas acabam. Com a identificação específica destes alunos, o professor pode também diferenciar inicialmente a atividade colocando maior dificuldade para os alunos que têm maior capacidade, para evitar tempos mortos;

➤ Os alunos aproveitam frequentemente a distância a que o professor se encontra para desenvolverem comportamentos indisciplinados e estes podem ser corrigidos com a movimentação constante do docente na sala de aula (Alves, 2010). É muito frequente, os alunos mais indisciplinados, escolherem como lugar preferido as mesas ao fundo da sala para se encontrarem o mais longe possível do olhar atento do professor. Se este circular durante toda a aula não existe tanto espaço para comportamentos disruptivos;

➤ Todas as turmas têm um representante dos alunos e o professor, como estratégia de correção, pode atribuir a este o papel de gestor da indisciplina. Este jovem é eleito, no início do ano, pelos colegas e constitui um modelo para os restantes, se este for colocado a intervir diretamente no comportamento, será ouvido mais facilmente. No fundo, os alunos acabam por aceitar a correção por parte de um colega por encontrarem nele um semelhante (Jesus, 2008);

➤ Outra das estratégias que pode ser utilizada é o recurso ao humor. O humor é uma excelente forma de comunicação e pode ser transmitido através de palavras ou gestos e assume a sua forma muitas vezes através de anedotas, piadas ou imagens. Um exemplo claro de como o humor pode intervir em situações de comportamento incorreto é descrito por Engrácio (2008): numa aula dada por uma professora temporária os alunos decidiram combinar mandar os seus livros ao chão, ao mesmo tempo, para constrangerem a docente. Pegaram nos livros e enquanto a professora escrevia no quadro fez-se sentir o som ensurdecedor da queda coletiva. Ao deparar-se com esta situação a professora optou por um caminho menos comum, agarrou no seu livro atirou-o igualmente ao chão, e disse: “desculpem atrasei-me, da próxima vez vejam se me avisam com mais tempo”. Os alunos ficaram sem saber o que fazer, a professora riu-se, os alunos seguiram-na e a tensão que existia desapareceu. O humor descontraí as pessoas e pode retratar problemas sociais tendo um grande poder de alerta e informação. Não é por acaso, que os média se servem dele, vezes sem conta, para informar e promover ações de sensibilização. É também importante ter em conta que existem limites na sua utilização, este nunca deve ser manipulado pelo professor para ridicularizar o aluno;

➤ Os alunos indisciplinados sentem-se frequentemente inúteis e comportam-se desta forma para obterem alguma visibilidade. Uma das formas de eliminar comportamentos disruptivos é atribuir uma função ao aluno para que este se considere importante. A atribuição de um cargo é uma estratégia que ocupa o aluno e o faz sentir-se único. Este pode ser nomeado o responsável pelo material dos colegas, o elemento que ajuda no controlo de entradas e saídas da sala, etc. (Alves, 2010);

› Todos os alunos procuram obter bom aproveitamento escolar, mesmo que neguem ou que demonstrem o contrário, e este pode ser um ponto-chave que pode ser utilizado pelo professor. Os alunos indisciplinados não seguem atentamente o seu próprio percurso e por vezes não mostram qualquer interesse. A confrontação com as notas é uma estratégia que pode corrigir comportamentos derivados do desinteresse por determinadas matérias. O professor deverá comunicar as notas dos alunos sempre após cada atividade para que estes tenham uma visão realista da sua situação. Em alguns casos os jovens apercebem-se que estão no rumo errado e corrigem a sua conduta (Antunes, 2002);

› Com a introdução das novas tecnologias, os alunos passaram a utilizá-las sem regras e, na sala de aula, este é um problema muito comum. O professor tenta explicar a matéria e um grupo insiste em trocar mensagens no telemóvel durante toda a aula. Este comportamento muitas vezes está relacionado com a utilização do telemóvel em casa e quando o professor não permite esta ação os alunos não aceitam por estarem habituados a mandar sms sem restrições. A melhor estratégia a aplicar nesta situação é chamar o aluno à parte e explicar-lhe os limites da utilização daquele equipamento (Jesus, 2008).

1.5.2.5. Estratégias a utilizar em situações graves e persistentes:

› A figuração de papeis dá resposta a situações de indisciplina mais complicadas. Muitos dos alunos que geralmente desenvolvem comportamentos disruptivos não têm a perceção das dificuldades que criam em seu redor e a melhor forma de o entenderem é colocá-los em diversos papeis de diferentes elementos da sociedade. Esta ação faz com que o aluno sinta, diretamente, os malefícios deste tipo de comportamento, reconhecendo as dificuldades que são criadas ao professor e colegas. Esta representação é também importante, para o professor reter os sentimentos dos alunos e as suas opiniões relativamente a cada problemática (Picado, 2009);

› Quando a turma é extremamente difícil de controlar, uma das estratégias que pode ser utilizada, é a preparação de uma atividade didática especificamente direcionada para a indisciplina. Os alunos, ao verem-se confrontados com as diferentes vertentes da problemática, tendem a corrigir o seu comportamento. Em educação visual, por exemplo este pode ser o tema para a elaboração de cartazes ou mascotes.

› Existem situações extremas de turmas indisciplinadas que não são controladas com estratégias simples e neste caso pode ser implementado o sistema de créditos. Esta estratégia consiste na atribuição de pontuação às atitudes positivas, isto é, no início é estipulado um número padrão de pontos a atingir e sempre que aluno consegue chegar a esse nível é-lhe atribuída uma recompensa previamente definida. Esta estratégia faz com os alunos eliminem os comportamentos disruptivos na procura pela recompensa. Para que seja obtido sucesso é necessário recorrer a um contrato comportamental com definição clara das regras antes de iniciar o processo de pontuação (Alves, 2010);

› Na sala de aula o professor, muitas vezes, não consegue aplicar corretamente as suas estratégias porque os outros intervenientes, na vida do aluno, não o permitem.

Neste caso, o professor deve reunir com pais, direção da escola, diretor de turma e delegado de turma para que a intervenção seja mais abrangente e para que todas as partes colaborem para o mesmo fim.

1.5.2.6. Estratégias intrinsecamente ligadas ao ambiente de sala de aula:

➤ A organização dos alunos na sala de aula é outra das estratégias que pode ser utilizada para corrigir comportamentos. No início do ano letivo, quando o professor ainda não conhece a turma, os lugares na sala de aula são normalmente escolhidos pelos próprios alunos mas, com o decorrer dos tempos letivos, o docente começa a aperceber-se de alguns problemas disciplinares. (Melo, 2008) Quando, na sala de aula, existem alguns casos de indisciplina, uma das estratégias que pode ser utilizada é a separação dos alunos. Este método requer alguma observação por parte do professor que deve ponderar muito bem o lugar a escolher para não prejudicar os alunos mais calmos e interessados. Esta estratégia deverá ser utilizada, apenas, quando existem poucos casos de indisciplina, no caso de uma turma inteira a forma de distribuição dos lugares terá que ser aleatória, com ajustes permanentes (Jesus, 2008);

➤ A melhoria do ambiente de sala de aula é outra das estratégias que pode ser utilizada pelo professor para reduzir os comportamentos disruptivos. Pode ser introduzida música nas aulas práticas, pode ser requisitado material de apoio, etc. (Melo, 2008);

➤ No início e final de cada aula, é muito comum a entrada abrupta dos alunos, a utilização de linguagem inadequada e o excesso de ruído. Todos estes comportamentos indisciplinados podem ser evitados com o controle das entradas e saídas, isto é, o docente coloca-se na porta da sala e deixa passar um aluno de cada vez (Alves, 2010). Esta estratégia melhora significativamente as atitudes dos jovens.

1.5.2.7. Estratégias relacionadas com o desempenho do professor

➤ A forma como o professor encara a sua profissão pode influenciar o comportamento dos alunos. Os professores que apresentam uma postura de total insatisfação e desmotivação não conseguem intervir, em tempo útil, nem manifestam interesse na resolução dos problemas que surgem na sala de aula. É essencial que o docente goste do que faz (Melo, 2008);

➤ O auto-estudo está também diretamente relacionado com o docente, após cada aula deve ser feita uma reflexão sobre o seu desempenho e as formas mais adequadas para suprimir determinados problemas (Picado, 2009);

➤ A alteração do conceito de aula tradicional é outra das estratégias que deve ser utilizada pelo professor. Os alunos não conseguem manter a sua atenção e quando a turma é indisciplinada, é praticamente impossível dar os conteúdos. Se o professor criar uma série de aulas diferentes que coloquem os alunos em movimento dentro da sala ou no exterior ou que os leve a desenvolver trabalhos com ferramentas tecnológicas, estes apresentar-se-ão mais interessados e com menos motivos para perturbarem a aula (Barboza, 2011);

- Recorrer a formações especializadas é outra das estratégias que deve ser utilizada. O professor, ao obter informação específica sobre a problemática da indisciplina, consegue resolver prontamente todas as situações que vão surgindo (Melo, 2008);
- Todas as aulas devem ser rigorosamente preparadas para garantir respostas imediatas às situações que vão surgindo. Alguns comportamentos não são previsíveis mas, outros podem ser antecipados e estudados de forma a serem contidos no momento em que ocorrem sem recurso à improvisação, que muitas vezes pode piorar a situação (Pinto, 2007);
- As aulas deverão estar integradas num calendário rígido que delimitará a duração de cada atividade. Esta estratégia faz com os alunos indisciplinados percebam que se mantiverem o seu comportamento não conseguirão cumprir os prazos estipulados e terão, como retorno, a reprovação (Pinto, 2007);
- Outra forma de eliminar e evitar comportamentos indisciplinados é o cumprimento rígido dos horários estipulados (Barboza, 2011). Se o professor chega atrasado o aluno recebe imediatamente a informação que pretende e procura justificar os seus próprios atrasos com o modelo do professor. O ideal é chegar sempre uns minutos antes da aula para incentivar o cumprimento dos jovens.
- Algumas situações requerem a saída do professor durante a aula e este é sem dúvida um erro cometido que incentiva ao aumento da ocorrência da indisciplina (Barboza, 2011). Sempre que o professor necessitar de se ausentar, durante uma aula, deve adiar ao máximo esta saída, os alunos precisam de acompanhamento permanente e assim que o elemento de autoridade abandona a sala o caos instala-se imediatamente.

1.5.2.8. Estratégias relacionadas com a avaliação:

- A modificação do modo como os professores corrigem os trabalhos é também uma forma de eliminar ou reduzir a indisciplina. O docente geralmente recorre à cruz para assinalar o que falhou, mas este símbolo tem uma carga muito negativa que provoca alterações nos jovens. Em vez de uma cruz, o professor pode utilizar um traço para representar as respostas erradas, o que fará o aluno entender onde falhou mas sem o sentido pejorativo associado ao primeiro símbolo (Barboza, 2011);
- A ansiedade pode levar, também, os alunos a situações comportamentais incorretas e para evitar esta pressão o professor deve encontrar alternativas aos testes. Estes representam momentos de grande tensão para os jovens e podem ser substituídos por um regime de avaliação, permanente, constituído por todos os elementos produzidos na sala de aula (Jesus, 2008);
- A cor que é utilizada na correção dos trabalhos é também influente no comportamento dos alunos. Para corrigir algumas atitudes desenvolvidas pela desmotivação o professor deve substituir a caneta vermelha por uma de outra cor (Barboza, 2011).

Algumas das estratégias mencionadas são extremamente fáceis de aplicar e algumas delas até parecem simples para resultarem, mas são aconselhadas por diversos docentes e especialistas na área da educação que comprovaram as vantagens da sua utilização.

1.6. Considerações finais da investigação

A indisciplina está diretamente ligada às relações interpessoais, dentro da sala de aula, e deve existir uma intervenção constante para que a evolução na aprendizagem seja positiva. As causas desta problemática são muitas e os intervenientes procuram desresponsabilizarem-se constantemente. Cabe à escola e ao professor acionar os meios necessários para conter estas atitudes, pois os alunos na escola não aprendem apenas os conteúdos programáticos. Os professores de hoje são educadores, com todas as responsabilidades que este termo implica.

Na sala de aula é possível dar resposta a turmas indisciplinadas com recurso a um conjunto de estratégias que devem fazer parte da planificação de cada aula. Na prática, as estratégias mencionadas nesta investigação, podem ser excelentes aliadas porque partem da experimentação de outros docentes, que continuam a recomendar e a utilizar esta forma de correção.

A principal preocupação desta pesquisa, até ao momento, foi a criação de uma lista de estratégias que dessem resposta aos problemas de hoje e por esse motivo selecionaram-se as fontes mais recentes. Os métodos mais antigos apresentam grandes falhas, já comprovadas por vários professores, e torna-se essencial atualizar os procedimentos para que, alunos de gerações diferentes, tenham intervenções distintas.

Capítulo II - Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada

2.1. A educação artística no currículo do Ensino Básico

As artes são essenciais na formação do ser humano, estas são responsáveis pelo desenvolvimento social, pessoal e cultural.

Nas escolas, a introdução da arte no currículo, diminui à medida que o aluno avança no seu percurso escolar e este é um dos aspetos atuais já focados por Read ([1982] 2007). No pré-escolar, a criança desenvolve atividades artísticas diariamente. Em idade escolar e até ao secundário tem duas (90+45 minutos) ou uma (90 minutos) aula, consoante a idade. A partir desta fase a arte apenas surge no currículo em disciplinas com exames finais. Esta distribuição não parece ser a mais correta tendo em conta a sua importância e impacto na vida humana: *“Arte deve ser ensinada desde a infância até o nível médio. E na universidade também, independentemente de o curso ser de arte, medicina ou engenharia.”* (Barbosa, Arte e livros, 2011).

A arte tem o poder de nos atribuir uma visão do mundo, de nos oferecer um pensamento próprio.

No Ensino Básico a educação artística divide-se em quatro grandes áreas: expressão plástica e Educação Visual, expressão e educação musical, expressão dramática/teatro e expressão físico-motora/ Dança.

No 1º ciclo todas as áreas são lecionadas pelo professor responsável pela turma e em alguns casos existem professores especializados que complementam o ensino.

No 2º ciclo são mais trabalhadas as áreas de educação musical e Educação Visual.

No 3º ciclo os alunos têm Educação Visual e é dada a possibilidade de escolha de uma área conhecida como oferta escola (dança, teatro, etc.). Atualmente as escolas não possuem docentes e meios suficientes para este tipo de ofertas ficando o currículo reduzido apenas a Educação Visual.

O ensino atual dá prioridade a outras áreas, considerando que a educação artística é a menos relevante. Este pensamento não é o mais correto como podemos ver nas palavras de Barbosa (2011) que defende a importância da arte no currículo: *“Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estamos oferecendo nem educação cognitiva, nem educação emocional”* (Barbosa, Domínio Público). *“Aqueles que defendem a arte na escola meramente para libertar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas.”* (Barbosa, Domínio Público)

2.2. Análise do programa de Educação Visual do 3ºciclo do Ensino Básico

A disciplina de Educação Visual tem como objetivo principal a aptidão de competências expressivas e percetivas.

Habitualmente, e de forma errada, a Educação Visual é vista como algo que apenas existe para fins decorativos, mas é tempo de mudar mentalidades e entender que esta disciplina tem tanta importância como a Língua Portuguesa ou a Matemática. Esta forma de comunicação e expressão representa uma linguagem universal. Se refletirmos bem conseguimos compreender a importância da linguagem visual. Uma criança relativamente pequena pode não saber articular uma única palavra mas, se colocarem na sua frente papel e lápis rapidamente ela começa a expressar a sua linguagem através de cores, formas e movimentos.

A Educação Visual permite uma organização do mundo em que vivemos e uma criação lógica de tudo o que conhecemos através da perceção visual, da expressão livre e do *design*. Esta faz parte da nossa história, retrata épocas e costumes e permite-nos compreender o passado, o presente e muitas vezes provoca especulações sobre o futuro.

Muitas das profissões exercidas atualmente, como os diferentes tipos de Design e a Arquitetura, utilizam elementos presentes na disciplina de Educação Visual como ferramenta de trabalho, sem que a sociedade se aperceba. Nas grandes cidades, por exemplo, as pessoas estão rodeadas de informação que lhes chega através da sua perceção visual, como os cartazes e a publicidade, que se encontram a cada esquina e que são considerados tão banais, que não existe tempo para refletir sobre a forma como aprendemos a ler os diferentes elementos visuais.

Por ser parte essencial na formação do ser humano o Educação Visual faz parte da constituição do currículo do 3º ciclo do Ensino Básico e é responsável pelo confronto de culturas e conhecimentos o que desperta a capacidade crítica, a exposição e a discussão. As aulas desta disciplina devem ser um ponto de partida para abrir horizontes e estimular a criatividade dos jovens.

A Disciplina processa-se em três grandes áreas: a perceção visual, a expressão gráfica e a comunicação, devendo ser articulada, sempre que possível, com as outras disciplinas do currículo.

2.2.1. Finalidades, objetivos e observações do programa de Educação Visual

Apresenta-se de seguida uma reflexão sobre as diferentes finalidades apresentadas no documento orientador do programa de Educação Visual (Anexo1).

- “*Desenvolver a perceção.*” (DGEBS): Os alunos devem ser estimulados através de obras de artistas, *designers*, etc. O professor deve organizar para isso visitas de estudo, a exposições com um elevado grau de diversidade. Se tal não for possível, o docente deve usar métodos audiovisuais para transmitir, nas aulas, vários exemplos de

vários autores. Esta visualização permite aculturar os alunos, quebrar preconceitos e estereótipos e demonstra quando se pretende a representação de real e os códigos de representação. A amostragem de obras é a melhor motivação para a realização de várias atividades, permitindo desenvolver o espírito crítico e a curiosidade. Ao conhecer um vasto e diversificado número de trabalhos torna-se mais fácil a interpretação dos elementos visuais, a percepção da sua estrutura geométrica, o desenvolvimento da sensibilidade à contribuição plástica das várias técnicas e procedimentos e às qualidades formais e expressivas dos objetos;

‣ “*Desenvolver a criatividade.*” (DGEBS): É essencial que o professor promova a descoberta e a experimentação sem impor limites a nível criativo. O aluno deverá desenvolver, no processo de ensino, alguma autonomia e ser alertado para esquemas e estereótipos.

Através de um tema geral o professor poderá orientar pequenos projetos com total liberdade de criatividade, permitindo aos alunos experimentarem o que pode ou não resultar;

‣ “*Desenvolver a capacidade de utilizar meios de expressão visual*” (DGEBS): O aluno deverá ser capaz de dominar uma série de técnicas expressivas e saber utilizar os meios corretos tendo em conta inúmeros fatores que condicionam a percepção visual;

‣ “*Desenvolver a capacidade de expressão.*” (DGEBS): O aluno deverá ser capaz de analisar e captar as formas através da visualização direta e indireta. É importante que o docente promova a observação dos objetos não apenas através da visão, mas através de todos os sentidos, levando os alunos a utilizar a interação de vários elementos. Um dos exercícios que pode ser feito é colocar diversos objetos à disposição dos alunos e pedir-lhes que desenhem num primeiro plano o que veem e num segundo plano o que sentem ou o que, aquele objeto lhes transmite. Este exercício permite ao aluno, numa primeira fase, desenvolver as suas capacidades de representação de objetos, e numa segunda fase, promove a sua expressão própria comunicando através do desenho os seus sentimentos e a sua visão plástica do objeto.

Durante toda a aprendizagem o aluno deverá ser submetido a exercícios práticos variados, utilizando recursos diferentes. O objetivo principal é alcançar a expressão e o domínio de várias técnicas plásticas;

‣ “*Desenvolver o sentido crítico*” (DGEBS): O aluno deverá identificar as falhas do seu projeto. Uma atividade interessante, para realizar na sala de aula, é colocar todos os projetos sobre o olhar da turma e pedir que façam a sua crítica de forma construtiva, ou seja, não basta apenas que digam o que não resultou, têm que propor soluções.

Deve ser dado espaço, na sala de aula, para a opinião do aluno, isto quer dizer que o diálogo não pode ser 50% para o professor e 50% para os alunos, os segundos terão que dispor de pelo menos 80% de espaço para o diálogo e para a discussão.

Quanto maior for a diversidade de conceitos apresentada pelo professor melhor será a cultura visual do aluno.

➤ *“Desenvolver a sensibilidade estética”* (DGEBS): No decorrer dos exercícios de aula os alunos deverão estar cientes do tipo de trabalho que vão desenvolver e quais os materiais, suportes e técnicas que são mais adequados a cada exercício. Deve existir uma noção clara do local e finalidade de cada elemento visual. O aluno deve saber enquadrar as formas no espaço e reconhecer o valor estético de cada objeto.

➤ *“Desenvolver a capacidade de comunicação”* (DGEBS): O aluno deverá conhecer os diferentes meios de comunicação visual, assumindo uma postura crítica.

O professor deverá conduzir o aluno à produção de diversos objetos de comunicação visual como cartazes, flyers, etc. A concretização destes elementos deve estar assente sobre uma noção clara do poder dos estereótipos na perceção visual e deve existir uma pré-disposição para a produção de elementos tridimensionais, tanto do ponto vista geométrico como expressivo.

O aluno deverá ainda apresentar o domínio do vocabulário associado à linguagem visual.

➤ *“Desenvolver o sentido social”* (DGEBS): Combinar vários tipos de expressão (verbal, escrita, visual) nem sempre é fácil mas torna-se fundamental para a formação dos alunos.

O trabalho colaborativo pode proporcionar uma troca de perceções e técnicas muito variadas. Muitas vezes os melhores resultados são obtidos pelos grupos com técnicas divergentes. Para além desta componente plástica os grupos promovem também as relações interpessoais. Os alunos adquirem um conjunto de metodologias de trabalho em grupo que lhes serão úteis para o seu futuro profissional, incluindo capacidades de liderança, organização, autonomia, técnicas de calendarização e cumprimento de tarefas. Adquirem, também, vocabulário específico de um determinado meio artístico e conhecem indústrias e artesãos através de visitas de estudo.

➤ *“Desenvolver a capacidade de intervenção”* (DGEBS): Ao transmitir conhecimento aos alunos o professor deve sensibilizar para a importância de preservar o nosso património, valorizar todas as formas culturais e artísticas, conhecer vários elementos portugueses que fazem parte do património histórico mundial e estabelecer relações com o que existe noutros países. Durante as aulas o professor deve também incutir nos alunos o respeito por todas as culturas.

O aluno deve pensar de forma sustentável utilizando materiais e processos amigos do ambiente. Na aula o professor deverá mostrar exemplos ecológicos e abrir horizontes. A utilização de laboratórios para o teste de vida útil de vários materiais é uma excelente forma de demonstrar o que acontece depois de os objetos serem deitados fora e o impacto que causam.

Um trabalho interessante será pedir aos alunos que peguem em objetos já existentes e os transformem a nível material, isto é, encontrem alternativas mais sustentáveis que substituam os materiais pouco amigos do meio ambiente.

2.2.2. Conteúdos

Os conteúdos do programa estão divididos em seis grandes temas comuns aos três anos de aprendizagem: comunicação, dinâmica/movimento, espaço, estrutura, forma e luz-cor.

Todo o processo é evolutivo e alguns dos subtemas mantêm-se no decorrer dos três anos por apresentarem carácter transversal.

A disciplina de Educação Visual é essencialmente prática e a evolução na temática só acontece com a experimentação constante e a estimulação visual do aluno.

O 7º ano começa com o apuramento das capacidades obtidas na formação anterior para que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de adquirir apetências. É importante que o professor reveja alguns pontos essenciais que não estejam consolidados para que a determinado ponto a turma siga numa mesma linha de aprendizagem.

Durante todo o processo deverão ser combinadas todas as temáticas de modo a alcançar um nível maioritariamente aprofundado no 9ºano.

Como o programa de Educação Visual original apresentava algumas lacunas foi necessário um ajustamento dos conteúdos que serve de orientação para o ensino atual (Anexo 2).

2.2.3. Metodologia geral

O programa da disciplina inclui um conjunto de temas organizados que não devem ser cumpridos pela ordem estabelecida. O professor deverá orientar os conteúdos, de forma a proporcionar um desenvolvimento coerente e evolutivo dos alunos.

As aulas deverão ser construtivas, consolidando conhecimentos “teóricos” com a prática.

O professor deve organizar diferentes tipos de aulas onde podem ser utilizados diferentes recursos. Todo o material e espaços que a escola disponibilizar devem ser aproveitados para concretizar aulas diferentes.

O professor pode também comunicar com a escola, com a finalidade de desenvolver parcerias com museus e salas de exposição. Uma das atividades construtivas que pode ser feita é a exposição dos trabalhos dos alunos, para que estes recebam um feedback do seu trabalho.

No ensino deve ser dado ênfase ao trabalho de autores portugueses. O aluno deverá ter conhecimento do que de melhor se faz em Portugal e ter a capacidade de comparar com o que se faz noutros países.

Na questão cultural nem todos os alunos têm a mesma formação e por este motivo o professor deve manter-se atento aos níveis de compreensão de cada um. Uma forma de tentar igualar o nível de conhecimento é promover trabalhos de pesquisa em grupo.

A versatilidade deve ser a palavra de ordem nesta disciplina onde todos os materiais, suportes e técnicas podem ser experimentados e os trabalhos desenvolvidos nas aulas e em casa devem ser avaliados e comentados pela turma para que estes entendam as suas falhas e quais as combinações técnicas que resultam melhor.

2.2.4. Avaliação

A avaliação desta disciplina é contínua e deve considerar vários aspetos: a aquisição dos conceitos, a técnica, os processos, a perceção visual e valores e atitudes. São considerados, na avaliação, todos os elementos desenvolvidos no âmbito da disciplina tal como todo o processo criativo.

2.2.5. Recursos

Os recursos que deveriam ser usados, muitas vezes não estão disponíveis nas escolas e o material considerado indispensável é muitas vezes visto pelas próprias como dispensável. Infelizmente as disciplinas de educação artística ainda se encontram no fim da lista de prioridades e estas precisam de facto de algum material base para que o programa não esteja comprometido. Na ausência de algum equipamento o professor deverá mover esforços junto da direcção da escola, para obter o que é necessário ou tentar contornar a situação de outras formas.

2.3. Análise das metas curriculares de Educação Visual do 9ºano

As metas curriculares delimitam os conhecimentos base que devem ser adquiridos pelos alunos nos diferentes anos do Ensino Básico. O documento em questão (Anexo 3) foi proposto pelo Ministério da Educação e Ciência surgindo na sequência da revogação do documento “Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais”.

As metas foram realizadas com base em documentos semelhantes produzidos por países com boa classificação a nível de ensino. Esta vontade de acompanhar o que de melhor se faz no ensino a nível mundial deu origem a um documento completamente afastado da realidade portuguesa. No nosso país as artes não assumem tanta importância e a carga letiva é mais reduzida.

Uma vez que tem cariz obrigatório é essencial efetuar uma análise das metas curriculares correspondentes ao ano de escolaridade lecionado durante a PES.

As metas relativas ao 9ºano de escolaridade estão divididas em quatro categorias gerais: técnica, representação, discurso e projeto.

Técnica T9

OBJETIVO GERAL (1):

Compreender diferentes tipos de projeção.

- 1.1: Identificar a evolução histórica dos elementos de construção e representação da perspetiva.
- 1.2: Distinguir e caracterizar tipos de projeção axonométrica e cónica.

OBJETIVO GERAL (2):

Dominar técnicas de representação em perspetiva cónica.

- 2.1: Reconhecer e aplicar princípios básicos da perspetiva cónica (ponto de vista, pontos de fuga, linhas de fuga, linha horizonte, plano horizontal e do quadro, raios visuais).
- 2.2: Utilizar a linguagem da perspetiva cónica, no âmbito da representação manual e representação rigorosa.

OBJETIVO GERAL (3):

Dominar procedimentos sistemáticos de projeção.

- 3.1: Desenvolver ações orientadas para a prática de técnicas de desenho, que transformam os resultados numa parte ativa do conhecimento.
- 3.2: Aplicar procedimentos de projeção em configurações diferentes, com o objetivo de desenvolver objetos.

Ilustração 6: Metas curriculares do 9ºano - Técnica (Rodrigues, Cunha, & Félix, 2012)

Em relação à técnica todos os objetivos gerais são exequíveis podendo ser englobados em exercícios práticos muito diversificados.

Representação R9

OBJETIVO GERAL (4):

Conhecer processos de construção da imagem no âmbito dos mecanismos da visão.

- 4.1: Compreender o mecanismo da visão e da construção das imagens (globo ocular, retina, nervo ótico, cones e bastonetes).
- 4.2: Identificar e registar a relação existente entre figura e fundo, utilizando os diversos meios de expressão plástica existentes (figura em oposição, fundo envolvente, etc.).

OBJETIVO GERAL (5):

Relacionar processos de construção da imagem no âmbito da percepção visual.

- 5.1: Explorar figuras reversíveis, através do desenho livre ou do registo de observação digital (alternância de visualização).
- 5.2: Desenvolver e representar ilusões óticas em composições plásticas, bi e/ou tridimensionais (figuras impossíveis, imagens ambíguas).

OBJETIVO GERAL (6):

Dominar a aquisição de informação intuitiva e de informação estruturada.

- 6.1: Desenvolver ações orientadas para a compreensão de informação adquirida de forma intuitiva, que desenvolve padrões representativos através de imagens percecionadas/sentidas.
- 6.2: Desenvolver capacidades de representação linear estruturada que permite organizar e hierarquizar informação, como base interpretativa do meio envolvente.

Ilustração 7: Metas curriculares do 9ºano - Representação (Rodrigues, Cunha, & Félix, 2012)

A representação contrariamente ao que acontece com a técnica, apresenta um objetivo que dificilmente poderá ser cumprido na totalidade. O objetivo 4.1 indica que os alunos deverão conhecer o mecanismo da visão e esta matéria, para o nível que estes apresentam, é demasiado complexa. Para que exista uma noção real do que é pedido basta fazer um paralelismo com o ensino superior, nível onde são dados os conteúdos propostos neste ponto. Como pode um adolescente de 14 anos apresentar o mesmo nível que um jovem de 18? O professor pode de facto lecionar esta matéria mas transmitir conhecimento a quem ainda não tem capacidade para o reter é uma incongruência clara que deve ser revista.

OBJETIVO GERAL (7):

Reconhecer o âmbito da arte contemporânea.

- 7.1: Compreender e distinguir a arte contemporânea no âmbito da expressão (tom provocativo e crítico, experiências físicas e emocionais fortes, ausência de regras pré-estabelecidas).
- 7.2: Aplicar conceitos de obra de arte abstrata e figurativa, em criações plásticas bi e/ou tridimensionais (pintura, escultura, arte pública, instalação e *site-specific*, arte da terra (*landart*), performance/arte do corpo: ação, movimento e presença física).

OBJETIVO GERAL (8):

Refletir sobre o papel das manifestações culturais e do património.

- 8.1: Distinguir a diversidade de manifestações culturais existente, em diferentes épocas e lugares (cultura popular, artesanato, valores, crenças, tradições, etc.).
- 8.2: Identificar o património e identidade nacional, entendendo-os numa perspectiva global e multicultural (tipos de património: cultural, artístico, natural, móvel, imóvel, material, imaterial, etc.).

OBJETIVO GERAL (9):

Compreender o conceito de museu e a sua relação com o conceito de coleção.

- 9.1: Analisar o conceito de museu, no âmbito do espaço, da forma e da funcionalidade.
- 9.2: Distinguir o conceito de museu do conceito de coleção.
- 9.3: Identificar as diferentes tipologias de museus de acordo com a natureza das suas coleções.

OBJETIVO GERAL (10):

Reconhecer o papel das trajetórias históricas no âmbito das manifestações culturais.

- 10.1: Desenvolver ações orientadas para o conhecimento da trajetória histórica de manifestações culturais, reconhecendo a sua influência até ao momento presente.
- 10.2: Investigar o objeto/imagem numa perspectiva de reflexão que favorece percepções sobre o futuro.

Ilustração 8: Metas curriculares do 9ºano - Discurso (Rodrigues, Cunha, & Félix, 2012)

Na categoria Discurso existe uma grande preocupação com a cultura artística do aluno. O que as metas não preveem são os meios necessários para atingir os objetivos. Na situação atual os alunos apresentam bases culturais insuficientes para que todos os itens obrigatórios sejam cumpridos no tempo disponibilizado, só esta categoria ocuparia todo o ano letivo.

Os objetivos 7, 8, 9, 10 são apresentados sem que exista uma reflexão prática da forma como os conteúdos podem ser ensinados. As condições económicas e materiais dos agregados familiares e da escola podem comprometer a correta concretização das metas. Mesmo que os professores encontrem alternativas, falar de museus sem que os jovens tenham visitado um exemplar, dificilmente culminará numa representação real, mesmo que o professor recorra a imagens.

No geral o nível de conhecimento que é pedido no 9ºano é muito semelhante ao de um aluno de 12ºano. As discrepâncias podem resolver-se adaptando-se às capacidades cognitivas dos alunos.

Projeto P9

OBJETIVO GERAL (11):

Explorar princípios básicos da Engenharia e da sua metodologia.

- 11.1: Analisar e valorizar o contexto de onde vem a engenharia (evolução histórica, as primeiras escolas, engenharia militar: fortificações, pontes e estradas).
- 11.2: Reconhecer e descrever a metodologia da engenharia (enunciação do problema, análise do lugar: variáveis e requisitos, tipologia de projeto).
- 11.3: Identificar as disciplinas que integram a área da engenharia (física, matemática, etc.).

OBJETIVO GERAL (12):

Aplicar princípios básicos da Engenharia na resolução de problemas.

- 12.1: Distinguir e analisar diversas áreas da engenharia (civil, geológica, eletrotécnica, química, mecânica, aeronáutica).
- 12.2: Desenvolver soluções criativas no âmbito da engenharia, aplicando os seus princípios básicos na criação de uma maqueta de uma habitação nómada, valorizando materiais sustentáveis.

OBJETIVO GERAL (13):

Reconhecer o papel da investigação e da ação no desenvolvimento do projeto.

- 13.1: Desenvolver ações orientadas para a investigação e para atividades de projeto, que interpretam sinais e exploram hipóteses.
- 13.2: Desenvolver capacidades de relacionar ações e resultados, que condicionam o desenvolvimento do projeto.

Ilustração 9: Metas curriculares do 9ºano - Projeto (Rodrigues, Cunha, & Félix, 2012)

A categoria de Projeto é a mais irrealista no que diz respeito às metas para o 9ºano de escolaridade.

Os alunos desta faixa etária são capazes de desenvolver um projeto de *design*, por exemplo, mas com grandes dificuldades de compreensão das diferentes fases que o compõem.

Esta valorização excessiva que é dada à engenharia acaba por gerar objetivos que se desenquadraram do que seria expectável da disciplina de Educação Visual. O primeiro ponto que deve ser refletido prende-se com o facto de engenharia e *design* se tratarem de áreas distintas, uma não pode substituir a outra.

Segundo o programa original da disciplina, os alunos devem passar pela experiência do processo de *design*, e as metas apenas fazem referência a aspetos relacionados com a engenharia. Esta categoria é demasiado seletiva, os alunos devem passar por diversas experiências como o *design* gráfico, a arquitetura, o design de produto, etc. e estes objetivos apontam para a formação clara em engenharia. A educação artística pode e deve ser abrangente mas não deve em momento algum ser substituída pela ciência. Estas metas só reforçam a eliminação progressiva da expressão e criatividade.

Se refletirmos, por exemplo, sobre o ponto 12.1 é possível constatar que nenhum aluno na faixa etária em questão consegue assimilar conhecimentos relacionados com a engenharia aeronáutica. Um aluno que não consegue desenvolver um projeto simples de arquitetura ou *design* dificilmente conseguirá compreender princípios que, mais uma vez, são lecionados no ensino superior.

É urgente uma revisão do documento que define as metas curriculares pois não é apenas no 9ºano, nem na disciplina de Educação Visual que existe uma grande discrepância entre a realidade e o que é proposto. Este documento afeta o desempenho dos professores e a aprendizagem dos alunos. Qualquer professor que seja questionado sobre as novas metas aponta de imediato falhas graves.

2.4. Caracterização do contexto escolar

A PES foi desenvolvida na escola Secundária Quinta das Palmeiras na Covilhã no ano letivo 2012/2013 sob a supervisão do professor João Paulo Trigueiros.

Toda a comunidade escolar participou direta ou indiretamente no percurso de estágio, sendo necessária uma reflexão sobre todos os intervenientes.

2.4.1. A escola Secundária Quinta das Palmeiras

A escola Secundária Quinta das Palmeiras surgiu com algumas dificuldades em 1987, na sua fase inicial devido à existência de duas escolas secundárias, fortemente enraizadas na Covilhã. A escola número três, como ficou conhecida, acolhia apenas os alunos que não tinham lugar nas restantes. Nessa fase os alunos com dificuldades e necessidades especiais eram uma maioria na escola Secundária Quinta das Palmeiras por necessitarem de um ensino especial que não era oferecido nas outras escolas da cidade. A diversidade de problemáticas era muita e foi necessária a criação de uma estrutura capaz de dar resposta a tantas diferenças e incapacidades. A ligação criada entre toda comunidade escolar para superar as dificuldades deu origem aos princípios que regem até hoje o funcionamento da escola, presentes no projeto educativo (Anexo 4): os princípios da abertura, da implicação, do contexto, da comunicação, da metacognição, da qualidade de vida e da sabedoria.

A evolução da escola só aconteceu devido à avaliação de desempenho das suas práticas. O seu sistema de ensino baseia-se numa constante observação das necessidades procurando melhorar o rendimento dos alunos. Existe uma preocupação clara no delineamento de planos de ação e de estratégias de intervenção diversificadas para cada caso em particular, como consta no contrato de autonomia (Anexo 5).

A escola está preparada para receber alunos do 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário. Os setecentos e noventa e três alunos estão distribuídos por trinta e duas turmas, o que dá um valor médio de vinte e cinco alunos por turma, quantidade de referência que não corresponde à realidade devido ao facto de as turmas de secundário apresentarem um número de alunos mais reduzido. Na prática as turmas de 3º ciclo são compostas por cerca de trinta alunos, o que dificulta muito processo de aprendizagem, principalmente nas aulas práticas.

2.4.1.1. Recursos humanos

Relativamente aos recursos humanos a escola dispõe de sessenta e cinco professores do quadro de nomeação definitiva, dois professores destacados no exterior, dezassete professores destacados, catorze professores contratados e nove estagiários, que na prática se revelam insuficientes devido às baixas médicas e ausência de vários docentes. Contém a nível de pessoal não docente: um psicólogo educacional, sete administrativos, vinte e três auxiliares de ação educativa, um auxiliar de manutenção, seis cozinheiros/auxiliares e dois guardas noturnos. A este nível a escola tem pessoal suficiente. Apresenta também uma

equipa de saúde escolar composta por um médico e dois enfermeiros que apenas estão presentes em situações excecionais.

2.4.1.2. Recursos Físicos

A escola foi construída com uma arquitetura em quatro “blocos”, um centro tecnológico, um pavilhão gimnodesportivo, um espaço de atividades de tempo livres (ATL), uma casa de máquinas e um exploratório como se pode observar na ilustração 10.



Ilustração 10: Planta da escola Secundária Quinta das Palmeiras (Mendes, 2011)

Do ponto de vista físico, o estado de conservação da escola é bom e esta contém vários tipos de instalações de apoio para toda a comunidade escolar:

- Biblioteca - permite aos alunos um acompanhamento bibliográfico das disciplinas, consultas *on-line*, pode ser utilizada para momentos de estudo e é possível proceder à requisição de material de cariz tecnológico que pode ser utilizado dentro e fora da sala de aula, facilitando a introdução de unidades temáticas que acompanhem os dias de hoje;
- Videoteca - excelente recurso para alunos e professores pois os elementos audiovisuais são excelentes ferramentas de aprendizagem;
- Exploratório - sem dúvida um recurso importante para as aulas práticas onde os alunos podem experienciar a utilização de diversos materiais mas infelizmente durante o ano letivo presente não esteve a funcionar por necessitar de obras;
- Sala de estudo - localiza-se no centro tecnológico e é utilizado geralmente para aulas de substituição. Este recurso deveria ser aproveitado para acompanhar alunos com dificuldades mas as salas presentes na escola em várias situações revelam-se insuficientes.

- Laboratórios - existem para apoiar o ensino nas diversas disciplinas e dividem-se em: Física, Química, Biologia, Fotografia, Vídeo, Som/Rádio, Línguas, Matemática e informática. Infelizmente um dos que teria maior ligação com as artes visuais, o de fotografia, foi extinto.
- Pavilhão desportivo - onde são realizadas as aulas de educação física e o desporto escolar, utilizado apenas sob supervisão de um docente.
- Polidesportivo - serve de apoio à realização de aulas desportivas e promove a prática do desporto ao ar livre.
- Refeitório - preparado para receber alunos e professores.
- Bufete/bar - destinado apenas aos alunos.
- Auditório - bastante utilizado para reuniões de conselho pedagógico e de departamento com condições necessárias para receber uma aula expositiva.
- Sala de informática - localizada no centro tecnológico procura dar resposta às necessidades de alunos e professores, sendo que na maioria dos tempos letivos é utilizada como sala de aula para o curso profissional de multimédia.
- Sala de professores - dispõe de um pequeno bufete e computadores de apoio à atividade docente. Este espaço revela-se insuficiente para o número de docentes que atualmente lecionam na escola, estando completamente lotada nos intervalos.
- Sala de diretores de turma - espaço muito útil para os diretores de turma desempenharem as suas funções, dispondo de todo o material necessário. Nesta sala são recebidos os pais que são chamados à escola por casos particulares.
- Sala da associação de estudantes - pequeno espaço destinado aos elementos da associação.
- Sala da associação de pais - local onde os pais podem ser recebidos.
- Sala de convívio para os alunos - partilha o mesmo espaço com o bufete e é o local preferido dos alunos por dispor de algumas diversões.
- Sala de pessoal não docente - destinada aos funcionários da escola.

2.4.2. O grupo de Artes Visuais

O grupo disciplinar de Artes Visuais no presente ano é composto por cinco professores, estes são responsáveis pelas disciplinas de Educação Visual e Arte e Design no 3º ciclo do Ensino Básico e pelas disciplinas de Geometria Descritiva A, Design de Comunicação e Audiovisuais e Técnicas de Multimédia no Ensino Profissional.

O grupo apresenta um coordenador, nomeado pela direção da escola, responsável pelo apoio de professores menos experientes dentro do seu grupo e pela coordenação e planificação de todas as atividades pedagógicas.

A troca de experiências dos docentes é efetuada em reuniões, sempre presididas pelo coordenador, que garante que as diretrizes presentes no regimento do grupo (Anexo 6) são cumpridas na totalidade.

2.4.3. O núcleo de estágio

O núcleo de estágio de Artes Visuais é composto por um professor, responsável pela supervisão de todo o processo pedagógico, e três professoras estagiárias.

2.4.3.1. O orientador

O orientador de estágio da escola Secundária Quinta das Palmeiras é o professor João Paulo Trigueiros, licenciado em Artes Plásticas, Escultura pela Universidade de Lisboa em 1985.

Concluiu a sua profissionalização em exercício em 1988 e encontra-se a lecionar desde o ano letivo de 1975/76.

Apresenta experiência efetiva no 2º e 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, destacando-se a colocação contínua de vinte anos, na escola Secundária de Cascais. Atualmente exerce funções na escola Secundária Quinta das Palmeiras, na Covilhã, como professor do quadro de nomeação definitiva.

Exerceu, até este momento, os seguintes cargos: diretor de Turma, coordenador de grupo, coordenador de departamento, orientador de estágio e relator de grupo.

2.4.3.2. As estagiárias

Vera Silva - Licenciada pela Universidade da Beira Interior em Design Industrial em 2011, desenvolveu vários projetos de *design* para empresas portuguesas durante o processo de formação.

Integrou o Mestrado de Ensino das Artes Visuais ainda em 2011 com o objetivo de interligar duas áreas da sua preferência.

Sofia Freire - Licenciada pelo Instituto Politécnico de Beja em Ensino de Educação Visual no Ensino Básico em 1994, lecionou no ano letivo de 1994/1995 na escola Básica 2/3 de Silves, no Fundão e na escola particular Externato de Nossa Senhora dos Remédios na Covilhã entre 1996 e 2011. Apresenta experiência de dezassete anos consecutivos no ensino de Educação Visual e Tecnológica no 2º ciclo do Ensino básico.

Integrou o Mestrado de Ensino das Artes Visuais em 2011, ainda em exercício, com o objetivo da obtenção de mais habilitações.

Sara Gil - Licenciada pela Escola Superior de Artes Decorativas na mesma categoria em 2005, detém dois anos de experiência no Ensino Secundário e 3º ciclo do Ensino Básico, na escola Secundária de Alpendorada e na EB2/3 D. Afonso Henriques, respetivamente.

Apresenta experiência com alunos com NEE e recorreu ao Mestrado de Ensino de Artes Visuais em 2011 para obter a profissionalização.

2.4.4. Caraterização da turma

A caraterização da turma é realizada a partir de informações cedidas pela diretora de turma na primeira reunião intercalar do ano letivo.

A turma 9º D é constituída por 29 alunos, 17 rapazes e 12 raparigas com uma média de idades de 13,86 anos e a maioria já constituía a turma no ano letivo anterior.

No início do ano letivo 2012/2013 saiu um aluno por motivo de transferência para outra escola, já que a família mudou o seu local de residência. Integraram este ano a turma 2 alunos novos provenientes da escola de S. Domingos e uma aluna que mudou da turma B já no decurso do 1º período, alegando inadaptação, encontrando-se a repetir o 9º ano.

A turma apresenta dois elementos com necessidades educativas especiais não acompanhadas pela escola. Ambos são hiperativos, sendo que um dos alunos se encontra medicado durante todo o período letivo procedendo de forma “normal” e o outro não está diagnosticado oficialmente o que gera alguns problemas de comportamento e atenção no decorrer das aulas.

Os alunos do 9º D são residentes predominantemente na cidade da Covilhã - freguesias da cidade (19 alunos), sendo os restantes residentes em aldeias circundantes: Ferro (6 alunos), Dominguiso (1 aluno) e Teixoso (1 aluno).

Em relação ao sucesso escolar 27 alunos não apresentam repetências em anos de escolaridade anteriores, apenas 2 apresentam 1 repetência, o que me parece bastante invulgar para uma turma com tantas dificuldades (ver ponto 3.4.4.1.).

Considerando as deslocações dos alunos a maioria desloca-se de autocarro, o que provoca alguns atrasos à primeira hora da manhã.

O nível de escolaridade dos Encarregados de Educação é, genericamente, baixo, situando-se maioritariamente pela escolaridade básica. Apenas 3 alunos têm ambos os pais licenciados e 2 outros apenas 1 dos progenitores detém formação de nível médio (bacharelato), o que condiciona, de certa forma, o acompanhamento escolar em casa.

O nível socioeconómico dos agregados familiares é igualmente médio-baixo. Dos 29 alunos, 16 são subsidiados pelos Serviços de Ação Social Escolar - SASE - estando 2 alunos posicionados no escalão A e 14 no escalão B, o que dificulta a inserção de algumas atividades que requerem materiais dispendiosos ou saídas da escola com recurso a transportes alugados.

Muitos alunos não referem preferências ou dificuldades verificadas no que diz respeito a disciplinas constantes do plano curricular. Dos que fazem menção a este aspeto, a incidência de preferência vai para as disciplinas de Educação Física (14 alunos) e Educação Visual (8 alunos).

Muitos alunos - 13 - não sabem ainda o percurso académico e profissional que devem seguir. As expectativas dos restantes relativamente ao seu futuro profissional revelam, na generalidade, ambições de uma formação académica de nível superior.

As formas de organização social do trabalho preferida pelos alunos são o trabalho de grupo e aulas com recursos a suportes audiovisuais que são privilegiados durante todo o ano letivo de modo a motivar a turma.

2.4.4.1. Problemas identificados

A turma revela alguns problemas, comuns ao grupo, que dificultam muito o papel do professor: os erros ortográficos e de pontuação são constantes; o léxico utilizado, no geral, é pobre para o nível etário e de escolaridade; existem grandes dificuldades ao nível da leitura, compreensão e interpretação de texto, o que compromete as atividades e os conteúdos lecionados; as faltas de material para Educação Visual e Educação Física são constantes, prejudicando todo o processo prático necessário nestas disciplinas; são extremamente conversadores; pouco envolvidos nas tarefas de sala de aula; apresentam baixa responsabilidade na execução das tarefas, quer em sala de aula, quer extra sala de aula; verifica-se uma grande morosidade na execução de tarefas o que compromete a execução de todo o programa letivo; e revelam ausência de preocupação no desenvolvimento de hábitos de consolidação dos conteúdos curriculares. Todos estes problemas colocam em causa o trabalho do professor e vários docentes chegam ao extremo de se recusarem a lecionar nesta turma.

2.4.4.2. Situações particulares

A turma apresenta um número elevado de alunos com particularidades específicas o que, num grupo de trinta alunos, dificulta bastante o papel do professor.

A maria, a marta, a Inês, o Carlos, o Fernando, o Fábio e a Cátia (nomes fictícios) são alunos que necessitam de uma atenção especial:

- A Maria está inserida num ambiente familiar com elementos que apresentam perturbações psicológicas que a afetam diretamente, nas aulas apresenta uma postura extremamente derrotista e é incapaz de aceitar um elogio. No decorrer das aulas é necessário um acompanhamento próximo para que a aluna realize as tarefas.

- A Marta foi seguida durante vários anos pelos Serviços de Psicologia e Orientação (SPO) por défice de atenção e hiperatividade. Atualmente está sem acompanhamento estando medicada durante todo o período letivo. Esta jovem, nas aulas, necessita de acompanhamento diferencial por se tratar de uma problemática que desponta comportamentos imprevisíveis. A aluna não pode ser pressionada, as tarefas têm que ser dadas de forma faseada e sempre acompanhadas pelo reforço positivo, caso contrário esta entra num estado de agitação difícil de controlar.

- A Inês apresenta graves problemas a nível musculoesquelético o que condiciona a execução das atividades propostas na aula de Educação Visual e Educação Física. Alguns enunciados necessitam ser adaptados à sua condição tal como os prazos de entrega, mas no geral a aluna consegue acompanhar a matéria. Para além de problemas físicos a jovem apresenta também problemas psicológicos causados pela morte de um parente próximo, o que requer uma atenção diferenciada.

- O Carlos é o caso mais complicado da turma, desenvolve comportamentos indisciplinados e apresenta um historial de agressões a professores e alunos. Relativamente ao seu acompanhamento não existem diretrizes a seguir, o jovem em

questão não se encontra medicado e apresenta uma grande instabilidade durante todo o período letivo, faltando consecutivamente às aulas.

- O Fernando é um adolescente adotado que deve ser acompanhado para não desenvolver comportamentos de revolta ou rejeição.

- O Fábio foi acompanhado em anos anteriores pelo professor de ensino especial por apresentar alguns problemas de socialização provenientes de dificuldades físicas denominadas lábio leporino e fenda palatina. Durante o período letivo é necessário incentivar constantemente a realização das tarefas e garantir que o aluno não tem dúvidas, este tem alguma insegurança na colocação de questões.

- A Cátia não é de nacionalidade portuguesa e encontra-se no nosso país há cinco anos pelo que necessita de um acompanhamento mais próximo ao nível da escrita e da expressão oral.

Todas estas problemáticas são agravadas pelo comportamento indisciplinado da turma.

Capítulo III - Prática de Ensino Supervisionada

3.1. Prática pedagógica

No percurso de estágio foi atribuída uma turma de 9ºano com características muito especiais. Todo o percurso desenvolvido foi suportado pela investigação presente neste relatório, de modo a atingir os objetivos de ensino-aprendizagem.

Durante os dois períodos de experiência pedagógica foram utilizadas várias estratégias de resolução da indisciplina e os resultados foram surpreendentes.

3.1.1. Apresentação

A primeira aula do ano letivo foi encarada com alguma ansiedade, até ao momento ainda não existia informação sobre as particularidades da turma e a primeira imagem que os alunos iriam reter seria de extrema importância.

A primeira aula foi conduzida pelo orientador de estágio que recebeu os alunos com um sistema que para muitos pode ser considerado arcaico. Estes entraram sob o seu controlo, um a um, na sala de aula. Este método permite que o professor consiga controlar o número de alunos que vai ocupando a sala e contribui para a aproximação de ambas as partes (docente/aluno), nesse momento a autora deste relatório estaria longe de imaginar que essa receção se devia à indisciplina da turma.

Já no decorrer da aula procedeu-se às apresentações e às primeiras indicações sobre o que seria lecionado durante o ano letivo.

As primeiras atividades seriam um teste diagnóstico, para o qual foram indicados os materiais necessários, e a construção da capa. Para esta última procedeu-se a uma votação para decidir qual a cor da turma. Nesse momento foi possível perceber que na turma existiam os chamados “engraçadinhos” que escolheram “rosa choque” como forma de gerar confusão. No final da votação, a brincadeira acabou de forma inesperada para os alunos com a aprovação dessa cor.

Durante a aula foram registadas as atitudes dos alunos numa grelha (Apêndice 1) criada para esse propósito como suporte justificativo dos 40% da nota atribuídos no regime geral às atitudes e valores (Anexo 7) (ficha de observação presente no Apêndice 2).

3.1.2. Diagnóstico

A unidade de diagnóstico foi desenvolvida em conjunto com o orientador como forma de introdução à prática letiva. Realizou-se um enunciado (Apêndice 3), considerando a faixa etária dos alunos e as capacidades espetáveis para o início do 9ºano. O objetivo principal foi diagnosticar a capacidade de resolver problemas com as aptidões adquiridas em anos anteriores.

Durante o teste, foram efetuados pequenos registos (Apêndice 3) com a finalidade de comparar nas próximas avaliações a existência, ou não, de alguma evolução ou modificação de comportamento.

Numa visão geral constatou-se que os alunos eram muito dependentes da régua e da borracha e apresentavam uma atitude pouco confiante. Na representação do objeto demonstravam dificuldades de posicionamento e de visualização da forma no espaço (planificação e reflexão da aula presentes no Apêndice 4).

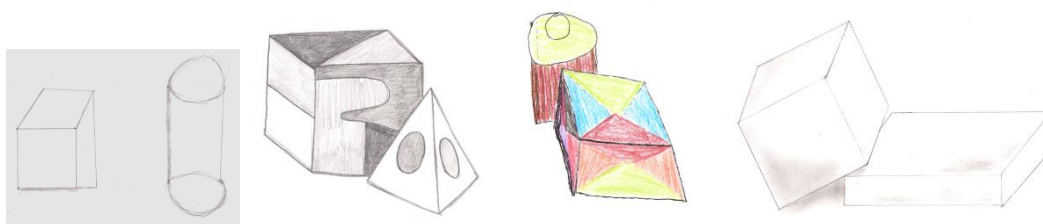


Ilustração 11: Resultados obtidos no teste de diagnóstico

3.1.3. Construção da capa

Após o teste de diagnóstico os alunos iniciaram a capa que serviria de suporte para os trabalhos que desenvolvessem ao longo do ano. Esta atividade é realizada desde o 7º ano com o mesmo professor e apesar disso, os alunos apresentaram grandes dificuldades de execução. Como na primeira aula foram observadas complicações, a autora deste relatório, decidiu elaborar material de apoio à construção da capa (Apêndice 5) que projetou no quadro durante a aula. Este documento continha uma descrição passo a passo para facilitar a construção mas os alunos não foram capazes de desenvolver a atividade. Durante toda a aula foi visível a falta de autonomia e a dependência do professor. A turma apresentava uma clara falta de limites a nível de execução das atividades e a nível comportamental que precisava de uma intervenção rápida.

A ficha de observação de aula e a autorização de recolha de imagens, necessária para a utilização de fotografias dos alunos, podem ser visionadas no Apêndice 6.

3.1.4. Atividade: Planos (UT: Espaço, Luz)

Por nunca ter lecionado, a autora deste relatório, decidiu avançar progressivamente, com a ajuda do orientador de estágio. Este foi responsável pela tomada de decisão sobre a nova atividade e a estagiária ficou responsável por criar meios de suporte e enunciados necessários, assim como o acompanhamento dos alunos.

A nova atividade consistia na elaboração de uma composição lógica com recurso a imagens recortadas de revistas de diversas especialidades.

O início das aulas era verdadeiramente caótico. Os alunos geravam ruído que incomodava todo o bloco onde se encontravam. Numa das aulas foi utilizada uma estratégia

sugerida pelo orientador, que costuma resultar muito bem com a maioria das turmas. A estagiária cruzou os braços junto ao quadro e esperou que os alunos se calassem como lhe foi ensinado, mas esta estratégia não surtiu qualquer resultado. As aulas começavam sempre da mesma forma o professor tinha muita dificuldade em estabelecer a ordem e com todo o processo passavam dez, quinze minutos e tudo continuava na mesma.

Com a introdução de uma nova temática foi necessário começar a pensar em medidas que influenciassem diretamente o comportamento dos alunos. Os problemas encontrados eram inúmeros: os alunos andavam pela sala sem autorização, proferiam palavrões, não davam qualquer atenção ao professor, eram incapazes de se concentrarem no que estavam a fazer, gritavam constantemente, existia conversa paralela, não colocavam o braço no ar para falar, etc.. Com este tipo de manifestações, era impossível dar aula e uma das medidas implementadas foi a redistribuição dos lugares dos alunos. Esta foi feita com base nos primeiros apontamentos recolhidos no teste diagnóstico e surtiu resultados logo na primeira aula da atividade.

Com a nova temática realizou-se também a primeira exposição teórica com recurso a um PowerPoint (Apêndice 7), que foi cuidadosamente elaborado para evitar desvios comportamentais. Este baseava-se sobretudo na visualização de imagens e foi desenvolvido com o intuito de captar a atenção dos jovens. Durante a exposição de conteúdos foi possível observar mais uma característica da turma que poderia comprometer o processo ensino-aprendizagem, os alunos fizeram silêncio durante dois minutos e a partir daí foi praticamente impossível reter a sua atenção. Com a falta de experiência o primeiro pensamento foi atribuir o fracasso à estagiária mas as aulas seguintes revelaram uma realidade bem diferente.

Do ponto de vista da execução da atividade foi lançado o enunciado, com alguns exemplos, avaliação e lista de materiais necessários (Apêndice 8) e de imediato começaram os pedidos de ajuda. Os alunos não tinham qualquer noção das regras de sala de aula, chamavam os professores aos gritos e quando não eram ajudados rapidamente aproveitavam para gerar confusão.

Outro dos problemas verificado era a duração das atividades. Para resolver este problema o tempo teria que ser limitado, logo no início de cada exercício, com penalização para os alunos que não conseguissem terminar dentro do prazo dado. Neste aspeto durante a atividade existiu alguma divergência de opinião entre orientador e estagiária, o primeiro defendia que todos os trabalhos deveriam ser terminados para serem expostos posteriormente e a segunda acreditava que com prazos fixos os alunos aprenderiam a gerir o seu tempo. Foi neste momento, que surgiu a necessidade de encontrar respostas comprovadas para problemas de indisciplina. Esta procura deu origem a um trabalho de investigação que fez com que a estagiária abandonasse todas as crenças e experimentasse novas técnicas de intervenção.

Sempre que o professor escrevia no quadro os alunos continuavam a demonstrar um comportamento de recreio, e sempre que um professor precisava falar os alunos estavam tão absorvidos pela confusão que nem prestavam atenção. Um dos sistemas utilizado pelo

orientador era subir o tom de voz de modo a sobrepor-se à turma, mas este sistema colocava em causa a saúde vocal do professor e era necessário encontrar uma alternativa. Uma das estratégias investigada acabou por surtir resultados. Durante a agitação a estagiária colocou o braço no ar, como os alunos deveriam fazer sempre que desejam falar, e esperou por uma reação. Os alunos pararam o que estavam a fazer e finalmente foi possível chamar a sua atenção. Como alguns alunos mais persistentes continuavam com o seu comportamento a estagiária decidiu pedir autorização aos alunos para falar. Esta ação fez com que estes, por momentos, entrassem no papel de professor e compreendessem que para um elemento falar é necessário silêncio.

Em relação à delimitação de prazos foi mesmo aplicado um período de entrega que os alunos receberam mal por não estarem habituados a limites. O objetivo principal da turma era ocupar o máximo tempo possível com uma atividade para realizarem menos módulos. Esta estratégia acabou com esse sistema, os alunos entregaram os trabalhos, todos inacabados, sentindo nas notas a desvantagem de desenvolverem uma postura indisciplinada.

No geral os alunos não conseguiram atingir a noção de profundidade o que reforça as dificuldades destes a todos os níveis. Uma turma indisciplinada não consegue habitualmente reter conceitos como uma dita normal e era esta a realidade que se pretendia alterar (planificações e reflexões das aulas no Apêndice 9).



Ilustração 12: Trabalhos dos alunos na atividade - planos

3.1.5. Atividade: Stop motion (UT: Espaço. Luz)

Após as constatações comportamentais na atividade anterior surgiu a necessidade de criar um exercício diferente do que tinham desenvolvido até ao momento. Era extremamente importante uma escolha que fascinasse os alunos de modo a desencadear o seu empenho. A partir deste momento a estagiária assumiu a turma. Todas as pessoas, quando se sentem realizadas com o que fazem, trabalham arduamente para atingirem o máximo e os alunos não são exceção.

A nova atividade teria que ligar várias áreas de preferência dos alunos e ao mesmo tempo inserir-se no programa da disciplina.

A reunião geral de turma ainda não se tinha realizado e não existia informação sobre as preferências dos alunos. Enveredou-se então por um caminho especulativo, considerando a faixa etária e as impressões retiradas nas primeiras aulas. Todos os jovens gostam de trabalhar em grupo e este era sem dúvida um ponto de partida. Continuando com a reflexão e considerando a evolução tecnológica era pertinente desenvolver uma atividade que contivesse meios digitais. Surgiu assim a ideia da realização de animações em grupo.

A atividade em questão consistia na construção de maquetas e cenários que serviriam de palco para a produção de uma animação produzida através de uma sequência fotográfica. Essa ligação das fotografias teria que ser feita através de um programa de vídeo básico a que todos tivessem acesso.

Em primeiro lugar a autora deste trabalho decidiu desenvolver uma parceria com o professor de TIC para que o vídeo fosse montado na sua aula. O objetivo principal era ligar duas disciplinas, com programas muito diferentes e provocar uma quebra na rotina das duas.

Contactando o professor responsável pela disciplina foi apresentada a proposta, devidamente planificada (Apêndice 10), da atividade e a resposta positiva foi imediata. O professor mostrou-se motivado com a ideia e ficou curioso para conhecer as reações da turma a esta proposta. Este grupo de alunos era bastante falado na escola por levar qualquer professor a extremos, as queixas eram muitas e alguns docentes recusavam-se mesmo a dar aulas.

Tratando-se de uma atividade que requer meios tecnológicos foi necessário averiguar o número de alunos que poderiam levar para as aulas as suas máquinas digitais e quais os meios disponíveis na escola. A escola dispunha do programa de vídeo necessário apenas numa sala e, das seis câmaras fotográficas disponíveis, apenas uma estava em funcionamento. Os grupos foram organizados segundo o número de máquinas disponíveis e não existiu qualquer dificuldade na sua formação, apesar da entrada de um novo elemento na turma. Todo o processo de criação de grupos e de questionamento do material necessário decorreu sem que os alunos tivessem conhecimento do que iriam fazer e esta estratégia provocou uma grande curiosidade que não se verificava anteriormente.

Com toda a parte técnica resolvida foi imprescindível a criação de material de suporte (Apêndice 11) para a explicação de vários aspetos relacionados com a atividade. A criação de uma animação pressupõe um conhecimento prévio de noções básicas de imagem, fotografia,

espaço e movimento. Todos estes aspetos foram apresentados através de vídeos devidamente acompanhados pela explicação da professora estagiária. Para evitar o que acontecia com o professor, os meios apresentados foram rigorosamente selecionados para atingir sucesso. A estratégia utilizada consistia na apresentação de vídeos com cores fortes, movimento inconstante e de duração muito reduzida. Com a utilização de recursos de curta duração os alunos iam renovando a sua atenção. Entre cada vídeo eram chamados a participar de forma voluntária, sem pressões e podiam dizer tudo o que quisessem, por mais ridículo que parecesse. Muitos não participavam precisamente por medo de serem ridicularizados pelo próprio professor e este sistema tinha que ser alterado, pois existem situações em que o aparentemente ridículo pode ser o mais lógico.

Durante toda a explicação os alunos participaram ativamente e ouviram as explicações da estagiária, algo que foi surpreendente para o orientador que conhecia bem a turma em questão. Esta primeira conquista levou mais entusiasmo para a aplicação de novas estratégias, afinal era possível alterar o comportamento dos alunos, contrariamente ao que diziam os restantes professores.

Com o sucesso da parte teórica, foi lançado o enunciado do exercício (Apêndice 12), que continha a avaliação e o material necessário. Estas informações devem estar presentes em todas as aulas para que os alunos não tenham a possibilidade de argumentar contra o professor como acontecia vulgarmente com a turma em questão. Os alunos aproveitavam o facto de as informações não estarem patentes no quadro ou projetor para atribuírem a culpa das faltas de material ou desconhecimento da avaliação aos professores. Por esse motivo, foi utilizada a estratégia de projeção permanente de todas as informações durante todas as aulas.

Numa fase inicial, foi necessário explicar aos alunos como deveriam construir a sua narrativa e nessa exposição compreenderam muito bem os conteúdos e estavam ansiosos para iniciarem a atividade. O recurso produzido para o efeito (Apêndice 13) foi realizado estrategicamente recorrendo a banda desenhada e à utilização de personagens que os alunos conhecem. Na ilustração 13 é possível observar a turma, que geralmente é incontrolável e que não ouve os professores, a assistir atentamente às explicações da professora estagiária.



Ilustração 13: Correção de comportamentos indisciplinados - aula teórica

Para que os jovens entrassem no papel de produtores de uma animação foram criados dois documentos simplificados, utilizados na vida real: a ficha de produção e o relatório de desenvolvimento (Apêndice 14). A responsabilidade do seu preenchimento foi uma estratégia que levou os alunos a encontrarem uma utilidade real para o que estavam a desenvolver.

Um dos problemas, verificado no início da atividade, foram os constantes atrasos dos alunos. Para contornar esta situação foram estipulados prazos rígidos que deveriam cumprir para não obterem negativa. Caso se atrasassem, o tempo disponível para desenvolverem a atividade, não seria suficiente. Esta estratégia produziu resultados tornando os alunos mais responsáveis com o cumprimento de horários.

Durante todo o procedimento de produção da animação foi feito um acompanhamento muito próximo de modo a criar uma ligação de amizade com os alunos. O objetivo principal era criar uma barreira de respeito que estes reconhecessem, sem criar uma imagem de professora tirana. Na ilustração 14, é possível observar o acompanhamento da estagiária e a correção de comportamentos básicos, como colocar o braço no ar para chamar a professora. Sempre que este gesto não ocorria a estagiária informava que não acompanhava ninguém sem que as regras fossem cumpridas.



Ilustração 14: Correção de comportamentos, colocação do braço no ar para falar

Todo o processo de recolha de imagens e de construção da história foi realizada sobre grande entusiasmo. Os alunos, mesmo após o toque de saída, continuavam a trabalhar, completamente absorvidos pela atividade. Um dos aspetos interessantes foi verificar a preocupação com os materiais necessários à aula. Este era um dos grandes problemas que caracterizava a turma, nunca cumpriam com a listagem de material e foi possível corrigir essa postura devido ao interesse que apresentavam pela atividade.

Outra das estratégias utilizada foi a colocação das mesas por parte da estagiária, antes dos alunos entrarem nas aulas de quarenta e cinco minutos. Estas por apresentarem uma duração reduzida eram desperdiçadas na colocação das mesas e arrumação da sala. Com esta estratégia os alunos entravam e tinham as mesas sinalizadas com o lugar de cada grupo, assim foi possível diminuir o ruído produzido no início da aula e acelerar o processo de continuação da atividade.

Em relação ao comportamento da turma, durante a construção dos cenários e maquetas, melhorou significativamente mas verificou-se uma situação pontual: dois grupos constantemente avisados não alteraram a sua atitude de extrema indisciplina. Como penalização recorreu-se a uma estratégia de consequências imediatas, foi atribuído um trabalho de casa, para que os seis elementos servissem de exemplo para a turma e modificassem o seu comportamento. Este tipo de atitudes não voltou a verificar-se, pois os alunos não gostam de ter trabalhos de casa de Educação Visual. Todos os castigados cumpriram com o que foi pedido e apresentaram oralmente o trabalho à turma para que os restantes verificassem que a professora não recuava no momento de penalizar os alunos.

No decorrer desta atividade foi possível verificar que um dos alunos detinha um comportamento invulgar. À primeira vista parecia tratar-se de um aluno hiperativo mas estas suposições baseavam-se apenas na informação conseguida durante o primeiro ano do mestrado. Assim que foi localizada a situação foi pedida informação a uma colega de estágio que tinha desenvolvido uma investigação sobre o assunto. Com os traços principais da problemática confirmados, a autora deste relatório decidiu comunicar as suas suspeitas à diretora de turma que, por estar com muito trabalho, desvalorizou a informação dada. Outro

dos casos que foi reportado à diretora de turma foi a ausência, desde o início do ano, de um aluno que apenas compareceu a uma aula. Este jovem apresentava um perfil problemático com historial de violência contra alunos e professores.

Com a recolha fotográfica concluída foi necessário requisitar a sala no centro tecnológico que dispunha do programa de vídeo e confirmar a participação do professor de TIC. Na aula determinada para a montagem do vídeo a estagiária decidiu comparecer para acompanhar os alunos. Por conhecer muito bem a turma tomou providências no sentido de levar para a aula de TIC todas as imagens produzidas. Os alunos esqueceram-se de levar os suportes digitais e tiveram que recorrer à professora para realizarem o vídeo. Foi possível observar que os alunos apresentam uma postura diferente consoante o professor. Como em Educação Visual estavam sob um regime estratégico, iam corrigindo comportamentos mas, nas outras aulas, procediam de forma indisciplinada por não terem a mesma intervenção.

Um dos problemas que não foi possível resolver, nesta atividade, foi o excesso de ruído permanente. A turma reduziu ligeiramente a conversa paralela mas o início das aulas era sempre muito agitado.

O orientador de estágio apresentou alguns receios na aplicação do exercício e das diferentes estratégias programadas, mas decidiu não interferir e deixar a estagiária proceder à aplicação do que tinha recolhido na sua investigação. No início o receio de que a proposta não resultasse era mútuo, mas graças à liberdade dada à estagiária foi possível alcançar o sucesso com uma turma indisciplinada. É curioso observar que os piores alunos a nível comportamental foram os que obtiveram os melhores resultados.

No geral os alunos trabalharam muito bem em grupo, cumpriram todos os prazos estipulados, corrigiram alguns dos seus comportamentos e ficaram muito satisfeitos com os resultados finais (Apêndice 15), isto só comprova que quando se está perante a indisciplina o nível de exigência não deve ser diminuído.

Todas as planificações e reflexões realizadas ao longo da atividade podem ser observadas no Apêndice 16.



Ilustração 15: Atividade stop motion

3.1.6. Atividade: Representação do espaço (UT: Espaço)

A atividade de representação do espaço foi dirigida pelo orientador de estágio. O principal objetivo era avaliar se, com o professor à frente da turma, ou seja, com uma modificação do sistema de ensino, os alunos continuariam com melhorias no comportamento ou se regrediam.

Logo na primeira aula o professor utilizou o seu sistema habitual de deixar os alunos sentar onde desejavam, sistema que lhes agradou e que modificou de imediato a postura conseguida na atividade anterior, criaram um ambiente onde era impossível trabalhar.

O professor preparou um suporte para a nova temática ligada à representação do espaço que se revelou inútil devido ao comportamento da turma. Numa segunda tentativa, desenhou no quadro vários esquemas, e aí alguns alunos conseguiram compreender muito genericamente, devido às suas dificuldades, o que era pretendido. Com esta exposição oral foi possível constatar que a turma não consegue manter uma postura correta e que é praticamente impossível apresentar conteúdos teóricos muito extensos. Foi interessante observar o declínio da turma numa só aula. As conclusões que se retiraram foram: que a forma como o professor aborda os alunos no início do ano é muito importante e que basta dar-lhes um pouco de liberdade para esquecerem todas as normas.

A turma era mesmo difícil e nem o melhor professor de todos conseguiria transformá-los, na totalidade, numa turma disciplinada.

Os alunos durante toda a atividade recorreram aos professores para pedir ajuda. Esta falta de autonomia faz com que um professor, sozinho com trinta alunos, não consiga dar resposta.

A atividade pressupunha vários trabalhos que eram realizados por fases e entregues sem prazos rígidos. Como a turma piorou o comportamento o orientador decidiu divulgar as notas do primeiro exercício, que não eram satisfatórias, para levar os alunos a um maior empenho. Esta estratégia resultou muito bem e nas aulas seguintes os alunos melhoraram o seu comportamento.

Todo o desenvolvimento da atividade foi condicionado pela falta de conhecimento prévio, o professor explicava de forma clara mas os alunos não entendiam nada do que era apresentado. Com esta falta de bases decidiu-se proceder a explicações muito básicas como se os alunos tivessem cinco anos de idade e desta forma foram entendidos alguns conceitos básicos. A linha do horizonte, por exemplo, foi um verdadeiro quebra-cabeças para os alunos, estes eram incapazes de reconhecer a sua posição e a forma mais simples encontrada para dar resposta a estas dúvidas foi explicar aos alunos que a linha do horizonte é a linha que se vê do limite entre o céu e o mar. Tudo o que era apresentado tinha que ser escrupulosamente pensado e o sistema de níveis criado pelo orientador de estágio, que consistia na elaboração de trabalhos com níveis de dificuldade crescente, foi uma excelente forma de progressão na matéria.

Um dos grandes problemas verificado durante esta atividade foi a falta de delimitação de prazos. Na planificação anual (Apêndice 17) foi atribuído um limite de blocos letivos a

utilizar que foi duplicado, comprometendo o cumprimento do restante programa. Os alunos, mesmo como dobro do tempo, não entregaram os exercícios concluídos o que reforça a utilização de um sistema promovido pela turma para perder tempo.

Durante a atividade o aluno sinalizado como violento decidiu comparecer a algumas aulas e tentou provocar desordem. Logo na primeira, sentou-se onde desejava, começou a distrair os colegas e a provocar comportamentos indisciplinados na turma. A estagiária ao ver o seu comportamento decidiu sugerir-lhe que mudasse de lugar na aula seguinte, tendo em conta que a aula à qual compareceu era de quarenta e cinco minutos e estava no fim. O aluno, num tom provocatório, afirmou: “Eu para a próxima aula nem venho”. Este tipo de afirmação, numa situação normal, era suficiente para o professor o repreender e mostrar a sua autoridade, mas como neste caso a estagiária estava a investigar sobre a problemática da indisciplina a abordagem foi diferente. A autora deste relatório limitou-se a responder: “Está bem! Então, se decidires aparecer, faz-me um favor, e senta-te ali”. O aluno não proferiu qualquer resposta, como acontece geralmente com outros professores. O jovem procurava provocar os professores para justificar os seus atos, se o docente elevasse a voz ou tentasse sobrepor-se, o aluno partia imediatamente para a violência. Ao responder ao aluno de forma arrogante, a estagiária mostrou que não tem qualquer receio. Sem obter medo ou fragilidade por parte do professor, o aluno acaba por não tentar afrontar mais o docente. Os professores, por vezes, devem ser piores que os alunos e mostrarem que nada os afeta, para garantirem a sua saúde mental e psicológica. Bater de frente com um aluno é dar oportunidades de retaliação. O jovem violento na aula seguinte compareceu e sentou-se exatamente onde a estagiária lhe tinha indicado.

Ainda no desenvolvimento da atividade esse mesmo aluno recusou-se a desenvolver os exercícios e foi novamente abordado pela estagiária. Esta apenas lhe disse: “ Tu és capaz de fazer isso de olhos fechados, nem sei porque é que a folha ainda está em branco.” A frase foi apenas deixada no ar e autora deste relatório continuou a circular pela sala. Breves minutos depois, foi possível observar os resultados, o aluno fez o exercício todo e ainda chamou a estagiária para esclarecer uma dúvida. Este comportamento só reforça a necessidade que os alunos têm da constante utilização do reforço positivo. Quando existe tendência para a violência a melhor forma é dar pequenas indicações e deixar o aluno refletir sozinho sobre o que lhe foi dito. No final da aula a estagiária felicitou o aluno pelo trabalho efetuado com uma frase simples e direta: “Eu sabia que eras capaz”. Os alunos violentos procuram chamar a atenção e cabe ao professor negar-lhe esse mediatismo para evitar o agravamento do seu comportamento.

A turma necessitava de adaptação diária ao comportamento e conteúdos lecionados, tornando-se imprescindível uma investigação mais profunda de estratégias a utilizar e esta experiência, de modificação de sistemas de ensino, foi muito construtiva (fichas de observação das aulas no Apêndice 18).

3.1.7. Autoavaliação do 1º período

A finalidade principal da última aula do período foi a autoavaliação dos alunos que se dividiu em duas fases. A primeira centrou-se essencialmente no desempenho do aluno e no seu aproveitamento e a segunda remetia para a postura e comportamento ao longo do período.

Por se tratar da última aula antes das férias os alunos estavam completamente fora dos limites aceitáveis. Enquanto o orientador saiu para fotocopiar a ficha de autoavaliação os alunos começaram a cantar em tom muito elevado música popular portuguesa. Nesse momento qualquer professor teria elevado o tom de voz para acabar com a falta de regras e exigir respeito. Em vez disso, a autora deste relatório, decidiu recorrer à linguagem própria de um adolescente e dizer: “meninos música parola na minha aula não, cantem alguma coisa decente”. Os alunos ficaram sem saber o que dizer, riram e em seguida obteve-se o silêncio tão desejado. O objetivo principal dos alunos indisciplinados é incomodar o professor, como a estagiária não se mostrou incomodada com o facto de estarem a cantar e ainda sugeriu que continuassem mas com outra música, a turma optou por parar. Este exemplo comprova que quanto mais o professor tenta medir força, com os alunos, pior é o comportamento. Por vezes as respostas mais inesperadas são as que resultam melhor. Quando o orientador chegou à sala os alunos já estavam em padrões normais e procederam ao preenchimento das fichas.

Em relação aos resultados obtidos, na autoavaliação, a maioria dos alunos tem consciência das suas atitudes mas preenche como se o seu comportamento fosse exemplar. Alguns alunos afirmam mesmo que não podem escrever que se portam mal para a diretora de turma não chamar os pais, prática recorrente nessa turma (ficha de observação da aula no Apêndice 19).

3.1.8. Atividade: Projeção de um espaço (UT: Espaço, Estrutura)

No decorrer do segundo período, e após a finalização da atividade de representação do espaço, a estagiária voltou a assumir, na totalidade, a turma.

No sistema de avaliação é importante reter o desempenho dos alunos individualmente e em grupo. Como ambos os métodos já tinham sido utilizados no primeiro período, decidiu-se construir um exercício (planificação horizontal no Apêndice 20) que contivesse as duas vertentes de modo a gerar uma avaliação mais justa que diferenciasse os alunos dentro dos grupos. O que ocorre muito frequentemente é a sobrecarga de alguns elementos e a desresponsabilização de outros e este facto deixa os melhores alunos revoltados com atribuição injusta de uma nota única para todos.

Considerando que, no programa do 9ºano, constam matérias de desenho técnico, que os alunos detestam, foi necessário criar um enunciado capaz de levar os alunos ao encontro dos objetivos sem que, para isso, fossem necessárias aulas muito aborrecidas.

A atividade consistia na projeção de um espaço para escola. Os alunos deveriam recorrer a um espaço devoluto, previamente indicado pela professora, e desenvolver um projeto paisagista que considerasse uma série de fatores.

O início das aulas melhorou, significativamente, mas continuava ruidoso. Sem espaço para o professor falar a estagiária decidiu utilizar a estratégia ensinada pelo seu orientador (cruzar os braços) que já tinha falhado anteriormente (ilustração 16). Curiosamente esta resultou e a única explicação encontrada é a melhoria do comportamento dos alunos. Algumas estratégias podem não funcionar, numa primeira fase, mas com a intervenção nos comportamentos, os alunos passam a respeitar mais o professor e a procurar seguir as regras.



Ilustração 16: Início da aula

Como habitualmente, a turma apresentava-se muito agitada durante a exposição teórica e nunca retinham nada do que era dito. A professora estagiária decidiu arriscar e utilizar uma nova estratégia, diferente de tudo o que já tinha experienciado. Esta foi criada com base nas características dos alunos e deixou o orientador de estágio bastante reticente.

Na primeira aula a estagiária limitou-se a projetar o enunciado da atividade (Apêndice 21) no quadro e pediu a um aluno, bastante indisciplinado, para o ler em voz alta. Como esperado, os alunos não ouviram nada e apenas conseguiram reter o que lhes interessava mais. Na primeira fase teriam que se deslocar ao exterior, recolher informações sobre o espaço e procederem à realização de desenhos à vista da área envolvente. Assim que lhes foi dada autorização para sair da sala de aula os alunos não hesitaram, pegaram no material que estava no enunciado e deslocaram-se para a rua. Ao chegarem ao espaço de recreio juntaram-se todos e começaram a questionar-se sobre o que deveriam fazer. Geralmente os professores dão todas as indicações e explicam todo o processo de realização de uma atividade, dão conteúdos e só depois é que os alunos iniciam o exercício. Se durante toda a explicação os alunos geram confusão e não ouvem nada, então é porque não precisam dela. Era extremamente importante levar os alunos a refletirem sobre a importância do professor, estes teriam que compreender que precisam dele. A turma acabou por perceber isso mesmo, minutos depois de sair da sala de aula. A estagiária deu algum tempo para que estes se sentissem sozinhos e em seguida deslocou-se para o exterior onde foi abordada por toda a turma. Os alunos, após perceberem que não seriam capazes de fazer nada sem indicações reuniram-se em silêncio, o que era muito raro, em volta da autora deste relatório para que esta procedesse às explicações necessárias. Todo processo de transmissão de conteúdos foi

realizado no exterior e todos os alunos ouviram atentamente iniciando a atividade de imediato. Até o aluno mais violento, cumpriu com tudo o que foi pedido nesta fase.



Ilustração 17: Primeira fase da atividade

Na segunda fase da atividade, era necessária uma contextualização teórica que depois da intervenção estratégica realizada, não poderia ser comum para que não existisse uma regressão no comportamento dos alunos. Recorrendo a uma investigação realizada durante o primeiro ano de mestrado a estagiária decidiu utilizar o humor como ferramenta de intervenção. O material didático (Apêndice 22) que foi preparado para aula continha essencialmente imagens e respondia a uma série de questões relacionadas com a projeção de um espaço e o seu utilizador. Os resultados obtidos com PowerPoint foram bastante positivos, os alunos ouviram atentamente e participaram ativamente na exposição oral. Assim que as imagens pararam a estagiária procedeu às últimas explicações para garantir que todos os alunos entendiam o enunciado do exercício. No vídeo realizado pelo orientador de estágio (Apêndice 23) é possível observar o comportamento dos alunos durante a utilização do humor e a sua progressiva distração na explicação que se seguiu, feita apenas no quadro. Os alunos começaram logo a discutir, o que queriam, no seu espaço, sem ouvirem todas as indicações, o que revela alguma motivação para a realização da atividade.

Após os primeiros esboços, em grupo, os alunos avançaram para a terceira etapa da atividade. Esta consistia na realização da planta do espaço, já previamente corrigido pela estagiária. Mais uma vez para lecionar conteúdos técnicos foi necessário recorrer a material de suporte estrategicamente selecionado. No seu dia-a-dia os alunos vêm a aplicação das plantas em muitos locais e nem se apercebem. A autora deste relatório decidiu reunir uma série de plantas diferentes e questionar os alunos sobre os locais onde estão presentes e as suas finalidades. Os alunos apresentaram grande entusiasmo quando perceberam que até os jogos de computador, que tanto gostam, utilizam este tipo de desenho técnico. Esta estratégia permite aos alunos conhecer imediatamente a funcionalidade do que vão realizar.

Durante a produção do desenho técnico os alunos foram informados das notas, das primeiras fases, para não perderem a motivação e trabalharem para alcançarem a nota desejada.

Na última fase, os alunos mostraram-se fartos das aulas, por se aproximar do final do 2º período e demoraram algum tempo para se organizarem em grupo. A turma não sabia dividir tarefas e parte do tempo útil era perdido em diálogo. Para suprimir esta dificuldade a professora estagiária acompanhou, de perto, todos os grupos e ajudou na divisão de tarefas. Outro dos problemas verificado era a constante falta de materiais, os alunos não eram responsáveis e iam para a aula sem nada para trabalhar. Também aqui a estagiária incentivou os alunos a trabalharem com o que tinham e propôs alternativas que fossem exequíveis na sala de aula.

Através da produção da maquete, os alunos começaram a entender a importância das escalas e do desenho rigoroso. As dúvidas sobre as dimensões dos objetos começaram a surgir e a estagiária, como estratégia, demonstrava na vida real como ficariam os elementos (ilustração 18).

A certa altura um dos grupos questionou a autora deste relatório sobre a altura dos bancos que estavam a produzir: “Professora acha que o banco fica muito alto” e de imediato esta sentou-se em cima de uma mesa e perguntou: “Açam que estou confortável a esta altura” os alunos responderam: “Sim” e a estagiária insistiu: “E se eu tivesse sessenta anos?”. Este diálogo levou os alunos até às respostas que pretendiam, através do que observaram diretamente. Numa outra situação foram questionadas as dimensões do corpo humano e mais uma vez a estagiária deslocou-se junto dos alunos, colocou a zona cuja dimensão desconheciam sobre evidência e disse simplesmente: “Peguem na régua e meçam “. Este tipo de estratégia leva os alunos até ao conhecimento através da sua própria experiência. Muitos professores não aceitariam que uma aluna pegasse numa régua e lhe medisse a perna ou o braço, mas este tipo de atitudes promove a aproximação entre o docente e os alunos.



Ilustração 18: Estratégias utilizadas

Em todas as fases a professora estagiária lembrava os prazos de entrega constantemente para que os alunos se habituassem ao seu cumprimento. Esta estratégia evita argumentos dos alunos e promove o aumento da responsabilidade, sendo que, no final, já tinham por iniciativa própria a tendência para decorarem os prazos.

O aluno sinalizado como violento, nesta atividade, voltou a tentar provocar o caos. Numa das aulas decidiu esconder o seu chapéu-de-chuva e acusar os colegas de o terem furtado. Levantou-se e aos gritos começou a ameaçar os alunos que ficaram apavorados, por já conhecerem o que se seguia. A estagiária deslocou-se imediatamente para junto do aluno e pediu à turma que se sentasse e que arrumasse tudo para que o chapéu aparecesse. Minutos depois um dos alunos visualizou o chapéu atrás da secretária do professor e, mesmo assim, foi acusado de o ter roubado. A estagiária separou os alunos e disse apenas: “De certeza que o deixaste cair, passaste ali quando entraste”. O jovem conformou-se e regressou para o seu lugar.

Também a aluna com características de hiperatividade, que está medicada, mostrou grande impaciência na construção da maquete. Estes alunos não gostam de ser pressionados e sempre que isso ocorria por parte das colegas de grupo era necessária uma intervenção rápida. Quando ficava impaciente ou nervosa a aluna mandava tudo para o chão e rasgava ou estragava tudo o que tinha feito até ao momento. Nessas situações a estagiária falava calmamente com a aluna e desvalorizava o facto de a jovem ter destruído o seu trabalho, incentivando ao recomeço do que estava a fazer e indicando que tinha muito tempo ainda para finalizar. Esta aluna não conseguia reter uma sequência de tarefas, era necessário a professora dar as instruções passo a passo e, sempre, quando a anterior já estava concluída.

Os alunos, com a evolução das aulas destinadas à produção da maquete, acabaram por se aplicar na sua construção e trabalharam afincadamente para acabar dentro do prazo estipulado. Desde o início do ano, que a estagiária implementou uma estratégia de penalizações para os alunos que entregassem os trabalhos após a data marcada, mas neste caso foi aberta uma exceção. Para premiar o esforço dos alunos a autora deste relatório decidiu dar aulas de apoio, para os interessados na conclusão das maquetas.

Esta atividade revelou-se um verdadeiro desafio porque os alunos não possuíam qualquer conhecimento base na manipulação de materiais. A escolha destes eram de carácter livre e os alunos puderam trabalhar com x-atos, objetos que a maioria dos professores exclui das suas aulas.

Durante toda a atividade, os alunos mostraram interesse no cumprimento dos prazos estipulados e apresentaram grande motivação, apesar do risco inerente à forma como a atividade foi conduzida, a evolução dos alunos foi visível e a nível comportamental melhoraram significativamente.

Com a conclusão da atividade surgiu também a informação da diretora de turma a indicar que, o aluno cuja suposta hiperatividade já tinha sido relatada pela estagiária, no início do ano letivo, teria acompanhamento no terceiro período por se julgar que sofria dessa problemática. Esta notícia deixou a estagiária desapontada com a eficiência do sistema. Afinal foi dado o alerta e ninguém fez nada durante meses que poderiam ser cruciais para o desenvolvimento do aluno (Planificações e reflexões das aulas no Apêndice 24).



Ilustração 19: Resultados dos alunos na atividade: projeção de um espaço

3.2. Aulas assistidas das colegas de estágio

Durante o período de estágio foram realizadas quatro observações das aulas das colegas que permitiram tirar algumas conclusões e melhorar a prática pedagógica.

Foi extremamente interessante observar a colega que apresenta dezassete anos de experiência com alunos mais novos. Esta dirige-se ao 8ºano como se estes tivessem dez anos e por apresentarem baixa maturidade aceitam muito bem esta abordagem.

Uma das colegas tinha uma turma mais pequena por apresentar alunos com NEE o que originava um ambiente de sala de aula mais sereno. Uma dessas crianças era extremamente indisciplinada e foi possível identificar as estratégias que poderiam resultar nesse caso.

As duas colegas apresentaram métodos de ensino e controlo da turma muito diferenciados: uma dirige a turma com grande proximidade, consegue controlar os seus movimentos e o seu comportamento; outra não tem qualquer controlo do comportamento dos alunos mas consegue a execução total de todos os trabalhos nos prazos estipulados. A primeira consegue escolher o grau de dificuldade a aplicar à turma e transmitir de forma correta os conteúdos, a segunda consegue igualmente a aquisição de conhecimento mas os exercícios práticos são ligeiramente desajustados da faixa etária e capacidades dos alunos.

Com esta diversidade foi possível reter: que alunos mais velhos também aceitam um professor que os trata como se fossem mais jovens; atividades muito complexas, podem produzir resultados interessantes mas o acompanhamento dos alunos pode ficar comprometido porque o professor não consegue dar resposta aos pedidos de ajuda; o docente não deve em momento algum realizar parte da atividade dos alunos; algumas situações sinalizadas como NEE são apenas casos de indisciplina extrema que deve ser corrigida; e é imperativo o acompanhamento desde o início de todos os movimentos da turma para evitar o descontrolo durante o ano letivo.

As reflexões das aulas observadas estão presentes no apêndice 25.

3.3. Reuniões assistidas

Durante o ano letivo são realizadas várias reuniões, semanalmente, com a finalidade de discutir a evolução pedagógica e as atividades que se realizam ao longo dos períodos.

3.3.1. Reunião geral da turma de estágio

Um mês após o início do ano letivo, realizou-se uma reunião com todos os professores da turma do 9ºD e representantes dos encarregados de educação e alunos para discutir a sua evolução, em relação a anos anteriores e os principais problemas apresentados.

Sumariamente, foram abordados os direitos e deveres dos alunos e dos professores e foram descritas as principais características da turma como: o seu agregado familiar, as suas problemáticas de saúde, etc.. Foi curioso observar que o eleito como representante da turma era um dos alunos mais indisciplinados. Esta escolha só reforçou o facto investigado de que os alunos seguem sempre um dos elementos que mais desafia as regras.

Na reunião foi, finalmente, possível saber as particularidades da turma que são essenciais para a adaptação dos conteúdos e diálogo dentro da sala de aula. O momento em que foi revelado o perfil do aluno mais problemático da turma causou indignação interior na estagiária. O jovem em questão assume uma postura violenta sobre os professores e o desconhecimento dessas características poderia ter provocado agressões graves. O aluno em questão, não aceita uma simples repreensão e não se verificou o pior porque este faltava a todas as aulas. Este tipo de particularidades deveria ser transmitido aos docentes desde o início do ano.

Após a apresentação formal da turma, foi aberto um espaço de discussão que se revelou bastante importante para a estagiária. Na sua aula a turma era bastante difícil de controlar e motivar e receava-se que o problema residisse na falta de experiência, mas não, tendo em conta tudo o que foi dito na reunião até se considerou que estava a correr bastante bem. Os principais pontos abordados foram: a falta de educação, o constante diálogo, a falta de respeito, o desinteresse total nas atividades e matérias lecionadas, a dificuldade em transmitir conteúdos e a falta de responsabilidade. Muitos professores mostraram mesmo o desgaste provocado pela turma confessando que já não sabiam o que fazer. A turma era de facto, bastante difícil, e esse aspeto ficou bem claro.

A reunião foi concluída, com a promessa de que todos os encarregados de educação iriam ser chamados à escola cada vez que se justificasse, como forma de corrigir alguns comportamentos. Este sistema foi aplicado mas não surtiu qualquer resultado. A intervenção teria que ser feita pelos professores, que desejavam apenas passar os alunos para não voltarem a ter problemas.

3.3.2. Reuniões do núcleo de estágio

Ao longo do ano letivo foram realizadas reuniões do núcleo de estágio, sempre que se justificava. Nestas eram transmitidos princípios organizacionais, eram dados suportes de apoio à criação do dossiê de estágio e eram discutidos princípios básicos de ensino.

Durante toda a prática pedagógica foram trocadas experiências entre as professoras estagiárias. Como estas organizaram várias atividades dentro da comunidade escolar as reuniões eram também imprescindíveis para uma avaliação do ponto da situação.

3.3.3. Reuniões do grupo das artes

As reuniões do grupo [600], permitem uma análise geral de tudo o que é produzido, direta ou indiretamente, pelos professores de artes visuais. Foram analisados aspetos que necessitavam de soluções rápidas, como o sistema de substituições (que apresentava falhas graves) e a introdução de novos cursos profissionais, de cariz artístico.

Durante o ano letivo, foram também discutidas as novas metas curriculares do Ensino Básico que deveriam ser cumpridas dentro dos limites, mas na opinião de todos estavam completamente desajustadas da realidade. Foi mesmo proposta a criação de uma turma-piloto do 7ºano onde fossem aplicadas escrupulosamente as metas.

No final de cada período eram analisados os resultados dos alunos nas disciplinas artísticas e mais uma vez foi o grupo com maior sucesso.

As reuniões apresentavam-se, também, imprescindíveis para a discussão das diferentes formas de expor os trabalhos dos alunos.

3.3.4. Reuniões do grupo das expressões

O grupo das expressões é constituído pelos professores de teatro, música, artes visuais, desporto e educação especial. Nas suas reuniões, são discutidas todas as atividades que são desenvolvidas ao longo do ano, todas as informações de cada grupo em particular, os métodos de avaliação dos alunos e professores, e os diferentes tipos de acontecimentos e exposições que podem ser visitadas por cada grupo.

No fundo o que se verifica é transmissão do que é discutido nas reuniões dos diferentes grupos. Este sistema poderia ser otimizado com a organização de uma reunião única com a finalidade de poupar tempo e evitar a repetição.

3.4. Atividades extracurriculares desenvolvidas

3.4.1. Atividades de Tempos Livres

A escola Secundária Quinta das Palmeiras dispõe de um espaço de atividades de tempos livres que acolhe, mediante o pagamento de uma mensalidade, um grupo de crianças do 1º ciclo do Ensino Básico.

Este espaço tem excelentes condições e as crianças contatam, diariamente, com várias áreas disciplinares, lecionadas por professores voluntários que garantem este serviço. Do ponto de vista artístico, este apoio é dado pelo professor, e orientador de estágio, Dr. João Paulo Trigueiros. Desde o início do ano que as professoras estagiárias mostraram interesse no apoio a estas atividades e a autora deste relatório não foi exceção. Para otimizar o tempo disponível o núcleo de estágio criou um sistema rotativo que permitia a presença de duas estagiárias por semana e o respetivo orientador, que acompanhou todo o percurso de perto.

Todas as semanas, durante o 1º e 2º período, existia uma responsável pela preparação de uma atividade didática para as crianças, que ocupasse cerca de uma hora e meia, sendo que o orientador dispunha sempre de um plano B, caso não fosse concretizável a primeira ideia. As atividades geralmente estavam associadas a datas festivas e procurava-se uma utilização de material bastante versátil.

Uma das primeiras atividades foi a construção criativa de figuras com rolhas de cortiça e palitos que se revelou muito divertida para os alunos. Todas as crianças reproduziram várias formas muito imaginativas e os resultados finais foram muito interessantes, como se pode observar na ilustração 20.



Ilustração 20: Exercício criativo com rolhas e palitos

Outra proposta de atividade foi a construção de marcadores de livros. As principais dificuldades das crianças foram o recorte e a colagem que geralmente são muito trabalhadas na faixa etária onde se encontram e os resultados foram muito diferentes, algumas crianças copiaram integralmente o modelo feito pela colega Sofia e outros procuraram a sua própria expressão pessoal como se pode observar na ilustração 21.

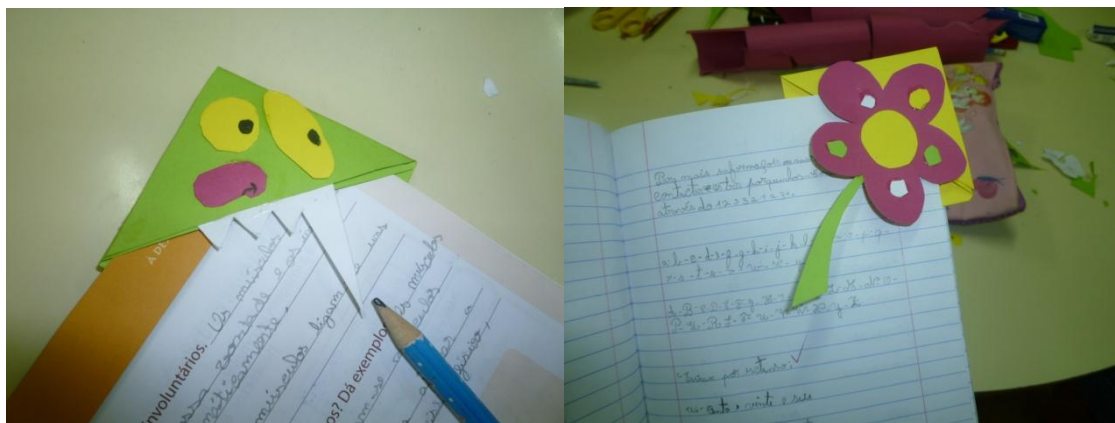


Ilustração 21: Construção de marcadores de livros

Dentro dos diferentes materiais, que podem ser utilizados, procurou-se incutir nas crianças o sentido de responsabilidade ambiental, através da reutilização de embalagens vazias, e como as crianças mostram interesse por tudo o que implica trabalhos manuais, que elas possam fazer sozinhas com indicações simples do professor, decidiu-se construir carteiras, a partir de pacotes de leite.

Esta atividade foi toda realizada pelos alunos tendo como base uma carteira já feita e instruções básicas presentes na ilustração 22.



Ilustração 22: Instruções para fazer um porta-moedas

Tendo em conta as festividades que surgem durante o ano letivo, decidiu-se fazer uma atividade referente ao Halloween.

A atividade consistia na construção de morcegos móveis para colocar na cabeça, que se revelaram um verdadeiro sucesso. Os meninos brincaram muito e deixaram a promessa de pedir doces durante todo o fim-de-semana com o acessório que construíram (ilustração 23).



Ilustração 23: Atividade de Halloween

Na época natalícia é divulgado habitualmente um concurso de presépios e árvores de natal (Anexo 8) no qual as escolas se podem inscrever e este ano não foi exceção. As crianças demonstraram grande interesse na produção de um presépio, pois em anos anteriores, este não continha elementos produzidos pelas crianças e um dos nossos objetivos era contrariar esta tendência. A atividade é para as crianças e os professores devem apenas acompanhá-las durante todo o processo. O presépio foi realizado com materiais orgânicos e reciclados e durante as aulas foi iniciada a gruta onde se inseriram todas as figuras e a vedação. Enquanto as crianças iniciaram a marcação e recorte da vedação, os professores recortaram cartão para a gruta. As principais dificuldades apresentadas foram a marcação das linhas de orientação e o recorte das mesmas.

Foram iniciadas as figuras com a pintura dos tubos de cartão por parte dos alunos e no final as crianças desenharam os olhos e bocas para todos os elementos do presépio.

Nas aulas seguintes foram realizadas as vestes dos elementos do presépio e surgiu um problema relativamente à constituição do mesmo. No momento estava lançada uma polémica nos média que colocava as crianças indecisas sobre a realização do burro e da vaca, que segundo o que era divulgado não fariam parte de presépio.

O presépio ficou bastante interessante, como se pode observar na ilustração 15 o que deixou as crianças muito orgulhosas do seu trabalho.



Ilustração 24: Realização do presépio

Outra das atividades desenvolvidas foi o recorte, muito variado, recorrendo apenas a papel branco. Foi notável que mesmo nesta faixa etária existem alunos bastante inseguros com dificuldades em iniciarem trabalhos criativos. A preocupação com o resultado final e o que os outros vão pensar é uma realidade para algumas crianças e não deveria ser nesta faixa etária.

Os resultados obtidos são visíveis na ilustração 25.



Ilustração 25: Recorte criativo

Para uma grande diversidade decidiu-se desenvolver um trabalho com base na arte japonesa de dobragem de papel (origami). As crianças apresentaram algumas dificuldades, com as dobragens, mas gostaram bastante da atividade.

Com a proximidade do carnaval foram levados, para aula, alguns modelos de mascaras para recortarem e decorarem. A grande maioria conseguiu pintar e recortar ficando, para uma próxima sessão, a colocação de elementos através de colagens. Este exercício permite uma sobreposição de materiais de modo a conduzir as crianças para um estilo mais livre sem restrições. Os alunos mais velhos geralmente estão muito presos a determinados materiais e formatos e torna-se necessário inverter, esta tendência, desde cedo.

A experiência com o 1º ciclo foi muito interessante comparativamente ao 3ºciclo. Num exercício de experiências com corantes, por exemplo, é possível obter das crianças o fascínio e a motivação para fazer coisas novas. Uma das experiências que foi feita consistia em rastos de tinta, deixados com o movimento da água que depois eram captados por uma folha branca. Os resultados obtidos foram interessantes e tornaram-se cada vez mais atrativos para as crianças com a adição de várias cores. Esta curiosidade e vontade de aprender, despertada por alguns exercícios, são comuns no 1ºciclo mas, para os alunos mais velhos, são o maior desafio para o professor. No 3º ciclo já não existe fascínio e vontade de experimentar, os alunos não saem da sua área de conforto e simplesmente não querem desenvolver nada por considerarem que já fizeram tudo o que existe.

Do ponto de vista criativo é curioso fazer também um paralelismo entre o 1º e o 3ºciclo. Os exercícios aplicados com os mais novos não produzem resultados com os mais velhos mas em sentido inverso obtêm-se resultados bastante interessantes, principalmente ao nível criativo. Numa das aulas de expressão artística, foi aplicada uma atividade que consistiu no recorte e colagem de imagens para a formação de composições criativas e as crianças mostraram grande interesse fazendo diversas experiências. Este tipo de exercício costuma ser utilizado com alunos do 8ºano e os resultados obtidos pelas crianças do ATL foram superiores, devido à libertação criativa presente na infância que se perde gradualmente na adolescência.

A nível comportamental é curioso observar algumas semelhanças entre as atitudes das crianças do 1º ciclo e os alunos da turma indisciplinada de 9ºano atribuída no período de estágio. É possível aplicar as mesmas medidas de contenção de comportamentos com as crianças e adolescentes pois os princípios que causam a desordem são os mesmos e os comportamentos que se verificam nas crianças são inflacionados na adolescência, caso não exista uma contenção precoce.

3.4.2. Evento *Street Art*

No início do ano letivo o grupo de estágio reuniu para receber as indicações essenciais à realização do mesmo e, desde esse momento, as estagiárias mostraram interesse na organização de uma atividade, fora do comum, destinada a toda a comunidade.

Durante o primeiro mês foram muitas as ideias discutidas e várias possibilidades levantadas para o evento.

A determinada altura, foi refletida a importância das manifestações artísticas promovidas pelo Wool Fest na cidade da Covilhã. Em anos anteriores os professores da escola já tinham proporcionado aos alunos a contemplação das obras, mas existia uma grande falha

no processo de aprendizagem da arte urbana. Os alunos eram levados a conhecer as obras já concluídas mas não tinham uma percepção prática da sua conceção. Foi nesta linha de pensamento que surgiu a ideia da organização de um evento street art dentro do recinto da escola.

Numa primeira fase foi necessário encontrar os elementos responsáveis pelo Wool Fest numa rede social e conseguir um contato que permitisse a apresentação da ideia. Nenhuma das estagiárias conhecia os fundadores do projeto e numa fase inicial agiu-se com extrema expectativa sem certeza de que seria possível progredir.

Foi marcada a primeira reunião informal para ser apresentado, em linhas muito gerais, o projeto. Assim que tomaram conhecimento, os impulsionadores do Wool Fest comprometeram-se a ajudar e aplaudiram a iniciativa.

Numa segunda reunião chegou a informação esperada. No momento, estava na cidade, um artista com as características que pretendíamos e com abertura suficiente para aderir ao evento. Após este contato foi marcada uma reunião com o artista Nilo Zach, de origem brasileira, que aceitou de imediato o nosso desafio. A partir desse instante as professoras estagiárias, com o apoio do seu orientador, começaram de imediato a tratar de toda a parte burocrática necessária.

Inicialmente foi crucial a redação de uma autorização para entregar na direção da escola e a apresentação de uma primeira proposta com um orçamento avançado pelo artista. O Diretor da escola mostrou-se bastante interessado na ideia e autorizou a realização do evento, garantindo apoio financeiro e equipamento necessário (Apêndice 26). A próxima etapa foi a seleção da parede a intervencionar e a escolha foi imediata, a direção optou pela parede frontal do pavilhão gimnodesportivo, por se encontrar numa área de grande visibilidade. Após toda a formalização do processo foi comunicado ao artista o espaço a pintar e este revelou de imediato que seria um grande desafio devido às dimensões da parede.

Para obter um orçamento realista foi necessário medir a parede, ação que foi realizada por um funcionário da escola, e pedir ao artista a lista de material necessário.

Com uma relação de cores precisa foi possível pedir um orçamento à única loja Montana em Portugal, a única marca utilizada pelo artista, e apresentar na direção da escola a proposta final do evento (Apêndice 27). Esta continha o esboço apresentado pelo artista, que foi de imediato aprovado, e os objetivos do evento.

Com toda a parte burocrática tratada, avançou-se para a encomenda dos materiais que se revelou uma luta contra o tempo. O orçamento disponibilizado pela escola teria que ser utilizado até ao final do ano de 2012 e com todo o processo restaram poucos dias para proceder ao pedido dos materiais. Felizmente, a empresa Montana, sediada em Lisboa, cumpriu com o prazo de entrega das tintas e os restantes materiais foram adquiridos pelas estagiárias em estabelecimentos da especialidade na Covilhã.

Com tudo pronto, para o início do evento, as professoras estagiárias iniciaram a divulgação, através de cartazes (Apêndice 28) e de uma informação (Apêndice 29) que circulou em todas as salas de aula.

As inscrições para o *workshop* de Nilo Zach, também incluído no evento, e a pintura do mural começaram dentro do período previsto, mas como geralmente nada se faz sem contratempos a chuva revelou-se o maior inimigo do evento juntamente com a indisponibilidade do artista. A tirar uma licenciatura, na UBI, Nilo Zach apenas podia deslocar-se à escola no seu tempo livre e para piorar a situação alterou a proposta inicial adiantando o seu regresso para o Brasil.

As marcações iniciais foram realizadas durante a noite (ilustração 26) pois o recurso a um projetor, previamente requisitado, só era possível durante esse período de fraca luminosidade.



Ilustração 26: 1ª fase do mural

No dia seguinte a curiosidade tomou conta dos alunos que se perguntavam quando é que o artista iria continuar. O primeiro objetivo de chamar a atenção dos jovens, estava cumprido. Os dias que se seguiram revelaram-se importantes na divulgação do evento pois com a chuva não foi possível continuar o mural e existiu alguma preocupação com as inscrições para o *workshop*. Este receio de falta de aderência por parte dos alunos rapidamente desapareceu com a ficha de inscrições (Apêndice 30) da primeira sessão, completa nos primeiros dias.

O primeiro *workshop* realizou-se na data e hora prevista, com o mural ainda parado. Os alunos deslocaram-se à sala de aula, antes da hora estipulada nos cartazes que publicitavam o *workshop*. Este comportamento revelou o entusiasmo dos alunos em relação à temática da

arte urbana. Foi também notável a diferença de idades dos alunos, o grupo apresentava membros desde o 7º ao 12º ano.

O *workshop* foi iniciado com uma breve explicação dos conceitos de street art. O artista Nilo Zach fez questão de mostrar diversos trabalhos efetuados nesta área (ilustração 27) desde os mais simples aos mais complexos e após todo este percurso de contextualização Nilo fez questão de mostrar aos alunos o seu próprio percurso artístico e os seus trabalhos mais emblemáticos.



Ilustração 27: Trabalhos efetuados na área da arte urbana

Com toda esta componente teórica os alunos mostraram alguma ansiedade para iniciar a prática. O artista começou por ensinar como desenhar os diversos nomes dos alunos, como proceder para que as letras ficassem devidamente enquadradas e como transformá-las em gráficos criativos (ilustração 28).

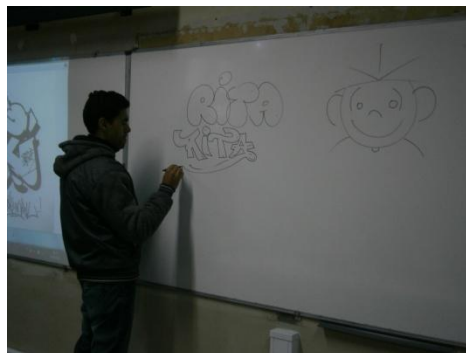


Ilustração 28: Noções básicas

Todos os alunos cumpriram os passos que foram apresentados. Inicialmente apenas tinham que escrever o seu nome com as letras ligeiramente afastadas e criar um contorno em torno destas e depois evoluíam para a personalização das formas recorrendo à sua própria criatividade.

Os alunos, no geral, conseguiram resultados bastante interessantes (Ilustração 29) e ficaram ansiosos por uma nova sessão com o artista.

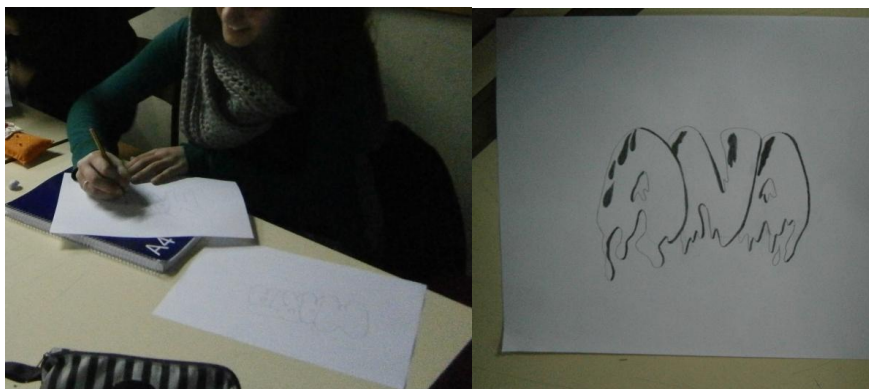


Ilustração 29: Experiências a desenhar

Com o sucesso do *workshop* só faltavam condições climatéricas para a continuação do mural. Como isso não aconteceu e o tempo escasseava, o artista decidiu pintar de baixo de chuva. Durante todo dia foram muitos os alunos que pararam para contemplar o grafiti e que desenvolveram grande curiosidade relativamente a este tipo de arte. Os grupos concentravam-se frente à parede e recorriam às estagiárias Sofia Freire e Vera Silva, que acompanharam toda a realização do mural no local, para esclarecerem as suas dúvidas. Mesmo os alunos que se encontravam em aula no centro tecnológico, edifício ao lado, não resistiram a assistir, mesmo no período de aula, como é visível na ilustração 30.



Ilustração 30: Observação da realização do grafiti pelos alunos

Sob o olhar atento de toda a comunidade escolar a obra foi surgindo, na parede, nos dias seguintes, tanto no período do dia como da noite. (ilustração 31).



Ilustração 31: Evolução da obra

Enquanto o processo de criação decorria, foi redigida uma nota de imprensa para ser entregue na direção da escola. Considerámos que seria importante divulgar o evento para que mais pessoas tivessem a possibilidade de presenciar o trabalho do artista. Deixámos à consideração da escola a escolha dos média, por entendermos que a imagem da escola deve ser gerida segundo os padrões habituais, para que não haja incoerência. Ainda dentro do processo de divulgação a estagiária Sara Gil procedeu a uma entrevista ao artista que foi divulgada na rádio da escola e nas rádios locais.

Nos dias seguintes foram visíveis notícias, como a da ilustração 32, um pouco por todo o distrito e o evento recebeu também destaque na página principal da escola (Anexo 9).



Ilustração 32: Notícia sobre o evento num jornal local

Nos últimos dias do evento estava programada uma segunda sessão do workshop que infelizmente foi cancelada por parte do artista por motivos pessoais. Os alunos não demonstraram insatisfação pois puderam acompanhar todo o processo artístico de perto, algo que não seria possível em circunstâncias normais.

O Balanço final do evento foi positivo, cumprindo-se todos os objetivos propostos (Apêndice 27) e os prazos estipulados. Durante todo o processo existiu uma grande limitação devido a condições climatéricas que colocaram todos os implicados no mural debaixo de chuva e sob temperaturas negativas, que foram suportadas com boa disposição e dedicação.

Todo o percurso pode ser observado no Apêndice 31 através de um vídeo que contém imagens captadas durante a realização do mural e o resultado final pode ser visionado na ilustração 33.



Ilustração 33: Resultado final do mural

3.4.3. Visita de estudo a Gouveia

No início do ano letivo as estagiárias mostraram interesse numa visita de estudo que contivesse duas vertentes do património português: natural e artificial. Sem experiência na realização deste tipo de atividades foi necessária uma divisão de tarefas de modo a otimizar o tempo disponível.

Cada elemento do núcleo de estágio procurou os locais mais adequados ao que se pretendia, considerando a distância como fator condicionante. A escolha não foi difícil, pois infelizmente o interior do país não apresenta grande diversidade ao nível cultural e artístico. O destino escolhido foi Gouveia, mais precisamente o Parque Ecológico da Serra da Estrela e o museu de Arte Moderna Abel Manta (planificação horizontal da atividade no Apêndice 32).

Com destino decidido foi necessário contactar o museu e o parque para confirmar a possibilidade de uma visita, apresentar a proposta ao grupo de Artes Visuais para que esta constasse no Plano Anual de Atividades (Apêndice 33), mostrar esse mesmo documento ao Diretor da escola (Apêndice 34) que autorizou, de imediato, a sua realização e levar a proposta a conselho pedagógico (Apêndice 35).

As estagiárias dividiram-se em esforços, para garantirem transporte, visita ao parque e museu e autorizações necessárias como se pode ver no Apêndice 36, que apresenta todo o planeamento da visita e as respetivas datas.

As turmas escolhidas correspondem às do período de estágio. Foi necessário elaborar uma série de documentos informativos para os alunos e encarregados de educação. Para que existisse uma noção clara do que ia ser visitado e quais os objetivos da saída da escola, foi criado um guia descritivo (Apêndice 37) que acompanhava a autorização de participação (Apêndice 38).

Após a recolha das autorizações, foi necessário criar uma lista completa dos alunos que fariam parte da atividade para entregar à diretora de turma e para servir de orientação no dia da visita de estudo. Alguns alunos, beneficiários de subsídios, decidiram utilizar o valor disponível para procederem ao pagamento o que levou à criação de um pedido oficial à secretaria (Apêndice 39).

Com a parte burocrática tratada, foi o momento de refletir sobre a avaliação dos alunos. O museu garantiu duas atividades durante a visita mas considerou-se a aplicação de um questionário (Apêndice 40) para que existisse uma perceção do que os alunos iriam retirar da visita.

No dia da visita de estudo, infelizmente uma das colegas não pode estar presente por motivos pessoais, o que não condicionou o que estava planeado.

De manhã existiu uma preocupação com o cumprimento da hora estipulada na autorização, mas praticamente todos os alunos estavam presentes às 7h30m, sendo que aguardámos até às 8h para garantir que todos estavam devidamente sentados e organizados.

A chegada a Gouveia coincidiu com a hora prevista. Após o lanche da manhã, o grupo foi dividido, ficando 9º e 7º anos juntos, na visita ao museu. O grupo assistiu a uma breve explicação sobre Abel Manta e o seu trabalho, prosseguindo com o visionamento das obras

expostas (ilustração 34). O entusiasmo dos alunos em relação às obras contemporâneas foi bastante visível.



Ilustração 34: Visita ao museu Abel Manta

Como a visita ao museu, em termos de duração, era mais curta do que a do Parque Ecológico decidiu-se acionar algumas atividades oferecidas por este. A primeira consistia numa síntese de vários elementos inerentes aos diferentes quadros expostos e no autorretrato dos alunos daqui a vinte e cinco anos (Anexo 10). A segunda remetia essencialmente para a imaginação e criatividade onde os alunos poderiam recriar a imagem do artista. Foi nesta que um aluno da turma da autora deste relatório se recusou a sentar com os alunos do 7ºano. A situação acabou por ser resolvida com um gesto de um aluno desta mesma turma que acabou por surpreender mostrando alguma maturidade, levantando-se e cedendo o lugar para o colega. Os resultados obtidos são visíveis nas ilustrações 35 e 36.



Ilustração 35: Autorretrato de alguns alunos daqui a 25anos



Ilustração 36: Retrato criativo de Abel Manta feito por alguns alunos

Após a visita ao museu, os alunos foram todos reunidos num jardim para almoçarem e, curiosamente, a turma mais indisciplinada foi a que se portou melhor durante todo este período.

Durante a tarde procedeu-se de novo à divisão das turmas e deslocaram-se até ao parque ecológico. Assim que entraram, o tempo revelou-se um possível impedimento à visita guiada. A chuva começou a cair intensamente durante as explicações iniciais (ilustração 37). Felizmente, a chuva acabou por cessar e permitir que os alunos se deslumbrassem com os animais.



Ilustração 37: Visita ao Parque Ecológico

No final da visita, os alunos foram novamente reunidos e conseguiu-se chegar antes da hora prevista.

No geral, a visita correu muito bem e os alunos disfrutaram de todas as atividades planeadas. O balanço é bastante positivo, principalmente porque permitiu uma experiência diferente e uma preparação efetiva para a organização deste tipo de atividades.

3.4.4. Visita de estudo ao Departamento de Ciências e Tecnologias Têxteis da UBI

Durante o 1º período letivo foi feita uma reflexão sobre as próximas temáticas e a forma como deveriam ser introduzidas para que os alunos realizassem as atividades e cumprissem, os objetivos, na totalidade. O comportamento dos alunos, que dificultou todo o processo, era a maior barreira na transmissão de conhecimentos e era necessário pensar em cada passo com muita antecedência.

O 3º período estava destinado, desde o início do ano, aos conteúdos relacionados com o *design* de moda. Este tema foi escolhido porque, de dois em dois anos, é organizado o Palmeiras Fashion, um evento de moda que reúne os trabalhos criados pelos alunos de 9º ano na disciplina de Educação Visual. Como é necessário, andar sempre um passo à frente, tornou-se imperativo refletir sobre a forma como a temática poderia ser introduzida.

A autora deste relatório, após a sua investigação sobre indisciplina, decidiu utilizar a estratégia de criação de uma aula diferente (planificação horizontal da atividade no Apêndice 41). O ideal seria levar os alunos diretamente à produção de moda com pessoas especializadas que explicassem todo o processo. Mas que espaço aceitaria receber uma turma indisciplinada? Após uma recolha de todas as empresas na área têxtil presentes na Covilhã surgiu a ideia de levar os alunos ao único local que aceitaria estudantes como visita, com técnicos especializados em todo o processo de *design* de moda, a Universidade da Beira Interior.

Sem qualquer tipo de conhecimento dentro do DCTT foi necessário recorrer à página eletrónica da UBI para encontrar a responsável pela área pretendida. A Prof. Doutora Rita Salvado é a Diretora do Departamento e responsável pelo 1º e 2º ciclos de estudos em *Design* de Moda e seria o ponto de partida para a realização da visita de estudo.

O primeiro contato, foi realizado no 1º período para apresentar a proposta e saber até que ponto era possível a presença dos alunos.

A diretora do DCTT mostrou-se, imediatamente disponível, para a realização da visita e a partir desse momento, foi agendada uma data que apontava para o final do 2º período. A escolha dos dias foi feita de modo a que os alunos visitassem o DCTT e assistissem a algumas conferências de moda que decorreriam no museu dos lanifícios.

Com a visita agendada, provisoriamente, foram realizados os pedidos de autorização para o diretor da escola e encarregados de educação. Infelizmente o dia pretendido coincidia com uma prova de geografia e foi necessário reformular a atividade. Realizou-se novo contato com a UBI e levantou-se a possibilidade da participação dos alunos nas apresentações dos trabalhos dos estudantes de moda. Com uma nova organização foram reformulados os pedidos de autorização (Apêndice 42) e criado um documento informativo com os objetivos da visita e uma breve introdução sobre o DCTT (Apêndice 43).

Com a autorização do diretor e a confirmação da Diretora do Curso foi fundamental a criação de dois momentos de avaliação: o primeiro era destinado aos alunos que fariam parte da visita (Apêndice 44) e o segundo aos que ficariam na escola (Apêndice 45). Dentro do

grupo de trinta alunos apenas quinze obtiveram a autorização dos pais para a participação na atividade gratuita, que deveria ser para todos, mas que não pode ser obrigatória por se realizar fora do recinto da escola.

No dia da visita, a saída da escola já foi feita fora do horário marcado porque alguns alunos não cumpriram o que estava estipulado, vincando a tendência para comportamentos por oposição. Este atraso já estava dentro das previsões, por existir um conhecimento muito próximo da turma, e a chegada à UBI coincidiu com o que estava agendado. Todo o percurso escola/UBI foi feito a pé e os alunos cumpriram as regras básicas estipuladas para a circulação segura.

Após a chegada à UBI foi distribuída a atividade preparada para a avaliação que estava diretamente ligada à metodologia de projeto.

A Professora Rita Salvado já estava à espera para receber os alunos numa sala de aula onde procedeu a uma breve introdução sobre o curso da UBI e a sua área de ação. Com uma ideia geral da constituição do curso a turma foi deslocada para a área de produção de moda, localizada dentro do departamento.

Em primeiro lugar os alunos visitaram um *atelier* onde se encontram diversas amostrar de tecidos e revistas para consulta, na fase inicial de um projeto. Nessa sala decorrem aulas de modelação 3D onde os alunos passam para o computador o seu trabalho e podem imprimir padrões, no imediato, numa impressora especializada. Depois da demonstração deste *atelier*, os alunos puderam ver máquinas de fiação e transformação de lã na zona de produção. Foi possível ver maquinaria para fazer todo o tipo de tecidos, incluindo calças de ganga, que reteve a atenção dos alunos. Foram explicados os princípios básicos da produção dos tecidos e os alunos puderam interagir diretamente com os materiais (ilustração 38).



Ilustração 38: Visita à área de produção de tecidos

Com as fases de projeção e produção completas, foi possível uma visita ao atelier de concretização dos modelos, onde estavam a trabalhar dois alunos do 3ºano e onde foi explicado o processo de construção dos protótipos (ilustração 39). De seguida os alunos foram encaminhados para o laboratório/ tinturaria onde se procede ao tingimento dos tecidos e a várias experiências de cor.



Ilustração 39: Visita ao atelier de prototipagem

Com a visita completa, regressámos à sala inicial onde foram feitas algumas explicações sobre *design* sustentável enquanto os alunos de moda terminavam os seus trabalhos. Os alunos mostraram grande interesse neste tema e aproveitaram para recolher informações para o projeto de moda que teriam que realizar no próximo período (ilustração 40).



Ilustração 40: Apresentação de noções básicas de moda

Após esta exposição, deslocaram-se ao *workshop* de Yoad David, um reconhecido designer de moda, onde foram apresentados alguns dos trabalhos desenvolvidos que despertaram o entusiasmo dos alunos (ilustração 41).



Ilustração 41: Apresentações dos trabalhos dos alunos de moda

O objetivo principal da visita foi a interação dos alunos diretamente com os materiais, sistemas de confeção e produção. Com esta iniciativa os alunos compreenderam melhor o processo metodológico de um projeto de moda e conseguirão desenvolver pelo menos uma peça de vestuário no 3º período.

A Professora Rita Salvado foi extremamente generosa em receber-nos num dia de aulas comum na universidade, dispondo do seu tempo para as inúmeras explicações. Esta acompanhou o grupo durante toda a visita e fez questão de explicar todos os processos.

No geral o comportamento dos alunos foi positivo e conseguiram reter alguns conceitos.

A experiência na organização de uma visita para uma turma, sem a colaboração de outros colegas, revelou-se importante no processo de estágio, pois é necessário oferecer aos alunos, principalmente quando são indisciplinados, métodos de ensino diferentes em espaços diferentes. Esta estratégia resolve, de facto, alguns problemas de transmissão e aquisição de conteúdos.

3.4.5. Visita de estudo a Lisboa

Após as experiências na organização, em grupo, e individual, de visitas de estudo só faltava a participação numa atividade desse género promovida por colegas do grupo das artes. Esta experiência ocorreu no dia treze de Março, última semana do 2º período.

A visita em causa foi organizada para as turmas de 9º ano e, com uma turma a cargo, a autora deste relatório decidiu acompanhar o grupo para evitar situações complicadas, muito características da sua turma.

Os alunos, durante o ano letivo, criaram uma grande ligação com a professora estagiária e em situações de indisciplina seria praticamente impossível obedecerem a professores que não conhecem. Estes apresentam uma postura de constante rebelião com o mundo e foi necessário acompanhá-los de muito perto.

A visita apresentava, como itinerário, a deslocação a Lisboa para a visualização do MUDE e do Museu do Traje (Apêndice 46).

Adicionando as características dos museus, que requerem silêncio e disciplina, à turma de 9ºano indisciplinada os resultados poderiam ser imprevisíveis e era imperativo manter os alunos sobre um olhar atento e consciencializá-los para as regras antes de iniciarem a visita.

O horário de saída da escola, estipulado no itinerário, foi rigorosamente cumprido. Foi acordado, com os alunos, uma troca de lugares no autocarro, desde o início, para garantir que a viagem nos lugares de trás era bem distribuída. Esta estratégia permite que os alunos se mantenham calmos durante todo o percurso por equilibrar, de forma justa, a ocupação dos lugares.

A viagem correu bem até à divulgação dos grupos que deveriam ser cumpridos na entrada do museu. A turma indisciplinada foi dividida para ingressar nas restantes turmas e tendo em conta que são bastante unidos, não aceitaram a forma como os organizadores da visita os distribuíram. Para a professora estagiária foi também uma surpresa porque uma turma indisciplinada nunca deve ser dividida precisamente para não agravar o seu comportamento.

Foi preciso esta deslocar-se junto dos alunos para acalmá-los, pois estes recusavam-se a visitar o museu. A partir desse momento a autora deste relatório entrou em diálogo com os colegas que organizaram a visita para juntar a turma e evitar problemas, pedido que foi rejeitado.

Na chegada ao museu foi mesmo necessário juntar a turma e a visita correu bem com o cumprimento de todas as regras sob o olhar atento da estagiária. Os alunos demonstraram interesse durante as diversas explicações da sua professora que por ser formada em *design* pôde esclarecer dúvidas e apresentar curiosidades que os mantivesse atentos. O facto de a visita não ter guia facilitou bastante o controlo dos alunos. No final da visita ao MUDE, estes mantiveram-se a conversar na rua, todos juntos, sem manifestarem qualquer sinal de indisciplina.

Da parte da tarde foi iniciada a visita ao Museu do Traje que decorreu com alguma normalidade e interesse por parte dos alunos, manifestando algum desconforto com as longas explicações da guia do museu. Uma das conclusões que deve ser retirada é que alunos indisciplinados aceitam melhor instruções de professores que lhes são próximos, do que momentos extensos de explicações dadas por desconhecidos.

No geral considera-se que os alunos se portaram muito bem e que gostaram da visita. No final foi feita uma despedida muito especial para a sua professora estagiária que tinha dado como concluída a sua componente didáctica.



Ilustração 42: Visita a Lisboa

3.4.6. Clube das artes

O clube das artes realizava-se uma vez por semana com o acompanhamento de duas professoras de Educação Visual e do núcleo de estágio e tinha como principal objetivo a ocupação de horas livres dos alunos que manifestavam interesse nesta área.

O clube geralmente tinha poucos alunos e por esse motivo foram várias as semanas que este não se realizou.

Como o fluxo de trabalho do núcleo de estágio era abundante ficou decidido que só seria necessária a sua intervenção caso surgisse uma atividade que requeresse mais trabalho.

Durante o ano letivo só foi precisa uma intervenção das estagiárias Vera Silva e Sofia Freire na realização de faixas para um evento organizado pelos colegas de Educação Física. Nessa sessão compareceram apenas dois alunos, o que dificultou bastante a realização do que estava previsto. Foi necessário procurar os estagiários de Educação Física para obter todo o material gráfico necessário e as estagiárias Vera e Sofia acabaram por marcar, nas faixas, as letras e o logótipo para os alunos pintarem, mas esse esforço revelou-se insuficiente e não foi possível terminar tudo, por falta de alunos. As faixas acabaram por ser terminadas durante uma aula de Educação Visual (ilustração 43).



Ilustração 43: Faixa e bandeira feitas no clube das artes

Curioso foi o interesse dos alunos e o empenho na realização de letras em degradé que ficaram muito boas, a nível técnico, num suporte que, para eles, é bastante invulgar (Tecido).

3.4.7. Exposição no centro comercial

Durante a reunião do grupo 600 foi discutida a introdução dos trabalhos do 1º período, num espaço no centro comercial. Esta exposição concretizou-se no dia 22 de fevereiro com a colaboração de todos os membros do núcleo de estágio.

A exposição tinha como principais temas - a forma e a animação - e os trabalhos pertenciam aos alunos do 7ºC, 8ºB e 9ºD. Para a concretização da exposição dividiu-se tarefas para otimizar o tempo disponível. As professoras estagiárias realizaram cartazes de divulgação (Apêndice 47) que estavam presentes por toda a escola e no local da exposição. Procedeu-se à seleção dos trabalhos a expor e a autora deste relatório, por apresentar resultados da sua turma em formato digital, realizou um vídeo com os trabalhos dos alunos (Apêndice 15).

Em relação à parte da animação que corresponde aos resultados obtidos pela turma do 9º ano, no dia da montagem da exposição, foi necessário editar o vídeo para colocar a alusão à escola entre cada animação e foi pedido o patrocínio de uma loja para o empréstimo de um plasma que permitisse a visualização permanente dos trabalhos de animação. As dificuldades surgiram durante a montagem. O equipamento cedido não tinha capacidade para reproduzir o ficheiro e foi bastante frustrante deixar o monitor desligado.

O espaço foi forrado com tecido preto para criar contraste com as folhas brancas e foi possível colocar mais trabalhos do que esperávamos, considerando que o espaço é reduzido (ilustração 44).



Ilustração 44: Montagem da exposição

Em relação às animações, no dia seguinte, a autora deste relatório deslocou-se à loja que patrocina a exposição para procurar soluções. O processo foi bastante demorado mas foi possível converter o ficheiro para um formato que coincidissem com a leitura do plasma. Após esta modificação foi necessário recorrer aos seguranças do centro comercial, para testar o equipamento e garantir que este é ligado e desligado todos os dias.

Fazendo um balanço, considera-se que a exposição teve sucesso e que os trabalhos chegaram à comunidade. As pessoas paravam em frente à montra e divertiam-se com os desenhos e animações expostas.

3.4.8. Exposição no centro tecnológico

No final do 3º período foi realizada uma exposição na entrada principal do centro tecnológico da escola, com as maquetas realizadas durante atividade: projeção de um espaço. O local onde foram colocadas, é problemático, devido ao elevado número de alunos que circulam neste edifício. Os alunos respeitaram o trabalho dos colegas e não se verificaram alterações nas maquetas.

Toda a exposição foi acompanhada de imagens humorísticas retiradas do PowerPoint de apoio (Apêndice 22) realizado pela professora estagiária.

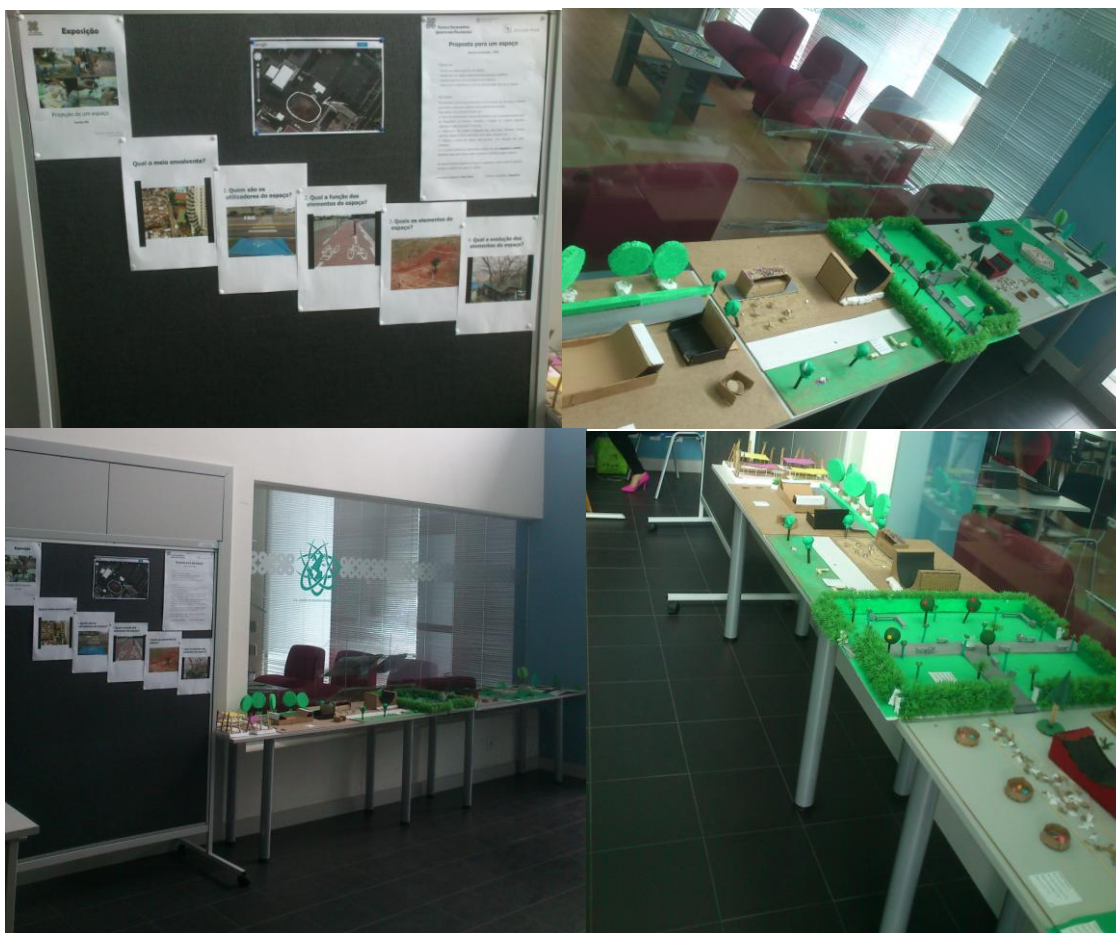


Ilustração 45: Exposição no CTE

3.4.9. Entrega de prémios Lions

Todos os anos o Lions Clubs International lança o concurso “cartaz sobre a paz “para crianças e jovens de vários países (Anexo 11). Durante os últimos anos mais de quatro milhões de crianças, de cem países, participaram neste concurso que pretende mostrar a sua visão sobre a paz.

Permite que alunos, dos onze aos treze anos, expressem a sua criatividade com um subtema que este ano é “nosso mundo, nosso futuro”. Os materiais a utilizar são escolhidos pelas crianças e jovens.

Os cartazes são julgados consoante a originalidade, mérito artístico e expressão do tema. Como a turma de estágio está fora da idade permitida apenas os alunos da colega Sofia Freire participaram no concurso, conseguindo um excelente resultado. O trabalho vencedor é da sua turma de 8ºano e a entrega dos prémios foi realizada, na presença do núcleo de estágio e do Diretor da escola, no centro comercial Serra Shopping na Covilhã (ilustração 45). Os três primeiros prémios foram todos entregues a alunos da escola Secundária Quinta das Palmeiras, o que revela a qualidade do ensino artístico, em Artes Visuais.



Ilustração 46: Entrega dos prémios Lions

3.4.10. Aulas de apoio de Educação Visual

No decorrer das aulas de Educação Visual as dificuldades dos alunos eram uma das barreiras mais complicadas de superar que aliadas ao mau comportamento originavam resultados negativos. Para suprimir estas dificuldades, a autora deste relatório, decidiu dar um reforço sempre que se justificasse.

No decorrer do 1º e 2º período aconteceram três momentos de apoio aos alunos que se revelaram uma excelente ferramenta para a sua aproximação da professora e, consequentemente, para a melhoria das notas.

A primeira aula de apoio debruçou-se sobre a matéria de desenho axonométrico, que é extremamente difícil para a maioria dos alunos, principalmente quando estes não trazem bases de anos anteriores. O professor deu a matéria durante a aula de Educação Visual e a turma não entendeu grande parte dos conceitos. Isto ocorreu porque os alunos se apresentavam com uma atitude permanentemente indisciplinada. Foi marcada uma entrega para o trabalho que deveriam desenvolver e os alunos ficaram perturbados por assumirem que não conseguiriam entregar e que não estavam a compreender. Por esse motivo, foi marcada uma aula de apoio, no horário do clube das artes, para que os interessados pudessem tirar as suas dúvidas. Nessa sessão compareceram apenas duas alunas que conseguiram concluir o trabalho e que ficaram mais elucidadas sobre a matéria em questão.

No final do segundo período, foi preciso marcar duas sessões complementares para que os alunos terminassem as maquetas que estavam a desenvolver no âmbito de uma nova atividade, pois no decorrer da aula de Educação Visual foi possível reter as dificuldades de alguns grupos, no cumprimento dos prazos.

Na primeira sessão compareceram três grupos sendo que um deles permaneceu apenas meia hora na sala de aula sem uma evolução efetiva. Os outros grupos aproveitaram bem o tempo tirando as suas dúvidas e construindo a maqueta.

O atraso verificado nesta atividade prende-se com o facto de a turma ser muito agitada e de o ambiente de sala de aula estar limitado. Com este apoio os alunos trabalharam livremente sem interrupções. O sistema de trabalho foi tão proveitoso que os alunos pediram a marcação de um outro dia para continuarem. O sucesso deste horário deve-se, ao facto, de

nele participarem apenas os alunos que se interessam pela disciplina, sem distrações dos restantes que, habitualmente, perturbam o bom funcionamento das aulas.

Para garantir que os alunos terminavam as maquetas verificou-se junto da funcionária com antecedência, qual a sala que se poderia utilizar numa segunda sessão.

Os alunos mostraram-se bastante interessados na conclusão da atividade e compareceram todos. Assim que chegaram ao bloco verificou-se que a sala que no horário estava desocupada e que foi requisitada previamente, encontrava-se ocupada por um professor que faltou durante a semana anterior e decidiu ir dar um teste. A partir deste momento iniciou-se a procura, em todos os blocos, para encontrar uma sala vaga. Infelizmente a única que estava disponível era extremamente pequena, com apenas sete mesas. Sem alternativas, aceitou-se a sala para que os alunos pudessem trabalhar. Foi desgastante manter a turma confinada a um espaço tão pequeno e cada grupo (4 elementos) foi colocado numa mesa que deveria ser para dois alunos. Em determinado momento já estavam alunos a trabalhar no chão e outros nas mesas. Esta limitação de espaço fez com que os alunos se organizassem melhor. É curioso atingir a divisão de tarefas com tantas condicionantes, e isto só leva a pensar que os alunos indisciplinados trabalham melhor sobre pressão. Todos os grupos foram acompanhados e ensinou-se diversas técnicas relacionadas com a manipulação de materiais.

No final do horário marcado todos os grupos já tinham os seus trabalhos concluídos e procederam à limpeza da sala, sem discussão.

No geral os resultados obtidos foram bons e constata-se que é possível fazer atividades muito variadas com alunos indisciplinados. Os jovens não precisam de facilitismo, pelo contrário, quanto pior o comportamento mais se pode exigir.

Muitos professores não têm disponibilidade para este tipo de horários de apoio mas deviam rever a sua perspetiva para melhorarem os resultados dos alunos e garantirem maior proximidade.

3.4.11. Festa da Primavera - Palmeiras Fashion

O evento Festa da Primavera - Palmeiras *Fashion*, realiza-se de dois em dois anos, com a organização a cargo dos professores do grupo de Artes Visuais.

Durante o 3º período os alunos do 9ºano desenvolvem diversos projetos de *design* de moda, cumprindo o que é pedido pelo programa de Educação Visual e produzindo material suficiente para a organização de um desfile de moda. Os alunos passam por todo o processo de *design* e numa fase final é sugerida a concretização dos modelos que idealizaram.

Na Festa da Primavera - Palmeiras Fashion procura-se aliar a moda aos elementos da estação do ano.

Considerando as condições climatéricas adversas, este ano, ao contrário do que é habitual, o evento foi deslocado, do exterior, para o interior do pavilhão desportivo. Esta localização e a falta de apoio da Câmara Municipal limitaram muito o evento. Em anos anteriores esta instituição disponibilizava o palco, projetores, sistema de som, etc..

A organização do espaço foi iniciada no próprio dia, para evitar o condicionamento das aulas de Educação Física. O conceito geral era colocar um palco e uma passarela vermelha, para os alunos realizarem um desfile de moda com as suas criações, para a comunidade escolar.

O evento decorreu no dia sete de Junho e começou a ser montado muito cedo. Os alunos colaboraram enfeitando a escola com elementos têxteis, enquanto os professores se encarregaram de toda a decoração do pavilhão.

Durante todo o dia, no exterior, decorreram também iniciativas organizadas pelos núcleos de estágio, que se uniram para a angariação de fundos para uma associação de proteção animal da Covilhã (Instinto). Foram instalados insufláveis e jogos, para inserir os alunos, na semana animal, evento que decorria paralelamente ao Palmeiras *Fashion* e que partiu do núcleo de estágio de Artes Visuais. Na temática dos animais, desenvolvida apenas no período letivo, foram integradas também as ovelhas produzidas por uma turma de 8ºano, um projeto que também partiu do núcleo de estágio e que coloriu o canteiro principal da escola, localizado frente ao pavilhão.

Relativamente ao espaço produzido para a Festa da Primavera, foram inseridos os estudos efetuados pelos alunos. Foi interessante verificar que a turma atribuída à autora deste relatório levou muito a sério as aprendizagens da visita à UBI, recorrendo aos métodos de apresentação dos seus trabalhos muito semelhantes aos que observaram.

Durante toda a tarde foram realizados ensaios, enquanto se faziam ajustes do ponto de vista técnico e estético. O desfile estava marcado para as 21h e para garantir que todos os alunos estavam corretamente vestidos, foi iniciado o processo de caracterização uma hora antes. Como alguns eram mais introvertidos e não conseguiam desfilar o seu próprio modelo, convidaram colegas, mesmo de outros anos, para apresentarem o seu projeto à comunidade.

Os alunos levaram muito a sério todo o evento e o desfile foi um verdadeiro sucesso, o espaço encheu-se de cor e de público, que aplaudiu de pé, o empenho, de alunos e professores como se pode ver no vídeo presente no Apêndice 48.

3.5. Considerações finais da PES

Praticamente todas as estratégias investigadas para solucionar comportamentos indisciplinados foram experienciadas no percurso de estágio.

A estagiária esteve sempre presente nas aulas da turma de 9ºano e participou nas atividades mesmo quando não era a responsável pelas mesmas. Esta proximidade permitiu que os alunos se habituassem aos métodos dos dois professores e não acontecessem grandes variações, dentro da sala de aula, do ponto de vista psicológico.

Ao nível de problemáticas dos alunos, foi muito importante o contacto com um aluno de extrema violência tal como com alunos hiperativos que necessitavam de um acompanhamento diferente durante todas as atividades.

Todo o percurso pedagógico foi efetuado com grande autocontrolo e calma. Para iniciar as aulas em vez de gritar, a professora estagiária dirigia-se diretamente aos alunos, que estavam a gerar maior confusão, para obter silêncio. Esse processo é gradual não é tão imediato como um grito mas consegue resultados mais duradouros. A postura assumida foi sempre a de uma amiga que exige o cumprimento das regras. Foi preciso brincar muito e por vezes assumir comportamentos semelhantes aos seus para contornar as adversidades. Uma postura bem-humorada e humana contribuiu para o fortalecimento da relação professor-aluno. Ações simples, como tratar os alunos pelos nomes, conhecer as suas particularidades e mostrar interesse pelas atividades, que desenvolvem dentro e fora da sala de aula, podem ser excelentes formas de conquistar a amizade dos alunos.

Algumas estratégias pareciam uma loucura, no início, mas depois da experiência é importante não esquecer que as mais invulgares são as que, por vezes, dão as melhores respostas. Muitos professores podiam considerar que a estagiária poderia estar a enlouquecer, mas foram muitos os que pediram o trabalho de investigação realizado, quando conheceram o sucesso das estratégias. Se os professores querem lutar contra a indisciplina não podem ter medo de arriscar. Mudanças simples de atitude, podem surtir grandes resultados.

Desejou-se várias vezes mandar alunos para rua como fazem os outros professores mas na opinião pessoal da autora deste relatório, os problemas resolvem-se dentro da sala de aula. Não se pode premiar um aluno por mau comportamento e sair é o que mais desejam.

A experiência da PES foi extremamente enriquecedora e criou-se um vínculo forte com a turma de tal modo que, no final do 2ºperíodo, os alunos pediram para a estagiária ficar até ao final do ano, mas por motivos de saúde não foi possível. Foi um verdadeiro desafio trabalhar com alunos indisciplinados mas se fosse dada a possibilidade de escolher outra turma, a estagiária escolheria novamente a mesma.

Conclusão

Com o presente relatório pretendeu-se encontrar respostas para as dificuldades encontradas durante a prática pedagógica. Procurou-se um conjunto de estratégias que resolvessem problemas evidentes na turma de estágio e criou-se uma relação direta entre a teoria e a prática. Para o efeito realizou-se uma pesquisa centrada na problemática da indisciplina que focasse diretamente formas de resolução.

Relativamente a respostas efetivas foi possível verificar que uma intervenção estratégica permite a correção de alguns comportamentos, sendo que nem todas as estratégias podem ser aplicadas com todos os alunos. O professor deve procurar adequar a sua intervenção à personalidade de cada aluno, em particular, e da turma no geral. Podem ser criadas atividades diferentes, programadas segundo o nível de indisciplina dos alunos, como as utilizadas pela autora deste relatório durante a PES.

Durante todo o ano letivo o programa da disciplina foi encarado como uma diretriz que não devia ser seguida pela ordem em que se apresentava. Foi possível durante a prática pedagógica o cumprimento de algumas das novas metas da disciplina de Educação Visual com exercícios que continham várias temáticas e que se adaptavam à realidade.

Dentro do percurso de estágio foram também desenvolvidas atividades para os alunos e restante comunidade escolar, que requereram grande empenho. Apostou-se na organização de aulas diferentes, que dão sem dúvida muito mais trabalho ao professor que as comuns mas, em contrapartida, são um sucesso do ponto de vista pedagógico. Procurou-se criar momentos artísticos na escola, que habitualmente não são realizados, e oferecer aos alunos perspetivas diferentes. Todo o núcleo de estágio participou ativamente nas atividades ao longo do ano e a realização destas só foi possível devido à cooperação da escola.

Todo o percurso foi desenvolvido sob o olhar atento e carinhosa colaboração do orientador de estágio, que promoveu a aplicação de todas as estratégias recolhidas na investigação. Esta abertura permitiu à estagiária a condução da turma na maioria do ano letivo e a aprendizagem da utilização correta das estratégias. Foi criada uma ligação com a turma desde o início do ano e a intervenção revelou-se adaptada às suas características.

Foi necessário o abandono, progressivo, das noções básicas de educação que todas as pessoas criam involuntariamente para a realização do plano estratégico, que muitas vezes deu respostas de formas muito invulgaes.

A prática pedagógica foi também acompanhada por outros professores que tomaram conhecimento da investigação desenvolvida e que procuravam as mesmas respostas que a estagiária. Os pedidos de partilha das estratégias e dos erros que o professor não deve cometer, acabaram por impulsionar ainda mais a investigação. Foi efetuada a partilha de tudo o que era realizado para solucionar a indisciplina e curiosamente, uma reduzida percentagem de docentes considerou que não precisava de mudar as suas práticas pois a melhor solução era colocar os alunos fora da sua sala de aula. A investigação desenvolvida

permite exatamente contrariar esta tendência e mostrar que é possível gerir os comportamentos da turma, dentro da sala de aula.

O percurso de experimentação constante permitiu à autora deste relatório a descoberta de grandes qualidades em alunos problemáticos que apenas precisam de atenção, paciência e correção.

A mensagem principal que se deseja deixar com este relatório, que será partilhado com os inúmeros docentes que se mostraram interessados no seu conteúdo, é o facto de, se uma professora estagiária sem qualquer tipo de experiência conseguiu bons resultados com a utilização de estratégias contra a indisciplina, então qualquer docente pode fazer face a esta problemática, basta uma mudança de mentalidades e atitudes.

Bibliografia

- Alves, R. (2010). *Prevenir e lidar com a indisciplina em sala de aula - Encontros com professores*. Obtido em 29 de novembro de 2012, de À conversa com pais: Psicologia Educacional e Psicoterapia: <http://aconversacompais.blogspot.pt>
- Amado, J. d. (2000). *A construção da disciplina na escola - Suportes teórico-práticos*. Porto: Edições ASA.
- Amado, J. S. (2001). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições ASA.
- Amado, J., & Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência na escola: compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.
- Andrade, B., Miranda, F., Borges, M., Lucena, M., & Mendes, R. (14 de dezembro de 2010). *Indisciplina Escolar na adolescência*. Obtido em 29 de novembro de 2011, de webartigos: www.webartigos.com
- Antunes, C. (2002). *Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula*. Petrópolis: Vozes.
- Arends, R. I. (2001). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: MC Graw-Hill.
- Barbosa, A. M. (29 de Agosto de 2011). *Arte e livros*. Obtido em Outubro de 2012, de uai: <http://www.divirta-se.uai.com.br>
- Barbosa, A. M. (s.d.). *Dominio Público*. Obtido em Outubro de 2012, de Ministério da educação: <http://www.dominiopublico.gov.br>
- Barboza, J. A. (19 de Janeiro de 2011). *Estratégias docentes frente a sala de aula*. Obtido em 29 de novembro de 2012, de Artigonal: Diretório de Artigos Gratuitos: www.artigonal.com
- Borges, S. I. (2012). *Indisciplina numa escola secundária: estudos das estratégias de prevenção utilizadas pelos professores em sala de aula*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Brito, R. (2012). *Erro no. 2: Bater Boca com o Aluno*. Obtido em 14 de janeiro de 2013, de SOS Professor: soluções e estratégias para gerenciamento de sala de aula: <http://www.sosprofessor.com.br>
- Brito, R. (2012). *Erro no. 3: Ameaçar, ameaçar, ameaçar e...não cumprir*. Obtido em 14 de janeiro de 2013, de SOS Professor: soluções e estratégias para gerenciamento de sala de aula: <http://www.sosprofessor.com.br>
- Brito, R. (2012). *Indisciplina na Sala de Aula: Os 5 Erros que os Professores Cometem e como Evitá-los*. Obtido em 29 de novembro de 2012, de SOS Professor: soluções e estratégias para gerenciamento de sala de aula: <http://www.sosprofessor.com.br>

Brito, R. (2012). *Indisciplina: Erro 1 – Disciplinar toda a sala de uma só vez*. Obtido em 14 de janeiro de 2013, de SOS Professor: soluções e estratégias para gerenciamento de sala de aula: <http://www.sosprofessor.com.br>

Coll, C., Marchesi, Á., & Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia evolutiva* (Vol. 1). Porto Alegre: Artmed.

DGEBS. *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico 3ºciclo* (Vol. 1). Ministério da Educação.

Doyle, W. (1986). *Classroom Organization and Management*. (I. Wittrock, Ed.) New York: Macmillan.

Engrácio, H. A. (2008). *O humor na educação*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Estrela, M. T. (2002). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora, LDA.

Filho, J. C. (10 de Agosto de 2009). *Educação, antes e agora*. Obtido em 29 de janeiro de 2013, de clinis'blog: <http://my.opera.com>

Fontes, C. (2010). *Indisciplina nas Escolas*. Obtido em 3 de dezembro de 2012, de Navegando na educação: <http://educar.no.sapo.pt>

Garcia, J. (1999). *Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva*. Obtido em 18 de dezembro de 2012, de Revista paranaense de desenvolvimento: <http://www.ipardes.pr.gov.br>

Gomes, C. A., Silva, G. R., & Silva, D. V. (Junho de 2010). *A indisciplina numa escola portuguesa: olhares da comunidade educativa*. Obtido em 5 de janeiro de 2013, de Repositorium: Universidade do Minho: <http://repositorium.sdum.uminho.pt>

Gonçalves, C. M. (2009). *A Indisciplina em Sala de Aula: um estudo numa escola S/3º ciclo*. Dissertação de Mestrado. Aveiro, Portugal: Universidade de Aveiro. Departamento de Ciências da Educação.

Gregg, M. C. (2003). *Criando Adolescentes - Como prepará-los para os desafios da vida*. São Paulo: Fundamento.

Jesus, S. (2008). Estratégias para motivar os alunos. *alyc.org*, v31 (Educação), 21-29.

Klotz, M. M. (Maio de 2010). *Indisciplina: um sintoma tratável?* Obtido em 12 de novembro de 2011, de CEPAGIA clínica interdisciplinar: www.cepagia.com

Lopes, E. L. (2006). *Indisciplina em contexto educativo*. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveira.

Lopes, J. A. (2001). *Problemas de comportamento, problemas de aprendizagem, problemas de "ensinagem"*. Coimbra: Quarteto.

Lopes, J., & Rutherford, R. (2001). *Problemas de comportamento na sala de aula: identificação, avaliação e modificação*. Porto: Porto Editora.

Maia, E. M. (2011). Práticas pedagógicas de intervenção em contexto de indisciplina. X Congresso Nacional de Educação- EDUCERE (p. 5494). Curitiba: PUCPR.

Mallik, S. K. (1966). A Study of catharsis of aggression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 591-596.

Melo, J. (2 de julho de 2008). *Como diminuir a indisciplina na sala de aula*. Obtido em 29 de novembro de 2012, de Técnicas de Acção Educativa: <http://acciaoeducativa.blogspot.pt>

Melo, J. (2 de Julho de 2008). *Como diminuir a indisciplina na sala de aula*. Obtido em 29 de Novembro de 2012, de Técnicas de Acção Educativa: <http://acciaoeducativa.blogspot.pt>

Mendes, A. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada: Educação Visual [8ºano]*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Oliveira, M. I. (2009). *Fatores psico-sociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência*. Obtido em 14 de novembro de 2012, de Redalyc: Sistema de Información Científica: www.redalyc.org

Palma, C. M. (2011). *A formação de professores para a intervenção e a prevenção da indisciplina*. Obtido em 28 de dezembro de 2012, de ReCiL: Repositório Científico Lusófona: <http://recil.grupolusofona.pt>

Picado, L. (4 de julho de 2009). *A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva*. Obtido em 29 de novembro de 2012, de Psicologia.com.pt: o portal dos psicólogos: www.psicologia.com.pt

Pina, V. A. (2011). *A atuação do orientador educacional na questão da indisciplina escolar*. Obtido em 10 de dezembro de 2013, de Instituto Superior Fátima: <http://www.edufatima.inf.br>

Pinto, T. (9 de Março de 2007). *Indisciplina na escola: como travar?* Obtido em 29 de novembro de 2007, de Imagina: bica newsletter: www.bica.imagina.pt

Priberam Informática, S.A. (2012). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Obtido em 20 de 12 de 2012, de Priberam: <http://www.priberam.pt>

Read, H. ([1982] 2007). *Educação pela Arte*. Edições 70.

Renca, A. A. (2008). *A Indisciplina na Sala de Aula: Percepções de Alunos e Professores*. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro, Departamento de Ciências da Educação.

Rodrigues, A. C., Cunha, F., & Félix, V. (2012). *Metas Curriculares - Educação Visual - 2º e 3º Ciclo*. Ministério da Educação e Ciência.

Rosado, A., & Januário, N. (1999). *Percepção de incidentes disciplinares*. Ludens, vol.16.

- Salvador, R. M. (2003). *Olhar a escola e os outros: vivências de alunos de 9ºano com atitudes de indisciplina*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Sampaio, D. (n.d.). *Indisciplina: um signo geracional?* Obtido em 29 de novembro de 2012, de Direcção-geral de inovação e de desenvolvimento curricular: area.dgidc.min-edu.pt/inovbasic/biblioteca/ccoge06/caderno6.pdf
- Santo, J. A. (1994). *Relação entre representações e comportamentos de indisciplina em alunos do 7º e 9ºanos de escolaridade*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FPCE, UL.
- Silbereisen, R., Noack, O., & Reitzle, M. (1987). *Sobre os problemas do comportamento na adolescência: observações de campo e avaliação longitudinal* (Vol. IV). Análise Psicológica.
- Silva, M. L. (1999). *Indisciplina na aula: um problema dos nossos dias*. Porto: Edições ASA.
- Silveira, M. L. (2007). *A indisciplina em sala de aula: o que pensam professores e alunos*. Dissertação de mestrado. Santos: Universidade Católica de Santos.
- Souza, R. C., Freitas, V. L., & Castro, P. T. (2011). Vida e escola: o que pensam os adolescentes. *Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional* (pp. 8-13). Maringá: Universidade Estadual de Maringá.
- Vasconcellos, C. S. (2000). *Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad.
- Veiga, F. (2007). *Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais*. Coimbra: Edições Almedina S.A.
- Vieira, K. L. (2004). *Os grandes desafios do adolescente no cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes.
- Vieira, L., Camacho, N., & Camacho, R. (2010). *A indisciplina na sala de aula*. Funchal: Universidade da Madeira.

Índice de anexos

Anexo 1 - Programa de Educação Visual

Anexo 2 - Ajustamento do programa de Educação Visual

Anexo 3 - Metas Curriculares do Ensino Básico

Anexo 4 - Projeto Educativo

Anexo 5 - Contrato de autonomia

Anexo 6 - Regimento do grupo 600

Anexo 7 - Parâmetros de avaliação de educação visual

Anexo 8 - Regulamento Concurso Presépios e Árvores 2012

Anexo 9 - Notícia na página da escola

Anexo 10 - Atividade desenvolvida no museu Abel Manta

Anexo 11 - Regulamento do concurso Lions

Índice de apêndices

- Apêndice 1 - Grelha de comportamento nas aulas
- Apêndice 2 - Ficha de observação da aula de apresentação
- Apêndice 3 - Teste de diagnóstico
- Apêndice 4 - Planificação e reflexão da aula de diagnóstico
- Apêndice 5 - Execução da capa
- Apêndice 6 - Ficha de observação de aula e autorização de recolha de imagens
- Apêndice 7 - Recurso, Planos fotográficos
- Apêndice 8 - Enunciado da atividade - Planos
- Apêndice 9 - Planificações e reflexões das aulas da atividade - Planos
- Apêndice 10 - Planificação horizontal-stop motion
- Apêndice 11 - Material de suporte - atividade stop motion
- Apêndice 12 - Enunciado da produção da animação
- Apêndice 13 - Material de apoio - criação de uma história
- Apêndice 14 - Ficha de produção e relatório de desenvolvimento do stop motion
- Apêndice 15 - Vídeo com as animações
- Apêndice 16 - Planificações e reflexões das aulas da atividade - Stop motion
- Apêndice 17 - Planificação Anual do Ensino Aprendizagem
- Apêndice 18 - Fichas de observação da atividade - representação do espaço
- Apêndice 19 - Ficha de observação da aula de autoavaliação
- Apêndice 20 - Planificação a Horizontal - atividade projeção de um espaço
- Apêndice 21 - Enunciado - Projeção de um espaço
- Apêndice 22 - Atividade espaço, material de apoio
- Apêndice 23 - Utilização do humor na sala de aula
- Apêndice 24 - Planificações e reflexões das aulas da atividade - projeção de um espaço
- Apêndice 25 - Reflexão de aulas assistidas
- Apêndice 26 - Autorização do evento street art
- Apêndice 27 - Projeto street art
- Apêndice 28 - Cartaz do evento street art
- Apêndice 29 - Informação aos alunos
- Apêndice 30 - Ficha de inscrição(workshop Nilo Zack)
- Apêndice 31 - Vídeo da execução do mural
- Apêndice 32 - Planificação horizontal da visita de estudo a Gouveia
- Apêndice 33 - PAA visitas de estudo
- Apêndice 34 - Pedido de autorização ao diretor para a visita a Gouveia
- Apêndice 35 - Proposta para conselho pedagógico
- Apêndice 36 - Planeamento visita de estudo a Gouveia
- Apêndice 37 - Objetivos da visita a Gouveia
- Apêndice 38 - Pedidos de autorização aos encarregados de educação para a visita a Gouveia

Apêndice 39 - Pedido à secretaria

Apêndice 40 - Questionário da visita a Gouveia

Apêndice 41 - Planificação horizontal da visita de estudo à ubi

Apêndice 42 - Pedidos de autorização ao diretor e encarregados de educação para a visita à ubi

Apêndice 43 - Objetivos da visita à ubi

Apêndice 44 - Enunciado da atividade - visita de estudo ubi

Apêndice 45 - Aula de substituição

Apêndice 46 - Visita ao MUD e museu do traje

Apêndice 47 - Cartazes da exposição

Apêndice 48 - Festa da Primavera - Palmeiras Fashion

Observações: Recomenda-se a utilização do programa Windows Media Player na consulta dos Apêndices 11, 15, 23 e 31, e Microsoft Office PowerPoint para os Apêndices 7 e 22.

O presente relatório foi redigido segundo o novo acordo ortográfico